



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA
ESCOLA NORMAL SUPERIOR - ENS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E ENSINO DE CIÊNCIAS NA
AMAZÔNIA
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE CIÊNCIAS NA
AMAZÔNIA**

MARÍA DE LOS ANGELES OLÓRTEGUI AGUINAGA

**A ORIENTAÇÃO SEXUAL COMO TEMA TRANSVERSAL NA PREVENÇÃO DE
VULNERABILIDADES NO ENSINO DE CIÊNCIAS**

**Manaus – AM
2010**



MARIA DE LOS ANGELES OLORTEGUI AGUINAGA

A ORIENTAÇÃO SEXUAL COMO TEMA TRANSVERSAL NA PREVENÇÃO DE VULNERABILIDADES NO ENSINO DE CIÊNCIAS

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia da Universidade do Estado do Amazonas - UEA, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências na Amazônia, na linha de pesquisa Meios e Recursos Didático-pedagógicos para otimização do Ensino de Ciências.

Orientador: Prof. Dr. Augusto Fachín Terán

**Manaus – AM
2010**

Catálogo na Fonte

A283o

Aguinaga, Maria de Los Angeles Olórtegui.

A orientação sexual como tema transversal na prevenção da vulnerabilidade no Ensino de Ciências. / Maria de Los Angeles Olórtegui Aguinaga.. Manaus: UEA, 2010.

137f. ; .il..30cm.

Orientador: Profº. Dr Augusto Fachín Terán
Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências na Amazônia) Universidade do Estado do Amazonas, 2010.

1.Orientação Sexual 2.Transversalidade 3.Ensino de Ciências. 4.Vulnerabilidade 5.Pesquisa 6.Oficina I. Título

CDU 615.851.4

MARIA DE LOS ANGELES OLORTEGUI AGUINAGA

**A ORIENTAÇÃO SEXUAL COMO TEMA TRANSVERSAL NA PREVENÇÃO DE
VULNERABILIDADES NO ENSINO DE CIÊNCIAS**

Aprovada em 26 de Março de 2010: defesa pública na Escola Normal Superior-UEA

Banca Examinadora

Prof. Dr. Augusto Fachín Terán
Universidade do Estado do Amazonas – UEA

Prof. Dr. Amarildo Menezes Gonzaga
Universidade do Estado do Amazonas – UEA

Prof. Dra. Filomena Texeira
Instituto Politécnico de Coimbra- Portugal

Dedico este trabalho à minha maravilhosa família, que me acompanhou nesta longa caminhada: meu lindo filho Carlitos, meu amado esposo Carlos Antônio, meus queridos pais e irmãos

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Jeová, em primeiro lugar, por ter-me dado o dom da vida e pela oportunidade que me concede à cada dia, para colocar em prática meus humildes conhecimentos como psicóloga, ao serviço dos mais vulneráveis, às crianças e aos adolescentes, que enfrentam com coragem e sem perder a alegria de viver, inumeráveis perigos que colocam em risco o seu desenvolvimento físico, emocional social e espiritual, por isso vão para eles meus sinceros agradecimentos e minha eterna admiração por esse maravilhoso exemplo de vida.

À minha família de origem, representada por meus queridos pais, Oscar e Maruja, os quais me ensinaram que o valor da vida não se mede por aquilo que possuímos, e sim por aquilo que construímos através de atitudes e valores como a honestidade a lealdade e a coragem para lutar pelos nossos ideais em benefício dos mais vulneráveis, através de uma atitude pacificadora, mas com firmeza. Também vai o meu agradecimento aos meus maravilhosos irmãos, Guiselita e Oscar Javier, por terem me ensinado a olhar o mundo com sensibilidade e a acreditar no potencial do ser humano para lidar com suas deficiências.

Para minha família atual, um eterno agradecimento pela compreensão e amor, demonstrados nos momentos em que mais precisei deles. Um eterno te amo para meu querido esposo Carlos Antonio, pelos momentos de encorajamento e de proteção ao longo destes dois anos nos quais acordava junto comigo para me embarcar numa cansada viagem de Itacoatiara até Manaus. Para meu filho Carlitos, um grande beijo e um muito obrigado, filho, por me amar tanto

Agradeço aos meus queridos amigos itacoatiarenses, em especial à família Rosas, ao reconhecido professor Itacoatiarense Fermينو, e seu filho, meu grande amigo o Professor MSc Robert Rosas quem, em seus discursos sempre transmitiu sabedoria, amplo conhecimento dos problemas sociais, respeito e um grande dom de serviço, demonstrando em todo momento sua amizade verdadeira.

Meus agradecimentos também vão para minha amiga Dra. Filomena Teixeira reconhecida pesquisadora Portuguesa, na área de Ensino de Ciência e Educação Sexual; pela sensibilidade e delicadeza com que compartilhou comigo seus conhecimentos e experiência

profissional, assim como por ter me proporcionado uma produção bibliográfica valiosíssima a qual enriqueceu a presente pesquisa.

Um muito obrigado também para as professoras que participaram da pesquisa e aos alunos do 7º e 8º ano de Ensino Fundamental por suas valiosas contribuições e, em especial, à minha querida amiga Olivete Lamego, talentosa Diretora da Escola Estadual José Carlos Mestrinho, por sua disposição e generosidade demonstrada para com minha pessoa. Ao Vereador Arialdo, pela humildade demonstrada ao desempenhar tarefas logísticas de muita importância para a concretização desta pesquisa. Enfim, a todos os professores e funcionários, meu muito obrigado por terem acreditado que a escola é um cenário privilegiado para promover mudanças garantindo assim para as próximas gerações um mundo melhor através da prevenção de vulnerabilidades e promoção de atitudes saudáveis.

A todos os professores do programa, agradeço pela dedicação e motivação com que passaram os seus conhecimentos nas diversas disciplinas administradas. Em especial ao meu Orientador, Dr. Augusto Fachín Terán por suas sábias orientações e por ter aceitado o desafio de ser o meu orientador o qual foi um grande privilégio; em primeiro lugar, por ser meu conterrâneo e em segundo lugar por que ambos conseguimos estabelecer uma comunicação prazerosa através do uso da nossa língua materna, o espanhol, o qual possibilitou a concretização de uma boa pesquisa. Agradeço também ao professor Dr. Amarildo Menezes Gonzaga pelas valiosíssimas contribuições dadas no dia da minha qualificação, direcionando o presente estudo.

Finalmente agradeço o apoio institucional da FAPEAM, que me concedeu uma bolsa de mestrado pelo Programa RH – Interiorização. À Universidade do Estado do Amazonas, pela oportunidade de construir meus conhecimentos na área de Ensino de Ciências, assim como pelas passagens concedidas a Cuba, Marrakesh, e Portugal, com a finalidade de apresentar artigos científicos elaborados pelos professores e por nós, alunos do programa de Mestrado Profissional de Ensino de Ciências da Amazônia, ampliando com isto os meus horizontes e os meus aprendizados.

“De tudo ficaram três coisas... A certeza de que estamos começando... a certeza de que é preciso continuar... A certeza de que podemos ser interrompidos antes de terminar... Façamos da interrupção um caminho novo... da queda, um passo de dança... do medo, uma escada... Do sonho, uma ponte... Da procura, um encontro!”

(Fernando Sabino).

RESUMO

Ao tratar o tema Orientação Sexual, busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde que se expressa no ser humano ao longo do seu desenvolvimento físico, psicológico, social e espiritual, através do direito ao prazer e ao exercício da sexualidade com respeito e dignidade. O presente estudo teve como objetivo identificar em que medida a abordagem transversal da temática Orientação Sexual usando a estratégia de oficinas pedagógicas, influenciou nos conhecimentos e nas atitudes de prevenção da violência sexual e pedofilia na internet, em estudantes de uma escola pública da cidade de Itacoatiara, interior do Amazonas. Para tal finalidade foram avaliados 122 alunos, 63 homens e 59 mulheres, com idades de 11 a 14 anos. Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados, a escala de atitudes tipo likert e dois questionários de conhecimentos, confeccionados e validados. O primeiro relacionado aos conceitos de sexualidade e Relações de Gênero e o segundo relacionado aos conceitos de violência sexual e pedofilia na internet. Os instrumentos foram aplicados antes e depois da participação dos sujeitos em duas oficinas pedagógicas com material didático (álbum seriado sobre gênero e histórias que descrevem situações de violência) nas disciplinas de História, Língua Portuguesa, Educação Física e Ciências. Em todos os casos após a participação dos sujeitos de ambos os sexos nas oficinas, a porcentagem de respostas sobre o conhecimento posterior do assunto pesquisado em todas as categorias avaliadas melhorou em relação aos conhecimentos prévios. Assim na categoria conhecimentos sobre sexualidade e relações de Gênero, os escores aumentaram de 32% no pré teste para 80% no pós-teste no sexo masculino e de 42 % para 97% no sexo feminino. Foi detectado que existe relação entre o grau de conhecimento e maior pontuação nas respostas que indicam atitudes de assertividade e prevenção da violência sexual e da pedofilia, como foi observado em 39% das mulheres avaliadas quando comparadas a 16% dos homens na escala de atitudes. Nossa pesquisa contribui para iniciar um trabalho de prevenção de vulnerabilidades desde a escola, e experimentar novas metodologias e recursos didáticos para trabalhar o tema transversal orientação sexual.

Palavras-chaves: Orientação Sexual, Transversalidade, Ensino de Ciências, Vulnerabilidades, Oficinas Pedagógicas.

ABSTRACT

In addressing the topic Sexual Orientation, we seek to consider sexuality as something inherent to life and health that is expressed in humans over their physical, psychological, social and spiritual, through the right to enjoyment and exercise of sexuality with respect and dignity. This study aimed to identify the extent to which cross-thematic approach to sexual orientation using the strategy of educational workshops, influenced by the knowledge and attitudes to prevent sexual violence and pedophilia on the Internet, students in a public school in the city of Itacoatiara interior of Amazonas. For this purpose were assessed 122 students, 63 men and 59 women, aged 11 to 14 years. Were used as instruments for data collection, the likert scale of attitudes and knowledge of two questionnaires, fabricated and validated. The first relates to the concepts of sexuality and gender relations and the second related to the concepts of sexual abuse and pedophilia on the Internet. The instruments were administered before and after the subjects' participation in two workshops with teaching material (flipchart on gender and stories that describe situations of violence) in the disciplines of history, Portuguese Language, Physical Education and Science. In all cases after the participation of individuals of both sexes in the workshops, the percentage of responses on the knowledge of the subject later searched in all categories evaluated improved on previous knowledge. Thus the category knowledge about sexuality and gender relations, the scores increased from 32% at pretest to 80% at post-test in males and from 42% to 97% in females. It was detected that there is a relationship between the degree of knowledge and higher scores on responses indicating attitudes of assertiveness and prevention of sexual violence and pedophilia, as was observed in 39% of the women studied compared to 16% of men in the attitude scale. Our research contributes to initiate work to prevent vulnerabilities from school, and experiment with new teaching methodologies and resources to work cross-cutting theme of sexual orientation.

Keywords: sexual orientation, Transversality, science education, Vulnerabilities, Pedagogical Workshops.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Conhecimento dos estudantes sobre sexualidade em função da série e sexo	p. 61
Tabela 2	Atitudes em relação aos papéis de gênero em função da série e sexo.....	62
Tabela 3	Fatores Externos de Vulnerabilidade da Sexualidade em função da série e sexo	63
Tabela 4	Conhecimento e abordagem metodológica do tema Orientação Sexual pelos professores	64
Tabela 5	Temas do Livro Didático e materiais propostos na oficina 1: sexualidade e Relações de gênero.	67
Tabela 6	Temas do Livro Didático e materiais propostos na oficina 2: violência, Pedofilia e riscos na Internet.	73
Tabela 7	Porcentagem relativa (%) das respostas pré e pós teste ao teste de conhecimento sobre sexualidade e relações de gênero em função do sexo	80
Tabela 8	Porcentagem relativa (%) das respostas pré e pós teste ao teste conhecimento sobre sexualidade e relações de gênero em função das séries.	81
Tabela 9	Porcentagem relativa das respostas pré e pós teste ao Teste de Conhecimento sobre violência sexual e pedofilia na Internet em função do sexo	83
Tabela 10	Porcentagem relativa (%) das respostas pré e pós-teste ao Teste de Conhecimentos, em Violência Sexual e Pedofilia na Internet em função da serie.	85
Tabela 11	Porcentagem relativa (%) das respostas sobre Atitudes pré e pós-teste dos estudantes em função do sexo.	87
Tabela 12	Porcentagem relativa (%) das respostas sobre atitudes pré e pós-teste dos estudantes em função da série.	89

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Professora de ciências trabalhando com os estudantes a dinâmica: Menino ou Menina?	p. 70
Figura 2	Professora de Historia com os estudantes, desenvolvendo a dinâmica “Cesta e Carrinho”.	72
Figura 3	Representações das conseqüências da Violência por aluna de 13 anos	75
Figura 4	Representações de soluções frente à violência por aluno de 12 anos	75
Figura 5	Historia: Os amigos desconhecidos no Orkut, utilizada como material didático na disciplina de Ciências	77
Figura 6	Historia: A Família de João e Joaquina utilizada como material didático na disciplina de Historia	79

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	p. 15
	CAPÍTULO 1	
1	A ORIENTAÇÃO SEXUAL COMO TEMA TRANSVERSAL NA PREVENÇÃO DE VIOLÊNCIA SEXUAL E PEDOFILIA NA INTERNET	19
1.1	A crise dos paradigmas científicos e o surgimento da transversalidade	19
1.2	A Orientação Sexual como tema transversal; uma estratégia na prevenção de Violência Sexual a partir do Ensino de Ciências	23
1.2.1	A Orientação Sexual no Ensino de Ciências no Brasil	24
1.2.2	O Tema transversal orientação sexual nos PCNs de Ensino Fundamental	27
1.2.3	A Orientação Sexual na Prevenção da Violência Sexual e Pedofilia na Internet uma visão de gênero	30
	CAPÍTULO II	
2	PERCURSO METODOLÓGICO	48
2.1	Contextualização e apresentação do problema	48
2.2	Questões Norteadoras	50
2.3	Objetivos	50
2.3.1	Objetivo Geral	50
2.3.2	Objetivos Específicos	50
2.4	Caracterizando os sujeitos	51
2.5	Os instrumentos de avaliação: construção e características psicrométricas	51
2.6	O Diagnóstico Inicial e planejamento da proposta de Oficinas pedagógicas e Material didático	53
	CAPÍTULO III	
3	RESULTADOS E DISCUSSÃO	60
3.1	Diagnóstico inicial dos estudantes e professores	60
3.1.1	Conhecimentos dos estudantes sobre sexualidade em função da série e do sexo	60
3.1.2	Atitudes dos estudantes com relação aos papéis de gênero	61
3.1.3	Identificando os fatores de vulnerabilidade	62
3.1.4	Metodologias utilizadas pelos professores na sala de aula para abordar a temática Orientação Sexual	63
3.1.5	O professor na construção da proposta Metodológica	64
3.2	Desenvolvendo a Oficina Pedagógica 1: Sexualidade e Relações de Gênero	66
3.2.1	Na disciplina de Educação Física	67
3.2.2	Na disciplina de Ciências	69
3.2.3	Na disciplina de História.....	70
3.3.	Desenvolvendo a Oficina Pedagógica 2: Prevenindo a Violência Sexual e a Pedofilia na Internet	72
3.3.1	Na disciplina Língua Portuguesa.....	73
3.3.2	Na disciplina Ciências.....	75
3.3.3	Na disciplina História.....	78

3.4	Avaliação dos Conhecimentos dos estudantes antes e após da Oficina1 em função sexo e da serie	80
3.5	Avaliação dos conhecimentos dos estudantes antes e após da Oficina 2 em função sexo e da série.	82
3.6	Avaliação das Atitudes antes e após das oficinas em função do sexo e da serie.....	85
	CONCLUSÕES, LIMITAÇÕES E CONSIDERAÇÕES FUTURAS	91
	REFERÊNCIAS	95
	ANEXOS	106
	APÊNDICES	126

INTRODUÇÃO

Ao tratar o tema Orientação Sexual, busca-se considerar a Sexualidade como uma necessidade básica do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. Ela é definida por Masters & Jhonson's (2005), como sendo as preferências, predisposições ou experiências sexuais, do indivíduo na experimentação e descoberta da sua identidade e atividade sexual, num determinado período da sua existência. É energia que motiva encontrar o amor, contato e intimidade, e se expressa na forma de afetos, comportamentos e atitudes, sendo vital para o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e espiritual do ser humano, a qual é influenciada pela história, a cultura, a ciência, e pelas experiências individuais expressadas ao longo do seu desenvolvimento. Relaciona-se com o direito ao prazer e ao exercício da sexualidade com dignidade (PCNs, 2000, p. 107).

Nesse sentido, o trabalho de Orientação Sexual na escola se constrói através do processo de análises, de problematizações e de propostas concretas de soluções frente às dúvidas e às necessidades trazidas pelos alunos para dentro da sala de aula; devendo, então, ser trabalhado desde a transversalidade. Isto significa que tanto a concepção quanto os objetivos e conteúdos da Orientação Sexual, deverão ser contemplados pelas diversas áreas do conhecimento, não se restringindo somente ao âmbito individual, muito pelo contrário, contextualizá-la social e culturalmente (PCNs, 1998, p. 307).

Na educação contemporânea o professor tem como objetivo ajudar o estudante na compreensão da realidade, superando o que Delizoicov et al. (2007) chamaram de senso comum pedagógico, preparando os estudantes a se tornarem cidadãos com consciência e com capacidade para participar na tomada de decisões de uma forma fundamentada. Isto pode ser realizado através da elaboração e aplicação de programas educativos de prevenção nas escolas que permitam a conscientização de crianças e adolescentes, a desenvolver atitudes de auto-proteção frente à emergência de problemas como a Violência sexual e a pedofilia na Internet, as quais se constituem em fatores de vulnerabilidade para seu desenvolvimento sexual.

Ao longo destes últimos oito anos, diferentes tipos de problemas foram observados e constatados na minha prática como psicóloga, nas unidades básicas de saúde e nas escolas do Município de Itacoatiara, onde constatei que os direitos das crianças e adolescentes viam-se

violentados, trazendo como conseqüência inumeráveis prejuízos em nível cognitivo, emocional e social, com danos irreparáveis. Essa problemática vivenciada no cotidiano do trabalho foi motivo para a realização desta pesquisa, acreditando que como estudante do mestrado poderia contribuir dentro da linha de pesquisa: Meios e recursos didáticos para otimização do Ensino de Ciências na Amazônia, para o qual foi formulado o seguinte questionamento: Existem metodologias na escola para abordar o tema transversal Orientação Sexual e, no caso delas existirem, de que forma as metodologias utilizadas pelos professores repercutiram nos conhecimentos e atitudes dos alunos frente às vulnerabilidades?

Esse questionamento impulsionou ao desenvolvimento de uma pesquisa que tivesse como proposta uma estratégia metodológica através de oficinas pedagógicas para abordar a temática transversal Orientação Sexual na prevenção de vulnerabilidades no Ensino Fundamental. No levantamento bibliográfico realizado, foram encontradas poucas pesquisas que envolvessem a temática transversal Orientação Sexual na prevenção de vulnerabilidades tais como, Violência Sexual e Pedofilia na Internet desde a escola. Os trabalhos mais relevantes são os de Azevedo & Guerra (2000); Felipe (2006); Faleiros (2008).

Esses autores discutem a violência sexual e a pedofilia desde uma dimensão pós-estruturalista, no discurso da teoria do poder, e somente em Brino & Willians (2008), Padilha (2007), encontramos uma proposta metodológica de prevenção do abuso sexual com professores e adolescentes através de programas instrucionais baseados no modelo behaviorista. Concernente a temas como Sexualidade e Relações de gênero, encontramos os trabalhos de Bem (1983); Louro (2003); Viana & Silva (2008). E em nível de propostas com material didático desde a perspectiva de gênero encontramos Nardi & Campos (2004) e Veiga, et al (2000).

Na busca por literatura produzida no Amazonas sobre o tema de pesquisa, não foram encontrados estudos que abordem essa temática. Por esse motivo, fomos incentivados a pesquisar este tema que deu origem a presente dissertação, para o qual nos formulamos o seguinte questionamento: em que medida a abordagem transversal do tema Orientação Sexual usando a estratégia de oficinas pedagógicas, se vê refletida nos conhecimentos dos alunos e nas suas atitudes de prevenção frente a vulnerabilidades?

O nosso estudo foi realizado no Ensino Fundamental por dois motivos, o primeiro porque encontramos respaldo legal para o trabalho de Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais, e o segundo porque a amostra escolhida era composta por estudantes que se

encontravam na fase final da infância e começos da adolescência; fases ideais para trabalhar essa temática, pois é onde acontecem transformações, dúvidas e inquietações sobre a Sexualidade. Nossa pesquisa teve uma abordagem mista com desenho quali-quantitativa o qual ofereceu valiosas informações organizadas em três capítulos:

No Capítulo I intitulado: A Orientação Sexual como tema transversal na prevenção da Violência Sexual e Pedofilia na Internet, identificamos o contexto em que surge a necessidade da Orientação Sexual como tema transversal para solucionar problemas cada vez mais urgentes e planetários como a violência e a pedofilia na Internet num mundo globalizado. Iniciando-se com a discussão das crises dos paradigmas científicos analisados em Morin (2007) e Bachelard (1996) até chegar ao surgimento da transversalidade, onde são discutidas as idéias de Yus (1998); Moreno (2000) e Busquets (2000). Continuamos com a discussão das orientações metodológicas propostas pelos PCNs de Ensino Fundamental, para prosseguir com a análise da História da Educação Sexual no Brasil, mostrando os discursos que guiaram a prática metodológica, encontrando subsídios nos trabalhos de autoras como Suplicy, (1995); Sayão,(2000) e Louro (2003).

Posteriormente, será abordada a relação entre orientação sexual e prevenção da violência sexual através da discussão de autores em duas categorias. A primeira relacionada a autores que defendem a idéia do trabalho preventivo em sexualidade desde a escola como Gherpelli, Ayres, Brino e Willians; e a segunda categoria que aborda a sexualidade desde numa perspectiva histórico-cultural e de Gênero, onde encontramos os aportes de Foucault, Freud, Scott, Bordieau, Vigarello, Azevedo & Guerra, e Felipe.

No Capítulo II intitulado de percurso metodológico foram abordados os aspectos gerais da pesquisa: problema, objetivos, caracterização dos sujeitos, elaboração de instrumentos, assim como os caminhos percorridos para a elaboração do diagnóstico inicial com os professores e alunos e planejamento da proposta.

No Capítulo III intitulado de: Resultados e discussão da pesquisa foi organizado em três momentos, sendo assim, no primeiro momento são mostrados os resultados do diagnóstico inicial com entrevistas aplicadas a 122 estudantes do 7º e 8º ano de Ensino Fundamental, e a quatro (04) professoras das disciplinas de Ciências, Língua Portuguesa, História e Educação Física. No segundo momento apresentamos os resultados qualitativos e quantitativos da construção e aplicação da proposta em sala de aula, através das observações e opiniões dos alunos

participantes. Na terceira e ultima fase mostramos os resultados das avaliações dos conhecimentos e das atitudes pré e pós- teste em estudantes. Para finalmente apresentar as Conclusões, limitações e recomendações futuras.

Considera-se que o trabalho tem relevância na esfera educativa e científica, em função da elaboração e aplicação de novas metodologias para trabalhar o tema Orientação Sexual desde a perspectiva da Transversalidade através da estratégia de oficinas pedagógicas nas disciplinas de História, Língua Portuguesa e Ciências da Natureza no Ensino Fundamental. Espera-se dessa maneira contribuir com novos caminhos para a formulação de novos programas e metodologias que ampliem o nível e a cobertura na prevenção da Violência Sexual, especificamente no âmbito acadêmico no Município de Itacoatiara no Estado do Amazonas.

CAPÍTULO I

1 A ORIENTAÇÃO SEXUAL COMO TEMA TRANSVERSAL NA PREVENÇÃO DE VIOLÊNCIA SEXUAL E PEDOFILIA NA INTERNET

Neste capítulo procurar-se-á mostrar em que contexto surge a necessidade da Orientação Sexual como tema transversal para solucionar problemas cada vez mais urgentes como a violência sexual e a pedofilia na Internet num mundo globalizado. Iniciando com a discussão das crises dos paradigmas científicos analisados em Morin (2007); e Bachelard (1986) até chegar ao surgimento da transversalidade. Continuando com a discussão sobre orientações metodológicas, propostas pelos PCNs de Ensino Fundamental, para abordar o tema Orientação Sexual e prosseguir com a análise da História da Educação Sexual no Brasil, mostrando os discursos que guiaram a prática metodológica. Finalmente será abordada a relação entre Orientação Sexual e prevenção da violência sexual e Pedofilia na internet através do discurso histórico cultural de gênero na teoria das relações de poder.

1.1 A crise dos Paradigmas Científicos e o surgimento da Transversalidade

A crise dos paradigmas científicos iniciada na era da Modernidade, no século XVI, teve como um dos fatores desencadeante a necessidade de acabar com uma visão mecanicista e fragmentada da ciência, que tinha como seu principal precursor René Descartes. Nesse sentido, para Morin (2007), essa visão enfatizava a exclusão do sujeito, a qual se justificava com bases na concordância de que as experimentações e observações realizadas por diversos pesquisadores permitiriam adquirir um conhecimento prévio. Desse modo, ignorou-se que as teorias científicas não são o reflexo puro e simples das realidades objetivas, mas co-produtos das estruturas do espírito humano e das condições sócio-culturais do conhecimento.

É a partir de meados da década dos anos (30) do século XX, que surge a teoria da revolução científica, com Kuhn (2006), através da introdução do termo paradigma¹ onde o desenvolvimento da ciência não se efetua por acumulação dos conhecimentos, mas por

transformação dos princípios que os organizam. Nesse sentido para Morin (2007, p.54) “a ciência não se limita a crescer, mas em transforma-se”. Nessa mesma perspectiva aparecem as idéias de Bachelard (1996) que se ocupa das análises de processos descontínuos que ocorrem tanto na apropriação de conhecimentos pelos estudantes como na produção científica a qual implica a superação de “obstáculos epistemológicos”².

Conforme Mourão (1998), a história da ciência é composta por constantes transições de paradigmas. O primeiro paradigma surgiu com a revolução copernicana, que permitiu ao homem libertar-se do geocentrismo em que vivia. O homem passou a ser parte do Universo. O segundo foi a revolução cartesiana, que tornou o cosmo acessível à razão. A capacidade de análise lógica fez com que o homem assumisse o domínio da ciência e da técnica e se transformasse no arquiteto de idéias do mundo futuro. O terceiro foi a revolução darwiniana, que reconduziu o homem à natureza e libertou-o do antropocentrismo. O quarto é a revolução sistêmica, que está permitindo reintegrar os conhecimentos como um todo coerente. Assim para Capra (2006), o pensamento sistêmico é “contextual”, por isso se opõe ao pensamento analítico, uma vez que a análise significa isolar alguma coisa a fim de entendê-la.

Fazendo uma ligação entre ciência e educação, Morin nos adverte que o século XX lançou vários desafios, que obrigaram a adequar o ensino e a pesquisa às demandas econômicas, técnicas e administrativas do momento, assim como a situações de emergência planetária que a escola tradicional não conseguia resolver, pois estava baseada em uma educação que separava os objetos do seu contexto. Essa separação e fragmentação das disciplinas são incapazes de captar o que está “tecido em conjunto” (MORIN, 2002). Assim a inteligência separa o caráter complexo do mundo a fragmentos desunidos, ligado a uma forma de pensar sem vitalidade e pouco criativa para encontrar soluções para os problemas mais graves (MORIN, 2002).

Para tal finalidade Morin propõe a emergência de um pensamento contextual³ que globalize e situe um conhecimento num conjunto organizado, o qual se fundamenta no princípio da incerteza e no desafio da religação⁴ como refere o próprio autor: “É preciso religar o que era considerado como separado, e ao mesmo tempo é preciso aprender a fazer com que as certezas interajam com a incerteza” (MORIN, 2002, p.32).

No Brasil, as reformas de ensino surgiram como necessidade de dar respostas aos problemas sociais, produto de uma crise energética mundial que levou à industrialização e à hiperespecialização e que trouxe como consequência um ensino caracterizado por disciplinas

estanques, sem comunicação, que não podiam dar conta dos problemas apresentados. Como consequência disto surge uma postura crítica dos educadores frente ao ensino tradicional chamada de “escola Nova” representado nas figuras de Anísio Teixeira e Lourenço Filho (DELIZOICOV et al. 2007) e, como parte da reforma de Reorientação Curricular surge Paulo Freire, na década de 1970, propondo uma organização curricular interdisciplinar através de temas geradores, como assinala Menezes & Barroso (2006 p. 158): “na sua obra Pedagogia do oprimido, Freire propõe uma construção em conjunto de currículo feito pelo educador e educando, conteúdo que deve ser buscado na realidade vivida”.

Posteriormente na década de 1980, a análise do ensino tradicional passou a ter como tônica o processo de construção do conhecimento científico pelo aluno. Nesse sentido surge a necessidade de um currículo que possa explicar as realidades sociais mais diversas como as desigualdades de gênero, raça, etnia e sexualidade, através de uma postura de currículo multicultural. Nesse contexto surge a interdisciplinaridade e a transversalidade as quais são analisadas pelos PCNs (1995) como realidades próximas, mas distintas: assim a primeira estaria relacionada aos aspectos epistemológicos (isto é, da produção do conhecimento), enquanto a segunda, estaria ligada a aspectos pedagógicos didáticos (isto é, à socialização dos conhecimentos).

Portanto, ambas a transversalidade e a interdisciplinaridade se fundamentam na crítica de uma concepção de conhecimento que toma a realidade como um conjunto de dados estáveis, propondo a necessidade de se considerar à teia de relações entre os seus diferentes e contraditórios aspectos. Porém para compreendermos melhor, discutiremos a continuação a definição de Interdisciplinaridade usando Fazenda e Japiassu. Para Fazenda a interdisciplinaridade é entendida como a construção de conhecimentos que busca o envolvimento, compromisso, e reciprocidade entre as disciplinas (FAZENDA, 1994).

Para Japiassu (1976) a interdisciplinaridade consiste em um trabalho comum, tendo em vista a interação de disciplinas científicas, de seus conceitos básicos, dados, metodologias com base na organização cooperativa e coordenada do ensino, trata-se do redimensionamento epistemológico das disciplinas científicas e da reformulação total das estruturas pedagógicas de ensino, de forma a possibilitar que as diferentes disciplinas se interajam em um processo de intensiva reflexão.

Já a transversalidade ficou entendida como uma metodologia de ensino- aprendizagem, que não está ligada a uma disciplina ou matéria em particular, mas que é comum a todas elas, e que tem como missão o ensinamento de valores para o exercício da cidadania, através da construção de novos conhecimentos capazes de dar solução a problemas emergentes.(PCNs, 1998).

Nesse sentido, a construção do conceito de Transversalidade aconteceu através de duas dimensões, a primeira foi a dimensão metodológica, a qual se deu em base aos questionamentos sobre a forma em que as disciplinas transversais seriam consideradas a partir das áreas curriculares. As respostas a esta primeira dimensão, possibilitou o desenvolvimento da segunda dimensão, a conceitual, através da qual a transversalidade serviu de referencia a uma serie de valores e atitudes, isto é, enfoques axiológicos que impregnariam toda atividade escolar.

Conforme orienta Moreno (2000) para conceber os temas transversais como eixos estruturadores de aprendizagem, é necessário adequar os objetivos e conteúdos à realidade da escola, para isso é preciso previamente estar de acordo sobre a realidade educativa, marcada pelo ambiente sociocultural predominante, meio do qual provêm os alunos e que determinam suas necessidades educativas mais imediatas. Seguindo com a mesma linha de pensamento Yus, (1998, p. 13) diz:

Educar na transversalidade implica uma mudança de perspectiva do currículo escolar, em quanto que vá mais além das simples complementação das áreas disciplinares, trazendo elementos éticos ou sociológicos que levados até suas ultimas conseqüências, removem criticamente as bases da sólida instituição escolar tipo século XIX, para remoçá-la e pô-la a serviço das exigências emancipadoras dos habitantes dessa “aldeia global” que já constitui nosso planeta, onde conteúdos curriculares tradicionais formam um eixo longitudinal [...]

Busquets (2000) corrobora a idéia de que os temas transversais, não pretendem substituir as matérias tradicionais e sim atrelar-se a elas. Nesse sentido, a autora defende a inclusão do tema saúde na escola o qual deverá estar diretamente ligados aos interesses vitais das crianças (bem-estar físico, mental e social), demandando dos alunos uma participação ativa e autônoma em suas atitudes e tomadas de decisões, através de uma busca de novos modos de interpretar e atuar sobre a realidade (BUSQUETS, 2000).

Por outro lado, a perspectiva dos temas transversais nos PCNs é apresentada como proposta de se dar ao currículo uma dimensão social e contemporânea, ao discutir temas relevantes e

urgentes em determinado contexto histórico-social, tais como a violência, saúde, o uso dos recursos naturais e os preconceitos que não têm sido diretamente contemplados pelas áreas tradicionais do currículo. Nesse sentido propõe o trabalho com os seguintes temas: Ética, Saúde, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural e Orientação Sexual (BRASIL, 1995, p. 25).

1.2 A Orientação Sexual como tema transversal: uma estratégia na prevenção de Violência Sexual a partir do Ensino de Ciências

A organização do ensino de Ciências tem sofrido nos últimos anos inúmeras propostas de transformação. Em geral, as mudanças apresentadas têm o objetivo de melhorar as condições da formação do espírito científico dos alunos em vista das circunstâncias histórico-culturais da sociedade. Até os anos 60, por exemplo, o ensino de Ciências passou por uma longa fase em que a ciência era apresentada como neutra e o importante eram os aspectos lógicos da aprendizagem e a qualidade dos cursos era definida pela quantidade de conteúdos conceituais transmitidos. Nos anos seguintes valorizou-se a participação do aluno no processo de aprendizagem do método científico através de atividades práticas de laboratório.

Na década de 70, a crise econômica mundial e os problemas relacionados com o desenvolvimento tecnológico fizeram surgir no ensino de Ciências um movimento pedagógico que ficou conhecido como “ciência, tecnologia e sociedade” (CTS). Essa tendência no ensino é importante até os dias de hoje, pois leva em conta a estreita relação da ciência com a tecnologia e a sociedade, aspectos que não podem ser excluídos de um ensino que visa formar cidadãos.

Nos anos 80 a atenção passou a ser dada ao processo de construção do conhecimento científico pelo aluno e ao surgimento dos temas transversais propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 2000). Essas mudanças têm contribuído consideravelmente para que o ensino de Ciências se renove, deixando de ser apenas “decorativo”, ou só memorístico, e passe a ser cada vez mais dinâmico, voltado para a construção de valores e o exercício da cidadania, onde o estudante seja capaz de participar do processo coletivo de questionamentos, aprendizagens e reflexões sobre as mudanças ambientais e sobre o impacto das novas tecnologias no mundo contemporâneo (PCN's, 2000).

Podendo identificar soluções frente a problemas de urgência social como a violência sexual e a Pedofilia na internet através da abordagem do tema transversal Orientação sexual, o qual tem como objetivos: a) Estimular no indivíduo o exercício da sexualidade com prazer e responsabilidade; b) Incentivar o respeito a diversidade de valores, crenças e comportamentos, reconhecendo e respeitando as diferentes formas de atração sexual e seu direito à expressão, garantida a dignidade do ser humano; c) Reforçar a Valorização do corpo, bem como a saúde como condição necessária para usufruir prazer sexual; d) Reconhecer como construções culturais as características socialmente atribuídas ao masculino e ao feminino, posicionando-se contra discriminações a eles associadas.

É desde a metodologia da transversalidade o tratamento dado aos conteúdos de todas as áreas que possibilita ao aluno a compreensão ampla de tais questões, que incluem a aprendizagem de procedimentos e o desenvolvimento de atitudes saudáveis.

1.2.1 A orientação Sexual no Ensino de Ciências no Brasil

A partir da década do século XX, iniciam-se as discussões, no Brasil sobre a inclusão da Sexualidade no currículo das escolas, gerando diversos enfoques e abordagens em concordância com os movimentos sociais, políticos e as mudanças de epistemologias científicas preconizadas pelo mundo todo. Assim encontramos o discurso científico médico de Freud (1980), que revoluciona, com sua teoria da sexualidade, ao relacionar o desenvolvimento da personalidade da criança a etapas sexuais, assim como também enfatiza a prática sexual como algo saudável em qualquer idade da vida humana.

Por outro lado, surgem as idéias filosóficas de Foucault (1988) que examina as condições históricas que colocam a Sexualidade em discurso, explicitada através de relações de poder. No século XX, as idéias sobre a inclusão da Sexualidade nos currículos escolares surge na França, decorrente da preocupação com as doenças venéreas e a degenerescência de abortos clandestinos (BRITO & CARDOSO, 2009).

No Brasil os primeiros estudos sobre sexualidade têm como precursores os movimentos feministas na década de 20, liderados pela Bióloga Berta Lutz, a qual tentou implantar o ensino oficial da Educação Sexual nas escolas. Como produto disso, entre os anos 1928 e 1930, surgem, nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, movimentos que conduziram o trabalho pedagógico

nas escolas Brasileiras. O primeiro foi o congresso nacional de professores e educadores, como uma proposta para a formação dos adolescentes nas escolas públicas em São Paulo e o segundo, a inclusão no currículo de ensino da temática “Evolução das espécies e da Educação Sexual” em 1930, na Escola Batista no Rio de Janeiro (COSTA, 2002).

Entre os períodos dos anos 30 aos 60, observou-se o silenciamento das práticas educativas produto da repressão preconizada pela igreja católica. Porém, curiosamente, aparecem os livros de sexualidade do Padre Negromonte (apud GONÇALVES, 2008, p. 27) autor do livro “A Educação Sexual” que preconizava conceitos de moral entre pais e educadores. Já no período de 1970, com a lei 5.692/1971 oficializa-se a inclusão da temática da Sexualidade no currículo escolar, sendo que os trabalhos com Educação Sexual no âmbito oficial eram de responsabilidade dos orientadores educacionais e dos docentes das áreas de Ciências ou de Programas de Saúde (VIANA & SILVA, 2008).

No período dos anos 1980, as preocupações sobre orientar sexualidade se intensificam como produto do surgimento da epidemia da AIDS e da gravidez precoce, trabalhos relevantes desde a escola são desenvolvidos por Suplicy (1995) e Sayón (1997). Porém, as temáticas sobre sexualidade estariam a cargo de médicos ou psicólogos nas disciplinas de Ciências da Natureza ou Ciências Biológicas, restritos a conteúdos relativos à reprodução humana (CASTRO et al., 2004; ROSISTOLATO, 2003). Assim, concorda-se com Gondra (2000) para quem a medicina higiênica forneceu um modelo de organização escolar calcado na razão médica, que tinha como utopia produzir uma sociedade higienizada e, para isso, escolarizada, regenerada e homogênea. Nesse sentido afirmam (ALTMAN & MARTIN, 2006, p. 3):

As concepções médico-higienistas, que influenciaram profundamente a política educacional oficial no Brasil no século XIX, também exerceram influência na educação sexual no século XX, que tinha como objetivo o combate à masturbação, às doenças venéreas e o preparo da mulher para o papel de esposa e mãe, procurando assegurar a saudável reprodução da espécie. Hoje, apesar da força das concepções médico-higienistas não ser mais a mesma dos séculos XIX e XX, de uma forma ou de outra, elas estão presentes na escola [...].

Conforme Meyer (1998), os livros didáticos de ciências da 7ª série de ensino fundamental abordam a Sexualidade sob a perspectiva das ciências biológicas, ligadas à puberdade, adolescência, transformações do corpo, assim, por exemplo, no livro de ciências que utilizamos em nossa pesquisa com o 8º ano, as unidades estão citadas da seguinte maneira: “A reprodução

humana”, “Crescimento e mudanças do corpo humano”, “O sistema genital masculino”, “O sistema genital feminino”. Isto no faz deduzir que professores de ciências são os únicos a assumir a condução das aulas sobre sexualidade, pois como já foi sinalizado o conceito de corpo é somente abordado nas disciplinas de ciências (ZESAR, 1997).

Entretanto, já surgiram posturas científicas que criticam a forma do tratamento da escola ao adotar uma postura biológica da sexualidade (CASTRO et al., 2004; LACERDA, 2004; FURLANI, 2003; OLIVEIRA, 1998). Os PCNs se posicionam dessa forma:

Praticamente todas as escolas trabalham o aparelho reprodutivo em Ciências Naturais. Geralmente o fazem por meio da discussão sobre a reprodução humana, com informações ou noções relativas à anatomia e fisiologia do corpo humano. Essa abordagem normalmente não abarca as ansiedades e curiosidades das crianças, nem o interesse dos adolescentes, pois enfoca apenas o corpo biológico e não inclui a dimensão da sexualidade (BRASIL, 1998, p. 29).

Assim, para Suplicy (2000), evidencia-se que na prática escolar, os professores e alunos possuem um conhecimento reducionista e organicista do tema sexualidade. Os ensinamentos da sexualidade são abordados na prática com exclusividade, no ensino de Biologia, nos capítulos dedicados à Sexualidade reprodutiva, dando-se ênfase aos aspetos preventivos de doenças sexuais, deixando-se de lado a pesquisa dos fatores que impedem a prática de comportamentos sexuais responsáveis, assim como as múltiplas dimensões da sexualidade, tais como: a afetiva emocional, política, social e cultural. Dimensões que influenciarão a construção das relações de Gênero, as quais servirão de alicerce para convívios pacíficos e mais humanos, onde as desigualdades sejam transformadas em igualdades.

Nesse sentido, a escola ocupa um lugar preponderante para que aconteçam essas transformações. Assim, concordamos com Louro, quando refere:

Toda e qualquer diferença é sempre produzida no interior de uma dada cultura e o que é valorizado em uma sociedade pode ser desprezado em outra e vice-versa, é na escola, dentro ou fora da sala de aula, que também se aprende sobre as diversidades sociais e culturais e onde, infelizmente, também se aprende a transformar as diferenças em desigualdades. Sendo assim é possível pensar que os currículos de nossas escolas e universidades são uma espécie de texto generificado e sexualizado que colaboram com a construção das relações de gênero em alunos e professores podendo transformar essas diferenças em igualdades (2003, p.46).

Na mesma linha Teixeira (2003), nos adverte que as metodologias usadas pelos professores nas escolas públicas não são as mais adequadas, já que estão relacionadas ao ensino tradicional e também porque o professor não está treinado para trabalhar esta temática em sala de aula, manifestando ter receio de abordar o assunto em função dos seguintes fatores: ser um assunto delicado, falta de preparo e de materiais, principalmente de livros didáticos voltados para o ensino de Educação Sexual nas escolas (TEIXEIRA et al., 2000).

Assim, Costa (2002), sinaliza que as ações educativas para abordar a Orientação sexual, foram destinadas a informar sobre a AIDS, sem contemplar outro tipo de problemática social, sendo abordada através de fontes de informação impressas sem nenhum significado para o aluno, isto é descontextualizada. Ao respeito, refere: “As políticas de prevenção ao HIV/AIDS dominantes nos anos que se seguiram à descoberta da AIDS foram orientadas pela ênfase na transmissão de informações, na responsabilidade individual e no enfoque epidemiológico do risco” (COSTA, 2002 p.15).

Conforme foi analisado, a história da sexualidade no Brasil está atrelada a uma visão médica, epidemiológica, ligada por muitos anos ao Ensino de Ciências e de Biologia nas escolas públicas, através de uma abordagem reducionista, sem contemplar outras dimensões da sexualidade como: a afetiva e a social. Por outro lado, foi evidenciada também a ausência de metodologias eficientes e materiais didáticos para desenvolver um trabalho de Orientação Sexual nas escolas.

Não entanto, surgiram propostas eficientes como as dos PCNs, os quais orientam a abordagem da Sexualidade desde a Transversalidade, alicerçadas em blocos de conteúdos, dos quais se considera que ambos os blocos corpo: matriz da sexualidade e o bloco de Relações de Gênero trazem valiosíssimas contribuições para o trabalho, ao permitir estabelecer uma relação com o fenômeno da Violência Sexual.

1.2.2 O Tema transversal orientação sexual nos PCNs de Ensino Fundamental

Para os PCNs (1995), a finalidade do trabalho de Orientação Sexual é contribuir para que os alunos possam desenvolver e exercer a sua sexualidade com prazer e responsabilidade, o qual deverá estar vinculado ao exercício da cidadania na medida em que propõe o desenvolvimento do respeito a si e ao outro, e contribui para garantir direitos básicos a todos, como a saúde, a

informação e o conhecimento, elementos fundamentais para a formação de cidadãos responsáveis e conscientes de suas capacidades.

Para tal finalidade a proposta dos PCNs para abordar o tema transversal orientação sexual teria como ponto de partida uma metodologia que estimula-se a problematização e o levantamento de questionamentos que permitissem ampliar a bagagem de conhecimentos trazidos pelos alunos para dentro da escola, no intuito de optar por suas próprias decisões. Assim mesmo, o tema deverá ser abordado através de uma proposta pedagógica coletiva, que envolva todas as disciplinas na transmissão de informações atualizadas do ponto de vista científico com explicitação dos diversos valores associados à sexualidade (PCNs, 2000, p.121).

Nesse sentido, o documento propõe um trabalho através de ações preventivas frente às problemáticas como a AIDS, Desigualdade de Gênero, Abuso sexual e Gravidez Indesejada, através de uma abordagem articulada em todas as áreas do currículo, estimulando no aluno a capacidade de refletir sobre sua própria sexualidade e ampliando-o para o desenvolvimento de uma consciência sobre os cuidados necessários.

Ao nível de posicionamento do tema com as áreas tradicionais do currículo, os PCNs propõem que cada uma delas trate a temática dentro da sua própria proposta de trabalho, através de duas modalidades: dentro da programação, por meio dos conteúdos já transversalizados e por extra programação, sempre que surjam questões relacionadas ao tema. Esta proposta guiará assim o trabalho com crianças do primeiro ao quarto ano, sendo que a partir da quinta série, além da transversalização, a orientação sexual comporta uma sistematização e um espaço próprio, a qual se justifica na medida em que os alunos a partir desta série levantam questões mais polêmicas em torno da sexualidade.

Portanto, esta proposta teria como alicerce os blocos de conteúdos propostos para tal finalidade: Matriz da Sexualidade, Relações de Gênero e Prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis, porém não limita a possibilidade de trabalhar outras temáticas, de urgência social e que colocam em risco o desenvolvimento físico, psicológico, social e espiritual de crianças e adolescentes, como é o caso da violência Sexual e da Pedofilia. A respeito desses assuntos os PCNs referem:

Embora os temas tenham sido escolhidos em função das urgências que a sociedade Brasileira apresenta dadas as grandes dimensões do Brasil e as diversas realidades que o compõem, é inevitável que determinadas questões ganhem importância maior em uma região sob a denominação de Temas Locais, os Parâmetros Curriculares Nacionais pretendem contemplar os temas de interesse específico de uma determinada realidade

[...] uma vez reconhecida a urgência social de um problema local, este poderá receber o mesmo tratamento dados aos outros temas Transversais (BRASIL, 1998, p. 34).

Nesse sentido, destacam-se os Blocos do Corpo: Matriz da Sexualidade e Relações de Gênero, os quais serviram como base e guia da nossa pesquisa. No primeiro bloco, denominado de Corpo: Matriz da Sexualidade, os PCNs orientam a estabelecer uma diferenciação entre organismo e corpo. O organismo se refere à estrutura biológica e fisiológica básica dos seres humanos, enquanto o corpo deve ser estudado como um todo integrado a um meio, que sente emoções, sensações de prazer/desprazer e sentimentos. Dentre os conteúdos desse bloco, vale destacar a importância dada aos mecanismos de concepção, gravidez e parto, as diferenças entre o corpo do homem e da mulher, as transformações que ocorrem no corpo durante a puberdade, respeito ao próprio corpo, ao corpo do outro (BRASIL, 1998, p. 35).

Assim as idéias e concepções de corpo deverão ser veiculadas pelas diferentes áreas de conhecimento, como orienta o documento: “A educação física, que privilegia o uso do corpo e construção de uma imagem corporal, é um excelente espaço onde o conhecimento, o respeito e a relação prazerosa com o próprio corpo podem ser trabalhados” (BRASIL, 2000, p.140), assim, por exemplo, para a prevenção de Abuso Sexual com crianças e adolescentes, trata-se de favorecer a apropriação do corpo, promovendo a consciência de que seu corpo lhes pertence e só deve ser tocado por outro com seu consentimento e por razões de higiene.

Isso contribui para o fortalecimento da auto-estima com a conseqüente inibição do submetimento ao outro (BRASIL, 1998). Em Arte seria interessante trabalhar as discriminações, já que os atributos relacionados à sensibilidade artística costumam ser associados ao feminino. No caso de Dança (balé especialmente) a discriminação dos meninos que se interessam por aquela prática é muito evidente e merece ser debatida.

A história das mulheres, suas lutas pela conquista de direitos e as enormes diferenças que podem ser encontradas ainda hoje, nas diversas partes do globo, constituem temas de estudo, tanto em História quanto em Geografia (BRASIL, 1998, p.323).

Ao ser abordado o corpo (infantil e adulto, do homem e da mulher) e suas anatomias internas e externas em Ciências Naturais é importante incluir o fato de que os sentimentos, as emoções e o pensamento se produzem a partir do corpo e se expressam nele, marcando e constituindo o que é cada pessoa.

Por outro lado no bloco “Relações de Gênero” o objetivo está centrado no combate às relações autoritárias, questionamento de padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres e busca de transformação do sujeito. Esse bloco tem como finalidade evitar a rigidez dos padrões de comportamento diferenciados que são impostos às crianças desde muito cedo e que contribui para a acentuação de preconceitos de gênero, através de um trabalho de construção de relações de gênero com equidade e respeito às diferenças (BRASIL, 2000).

Portanto, os conteúdos do bloco Relações de gênero orientam que as articulações sejam feitas nas áreas de História, Educação Física e todas as áreas de convívio escolar, sendo que os professores deverão estar atentos para intervir de modo a combater as discriminações e questionar os estereótipos associados ao gênero evidenciados nos comportamentos e brincadeiras de meninos e meninas (BRASIL, 2000).

1.2.3 A Orientação Sexual na Prevenção da Violência Sexual e Pedofilia na Internet uma visão de gênero

A grande pergunta para os educadores que trabalham com adolescentes é como fazer com que suas intervenções realmente possam contribuir com o adolescente, a fim de conseguir se cuidar e prevenir de situações que coloquem em risco sua integridade sexual e sua felicidade e, ainda, porque para alguns adolescentes, mesmo participando de grupos e tendo acesso às informações sobre prevenção, não conseguem se cuidar e acabam tendo de enfrentar situações de vulnerabilidade constrangedoras. Nesse sentido, se faz necessária uma proposta de prevenção desde a escola, que possa ajudar a esclarecer os objetivos de trabalho junto aos adolescentes sobre a Sexualidade.

Pesquisas relevantes que foram realizadas por Gherpelli (1996); Ayres (2000); Goldberg (1988); e Lisboa (2002) preconizam a responsabilidade da escola na educação preventiva das vulnerabilidades, pois ela se constitui em um local privilegiado, com estrutura adequada para o aprendizado formal, a qual favorece as relações sociais e as trocas intensas de informações e normas de conduta e que, diante de problemas sociais, como gravidez na adolescência, violência sexual e a pedofilia na internet etc., é necessário desenvolver uma cultura que favoreça a adequação do comportamento dos jovens na prevenção, através da transformação de padrões das relações desiguais de poder e dominação. A respeito Gherpelli refere:

A educação preventiva, para ser eficaz, necessita englobar a formação de hábitos, atitudes e valores condizentes com a valorização da vida. Portanto, é imprescindível que o profissional esteja convicto deste direito, e mais: de que ele pode contribuir para esta realização através deste trabalho (GHERPELLI, 2006, p. 7).

Concordamos com Lisboa et al. (2002), para quem a escola deverá oferecer às crianças fatores de proteção que contribuam com a diminuição da violência quanto no impacto dela sobre seu desenvolvimento, através de estratégias de “coping”⁵ mais saudáveis e adaptativas. Assim o sistema escolar deve representar, para as crianças, uma alternativa de apoio e prevenção, principalmente para aqueles estudantes que não encontram em suas famílias a segurança necessária.

Brino & Williams (2003) enfatizam que a escola é o lugar ideal para prevenção, intervenção e enfrentamento da Violência, devendo ter como objetivo garantir a qualidade de vida de seus alunos e a promoção da cidadania. Isto fica claramente definido no Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual Infanto-Juvenil (2001) e no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, Lei 8069/90) cujo objetivo foi estabelecer um conjunto de ações articuladas que permitiram intervenção técnica, política e financeira para o enfrentamento da violência sexual cometida contra crianças e adolescentes.

Este plano estrutura-se em torno dos seguintes eixos estratégicos: Análise da Situação, Mobilização e Articulação, Defesa e Responsabilização, Atendimento, Prevenção, Protagonismo Juvenil, Monitoramento e Avaliação.

No eixo da prevenção, a importância da participação da escola no enfrentamento a esta problemática é amplamente abordada, pois nele é apontado o papel da escola na educação para a cidadania, através de ações que mobilizem as habilidades de autodefesa, à conscientização e à valorização de suas etapas de crescimento. Sugere também o trabalho com os temas transversais, principalmente os referentes a uma orientação ampla da Sexualidade em todas suas dimensões (BRASIL, 2001).

Abropia (2002) também enfoca sobre a importância do papel da escola, quando aponta que uma criança violentada que chega a um hospital com graves lesões, possivelmente já tenha sofrido maus-tratos menos severos sem que a comunidade denunciasse; passou pela escola com evidências sem que nada fosse feito e foi atendida por serviços médicos sem que as providências necessárias fossem tomadas.

Ao respeito, o Estatuto da Criança e do Adolescente (2000, p. 90) nos adverte:

Deixar o médico, professor ou responsável por estabelecimento de atenção à saúde e de ensino fundamental, pré-escola ou creche, de comunicar à autoridade competente os casos de que tenha conhecimento, envolvendo suspeita ou confirmação de maus-tratos contra criança ou adolescente pode levar a aplicação de Pena de multa de 3 a 20 salários de referência, aplicando-se o dobro em caso de reincidência.

Sendo assim os casos de suspeita ou confirmação de maus-tratos contra as crianças ou adolescentes deverão ser obrigatoriamente comunicados ao Conselho Tutelar da respectiva localidade, sem prejuízo e outras providências legais.

Segundo Brino & Willians (2003), numa pesquisa realizada em escolas públicas de São Paulo, em 44% dos casos de abuso sexual o professor foi a primeira pessoa a tomar conhecimento do fato. Os autores encontraram a explicação para isso na estreita relação que existe entre o aluno e o professor, o qual leva a um entrosamento emocional intenso, que é reforçado quando, em casa, os níveis de comunicação e de relacionamento assumem características de punição e de violência; demonstrando-se com isto o importante papel do professor na denúncia sobre a ocorrência de Abuso Sexual, pois ele (a) é quem poderá quebrar o “muro do silencio”.

Desta forma considera-se que a prevenção da violência Sexual na escola deverá ser trabalhada no currículo escolar desde os primeiros anos de Ensino fundamental, se desenhando para tal finalidade metodologias e estratégias que permitam abordar a temática de forma de relacionar os conhecimentos científicos às experiências pessoais, necessidades e problemáticas que o aluno traz para dentro de sala.

Entretanto, ao analisar a literatura sobre o tema, percebemos que a escola encontra-se distante de assumir esta função. Nesse sentido para Nunes & Silva (2006), a escola exerce um papel de silenciadora das inquietações e dúvidas dos estudantes em relação à sexualidade, assumindo dois tipos de postura a primeira, denominada de “postura do bombeiro”, entendida como aquela ação que “apaga focos de incêndios”, no tocante às manifestações sexuais dos estudantes na escola; a segunda, denominada de “postura do avestruz“, na qual a escola assume uma atitude de “fingir que não vê, e tal qual uma avestruz enfia a cabeça para não enfocar o assunto.

Assim, surge a necessidade de se questionar sobre os fatores que contribuíram para uma visão limitada da sexualidade na escola, carregada de sentimentos de culpa e repressão, as quais

obstaculizam até os dias de hoje a capacidade de enxergar a temática desde uma visão libertadora.

Foi nos discursos históricos e filosóficos de Freud e Foucault sobre o corpo e da sexualidade que se encontraram as respostas. De acordo com Foucault (1998), nos últimos três séculos há, em torno do sexo, uma verdadeira explosão discursiva. Há uma variedade de aparelhos inventados para se falar de sexo, fazer falar, escutar, registrar, classificar o que dele se diz, mas, ao mesmo tempo, valorizando-o como segredo.

Nesta explosão discursiva, sem dúvida, há um refinamento do vocabulário utilizado; as palavras para expressá-lo são controladas, definindo-se quando e onde falar dele, em quais situações, quais locutores e interlocutores.

Entre esses aparelhos encontra-se a instituição escolar, a qual tem como missão, a repressão sexual como forma de exortação, fazendo com que a instrução para o exercício do sexo e da sexualidade passe a ser realizado através de múltiplos mecanismos que por um lado preparam poucos (as) para o mando; por outro, adestram muitos (as) para obedecer modelando o corpo até a passividade (FOUCAULT, 1998). Assim este autor encontra explicação a este fenômeno na teoria das relações de poder. Nesse sentido, o poder é transversal e dinâmico, e está em todas as partes, assumindo formas visíveis através das instituições e formas invisíveis nas relações íntimas numa “sociedade disciplinar” como Foucault refere-se:

A sociedade disciplinar utiliza técnicas que são simplesmente denominadas “disciplina”. A disciplina é uma anatomia política do “detalhe”, é dispositivo tático de poder, sustentado por uma racionalidade econômica ou técnica. A disciplina torna-se arte e técnica de compor forças para obter um aparelho eficiente, no interior do qual o “corpo se constitui como peça de uma máquina multissegmentar” (FOUCAULT, 1988, p.148).

Com esta afirmação, Foucault outorga outra dimensão discursiva ao conceito de poder, sugerindo o abandono de certo número de postulados que marcaram a posição tradicional da esquerda como propriedade, localização, subordinação, essência ou atributo, modalidade, legalidade passando para uma análise de poder transversal. Nesse sentido, o poder não tem uma essência, porque é um conceito operatório; não é atributo, trata-se mais de uma relação, um conjunto de forças, que passa tanto pelas forças dominantes como pelas dominadas, constituindo singularidades.

Um caso típico são as “lettres de cachet”⁶ analisados por Foucault e a historiadora Farge (WELLAUSEN, 2007) as quais tratavam sobre o pedido de confinamento que o povo Francês solicitava ao rei da França no século XVIII, em relação às pessoas denominadas de “elementos perturbadores” por estar envolvidos em casos de embriaguez, desordem, violência dos pais com os filhos, conflitos, violência marital, loucura; assim estes fatos mostram segundo Foucault que a arbitrariedade do rei não era decorrência de um atributo de seu poder transcendente, mas brotava da solicitação dos mais humildes (parentes, vizinhos, colegas) dando nascimento ao sistema correcional do corpo onde a reclusão determinada pela ordem do rei torna-se educativa, procurando menos estigmatizar os maus indivíduos através do castigo físico, e mais conduzi-los ao arrependimento pela privação da liberdade. Como refere Wellausen (2007, p.08):

Foucault procura encontrar mecanismos de poder, cujo modelo não é um aparelho de Estado, pois o que está em jogo é o entrelaçar de interesses e táticas. Ele quer mostrar um poder menos opressivo e mais incitativo, porque a intervenção do poder público na vida privada transforma os agentes particulares em públicos, instigando-os a confessar seus segredos mais íntimos.

Por outro lado na perspectiva psicanalítica, defendida por Freud (apud WEREBE, 1998, p. 22) depara-se com um reexame radical do próprio conceito de sexualidade ao propor que “os indivíduos não são pré-determinados como produtos de imperativos biológicos e também não são simples efeitos das relações sociais”. Há uma esfera do inconsciente com sua própria dinâmica, regras e história, onde as possibilidades do corpo adquirem significações.

Com este olhar percebe-se a sexualidade humana como algo pertencente ao sujeito que tem desejos, como impulso vital e busca incessantemente do prazer e fuga da dor, porém que a sociedade contém sublimando-as por práticas sociais edificantes, canalizadas para a manutenção da realidade. Nesse sentido concorda-se com Nunes quando refere que:

Dentro desse processo de repressões e frustrações a educação na família teve papel fundamental no processo do desenvolvimento sexual da criança, ela educava para controlar os sentimentos a partir da repressão, reprimindo os instintos para que só existissem comportamentos adequados para a sociedade. A figura do pai representava o medo, o castigo e a proteção da fragilidade, quanto maior esse sentimento de medo, maior a eficiência do controle social. A figura desse pai também seria representada posteriormente na escola, na fábrica e na sociedade geral como mantenedora da produtividade do trabalho: satisfação econômica versus insatisfação erótica. (1999, p.116)

A psicanálise entende que “a repressão sexual é condição de vida em sociedade”. Assim, as sociedades estruturam-se reprimindo os instintos básicos, sexuais e violentos através da racionalização dos conflitos não resolvidos.

Após encontrar em Freud e Foucault, a análise sobre a evolução histórica e social do conceito de sexualidade e de corpo, finalmente aprendeu-se que é no século XX que a educação sexual ingressa na Sociedade Brasileira, carregada de repressão e submissão através de três etapas sucessivas: a primeira através do modelo médico-higienistas para combater as doenças venéreas e preparar a mulher para o papel de esposa e mãe. Sempre com objetivos de “saúde pública” e de “moral sadia”, procurando assegurar-se à saudável reprodução da espécie (GUIMARAES, 1995).

A segunda através do controle da família canônica, onde a igreja católica assume o controle da educação, colocando-se a favor da educação no lar, afirmando que deveria caber aos pais a formação sexual da criança, assim o pai deveria educar o menino e a mãe deveria educar a menina, podendo contar com o auxílio do sacerdote confessor (VIDAL, 2008).

A terceira se dá através das políticas de controle da natalidade por meio da introdução ao mercado da pílula anticoncepcional, submetendo e moldando os corpos femininos ao modelo capitalista, pois o poder político encontrou a saída perfeita para as demandas dos grupos de feministas que propugnavam por direitos de igualdade em todas as esferas, outorgando-lhes métodos para não engravidar e assim submetê-las ao modelo econômico de produção (VIANA & SILVA, 2008).

Nesse contexto surgem diversas teorias que tentam explicar essas relações de dominação e submissão nesse processo histórico, surgindo assim o conceito de gênero como construção social a qual é exercida através de relações de poder (SAFFIOTI, 1995, p. 23). Sendo assim a noção de inferioridade feminina e superioridade masculina é uma das conseqüências dessa relação, uma vez que a consolidação da supremacia masculina ocorre no contexto da sociedade. Por conseguinte é nessa dimensão relacional que os princípios constituintes do gênero definem os aspectos da construção da identidade, tomando o corpo como suporte. Esta definição de identidade é influenciada pelas imagens do masculino e do feminino, que acabam por interiorizar/internalizar os papéis a serem cumpridos, apesar de suas variações em decorrência das diferenças culturais.

Para Scott (1995, p. 89), o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, que “fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana”. Na visão da autora, o gênero, ao enfatizar o caráter fundamentalmente social das divisões baseadas no sexo, possibilita perceber as representações e apresentações das diferenças sexuais. Destaca, ainda, que imbricadas às diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres estão outras social e culturalmente construídas.

Concorda-se com Bourdieu (1995) quem lembra que o mundo social constrói o corpo por meio de um trabalho permanente de formação e imprime nele um programa de percepção, de apreciação e de ação. Nesse processo, as diferenças socialmente construídas acabam sendo consideradas naturais inscritas no biológico e legitimador de uma relação de dominação.

Nessa mesma linha surgem as teorias que tentam explicar como acontece a partir destes modelos de relações de desigualdades exibidas, a violência de gênero a qual se verá refletida nos comportamentos de submissão das crianças e dos adolescentes frente a ameaças e manifestações de violência acontecidas dentro do ambiente familiar ou fora dele, o qual se constitui em um dispositivo que paralisa qualquer tentativa de defesa. Dar-se-á início à descrição da teoria do esquema de gênero por modelagem sexual, que permitirá entender como todo comportamento de submissão pode ser aprendido e, por conseguinte desaprendido através do processo de desconstrução de modelos. Assim Bem (1983, p.10) refere:

Neste sentido a modelagem sexual se dá a partir da instauração de processos de esquematização de gênero, considerando que as crianças codificam e organizam informações baseadas nas definições culturais de macho e fêmea, sendo assim a criança capta a rede heterogênea de relações a ele associadas, propiciando-lhe a avaliação e o processamento de novas informações; isso porque, entre um esquema de gênero e as informações recebidas pelo sujeito, ocorre um processo de interação, tornando sua percepção seletiva, a qual é algo que se aprende e, portanto, que não é algo inevitável e inalterável.

Conviver com a violência imposta pela socialização desigual e sexista de gênero desde tenra idade faz com que as práticas abusivas sejam naturalizadas e banalizadas. Essa aprendizagem acontece a partir da vivência de relações abusivas, como ator, vítima e testemunha da violência nas relações familiares e sociais (KOLLER, 1999). Testemunhar violência de forma reiterada pode conduzir às crianças a acreditarem que a violência é um componente normal em

uma relação conjugal, de que não há outros tipos possíveis de relação entre homens e mulheres e que estas devem se submeter.

Estas violências são naturalizadas e retificadas pela cultura sexista através da prescrição de papéis sociais e familiares, as regras da subordinação e da obediência são absorvidas como fazendo parte da dinâmica familiar e como algo que não poderia ser evitadas (KOLLER, 1999; STREY, 2000). Determinadas situações, ainda que violadoras das subjetividades e dos direitos das mulheres e das crianças, como o abuso sexual, são suportadas a fim de que a família permaneça ‘intacta’ (CARDOSO, 1997). Assim os aspectos da cultura adultocêntrica⁷ favorecem a continuação do fenômeno de violência (AZEVEDO & GUERRA, 1995; NARVAZ, 2002).

Para Azevedo & Guerra: (2000), a violência intra-familiar tem como base as crenças instituídas no sistema inter-relacional e transgeracional⁸ familiar, como por exemplo, a obediência total da esposa ao marido que a usa para satisfazer seus desejos sexuais de acordo com suas necessidades. Nessa mesma linha Felipe⁹ (1999), nos lembra que através dos tempos e nas mais diversas culturas, as mulheres, desde meninas, são educadas para responderem às necessidades dos homens e não a si próprias.

Conforme Vigarello (1998) outro fator preponderante, produto da violência de gênero, é que as mulheres e meninas têm, ainda, sido vistas como “provocadoras, sedutoras” e, portanto, culpadas pela violência que sofrem em efeito a ideologia “machista” impregnada de poder que está em todas as partes, impregnada nas instituições públicas como delegacias, hospitais, escolas, e com maior intensidade na instituição familiar, tudo o qual justifica o porquê as vítimas se calam e não denunciam.

De acordo com Faleiros (2000), a violência contra crianças e adolescentes sempre se manifestou em todas as classes sociais de forma articulada ao nível de desenvolvimento civilizatório da sociedade, relacionando-se com a concepção de sexualidade humana, compreensão sobre as relações de gênero, posição da criança e o papel das famílias no interior das estruturas sociais e familiares. Desta forma, deve-se entendê-la “em seu contexto histórico, econômico, cultural e ético” (FALEIROS, 2000, p. 17).

Uma vez identificada como se constrói a violência de gênero, contextualizar-se-á a violência sexual. Assim para Narvaz (2005, p.38), o termo “violência” tem sua origem no latim “violentia”, que significa “ato de violentar, constrangimento físico ou moral, ao qual pode se acrescentar a coação ou coerção psicológica”. Assim, a violência é uma relação de forças na qual

há um desequilíbrio ou um abuso de poder, na qual estão presentes e se confrontam atores, forças com pesos e poderes desiguais, de conhecimento, experiência e maturidade. Assim Minayo (2001, p.32) refere:

[...] a violência contra crianças e adolescentes é todo ato ou omissão, cometido pelos pais, parentes, outras pessoas e instituições capazes de causar dano físico, sexual, e ou psicológico a vítima. Implica de um lado uma transgressão no poder, dever de proteção do adulto e da sociedade em geral, e, de outro uma coisificação da infância. Isto é uma negação do direito que crianças e adolescentes tem de serem tratados como sujeitos e pessoas em condições especiais de crescimento e desenvolvimento.

Libório & Sousa (2004) classificaram as violências em categorias como: violência estrutural, violência social e violência interpessoal. Nesta última encontrou-se a Violência intra-familiar, ou violência familiar, a qual é um tipo de violência exercida entre membros de uma mesma família (CORSI, 2003; RAVAZZOLA, 1997). Dentre as categorias classicamente estudadas de violência familiar contra crianças e adolescentes encontrou-se a violência física, a violência psicológica ou emocional, negligência, abandono e violência sexual, assim sendo, esta última será o objeto deste estudo.

A violência sexual: consiste não só em uma violação à liberdade sexual do outro, mas também em uma violação aos direitos humanos de crianças e adolescentes. De acordo com o código penal, presume-se ocorrência de violência em qualquer ato sexual praticado por pessoas maiores de idade com pessoas de idade inferior aos 14 anos.

Para Faleiros (2008), a violência sexual, ou abuso sexual, é uma forma de violência interpessoal que geralmente ocorre no âmbito familiar e doméstico contra crianças e contra adolescentes, se constituindo em uma violação ao direito à sexualidade segura e a convivência familiar protetora. A violência sexual é geralmente classificada nas modalidades: abuso sexual intra-familiar, extra-familiar e exploração sexual comercial, prostituição, pornografia (a qual será abordada na secção que corresponde a Pedofilia), turismo sexual e tráfico de pessoas.

Assim entende-se como abuso sexual toda exposição de uma criança à estimulação sexual e todo e qualquer ato perpetrado por determinado sujeito que, valendo-se de uma posição de maior poder sobre outrem, impõe práticas sexuais que incluem a sedução, o assédio, o toque, o voyeurismo e o exibicionismo, a exposição à pornografia, o intercurso oral, anal, o estupro e a exploração sexual comercial, com ou sem a utilização de força física a fim de obter prazer e estimulação sexual. Tais práticas não são consentidas ou sequer compreendidas pela vítima da

violação, dado seu nível de desenvolvimento, no caso das crianças e adolescentes, ou sua condição de ‘menor poder’ (FALEIROS, 2008, p. 40).

O abuso sexual intra-familiar: também chamado de abuso sexual incestuoso, é qualquer relação de caráter sexual entre um adulto e uma criança ou adolescente ou entre um adolescente e uma criança, quando existe um laço familiar (direto ou não) ou quando existe uma relação de responsabilidade. Na maioria dos casos, o autor da agressão é uma pessoa que a criança conhece, e em quem confia e a quem, freqüentemente ama. O abusador quase sempre tem uma relação de parentesco com a vítima e dispõe de certo poder sobre ela, tanto do ponto de vista hierárquico e econômico (pai, padrasto e menos eventualmente mãe), quanto do ponto de vista afetivo (irmãos, primos, tios e avós) (ABRÁPIA, 2002; COHEN, 1993; FALEIROS, 2008).

Abuso sexual extra-familiar: é um tipo de abuso sexual que ocorre fora do âmbito familiar. Também aqui o abusador é, na maioria das vezes, alguém que a criança conhece e em quem confia: vizinhos ou amigos da família, educadores, responsáveis por atividades de lazer, médicos, psicólogos e psicanalistas, líderes religiosos. Eventualmente, o autor da agressão pode ser uma pessoa totalmente desconhecida. Os exemplos são os casos de estupros em locais públicos (FALEIROS, 2008, p. 41).

Exploração Sexual Comercial: É definida como “uma relação de mercantilização (exploração/ dominação) e abuso (poder) do corpo, de crianças e adolescentes (oferta) por exploradores sexuais (mercadores). Nesse sentido a exploração sexual comercial ocorre em um mercado específico, o mercado do sexo. Este mercado abrange, de forma articulada o comércio do sexo e a indústria pornográfica, assim para OIT, (Organização Internacional do Trabalho) a exploração sexual é uma forma moderna de escravidão¹⁰, se constituindo em uma das piores formas de trabalho infantil (FALEIROS, 2008, p. 42). Assim a prostituição é definida como a atividade na qual atos sexuais são negociados em troca de dinheiro, da satisfação de necessidades básicas (alimentação, vestuário, abrigo) ou do acesso ao consumo de bens e serviços, assume a modalidade de “programas” podendo ser exercidas por garotos ou garotas nas ruas, estradas, barcos. Para Faleiros essas crianças atuam “em regime de escravidão havendo-se observado maior incidência na Região Norte envolvidos em articulações do turismo sexual e do tráfico para fins sexuais” (FALEIROS, 2008, p. 43).

O Turismo Sexual: pode ser autônomo ou vendido em excursões e pacotes turísticos, que prometem e vendem prazer sexual “organizado”. É o comércio sexual, em cidades turísticas

nacionais e estrangeiras, e principalmente entre as mulheres jovens de setores pobres e excluídos, especificamente de países do Terceiro Mundo.

Tráfico de pessoas para fins Sexuais: De acordo com as Nações Unidas tráfico de pessoas significa recrutamento, transporte, transferência, abrigo e guarda de pessoas por meio de ameaças, uso da força ou outras formas de coerção, enganação ou abuso de poder (FALEIROS, 2008). Assim a Assembléia das Nações Unidas em 1994 definiu o tráfico de pessoas como:

O movimento clandestino e ilícito de pessoas através de fronteiras nacionais, principalmente dos países em desenvolvimento e de alguns países com economias em transição, com o objetivo de forçar os adolescentes a entrar em situações sexualmente ou economicamente opressoras e exploradoras, para lucro dos aliciadores, traficantes e crime organizado.

A literatura brasileira em relação aos dados epidemiológicos sobre o abuso sexual não são abrangentes, a maioria deles correspondem a locais isolados e amostras parciais. Além disso, os dados levantados em delegacias, conselhos tutelares e ambulatórios não refletem a realidade das ocorrências, pois ainda não existe uma conscientização em nossa sociedade para denunciar os casos de violência sexual seja por medo, ou sentimento de culpa o qual produz uma atitude de conformidade diante de uma situação que é avaliada cognitivamente como impossível de modificar (CORSI, 2003; MILLER, 2002).

Estudos realizados pelo Instituto Médico Legal (IML) do Programa de Atenção a Vítimas de Abuso Sexual (PAVAS) em São Paulo em 2007 confirmam as observações anteriores, ao constatar que 15% de casos de violência sexual atendidos no instituto foram cometidos por pessoas que formavam parte do sistema familiar da criança, 69,6% foi o pai, 29,8% o padrasto, e 0,6% o pai adotivo, o qual corrobora as afirmações anteriores ao se constatar que a violência permanece oculta de forma “silenciosa” por medo ou vergonha (SAFIOTTI, 1996).

Drezett (2000) analisou 1.200 casos de violência sexual documentados no Hospital Pérola Byington em São Paulo constatando que em 84,5% dos casos de violência sexual contra a criança o agressor era conhecido da vítima, sendo que em 21,7% o pai era o agressor, em 16,7% o padrasto, em 1,6% o pai adotivo, em 11,6% era o tio, em 10% o avô, em 16,7% o vizinho e em 21,7% o agressor era outro conhecido da família. A incidência de abuso sexual no círculo familiar é bastante superior aos casos de abuso extra-familiar, sendo que este último ocorre em apenas 15% dos casos notificados.

Em relação à identificação de meninos ou meninas vítimas de abuso sexual, as pesquisas apontam que são as meninas as que aparecem como as maiores vítimas na maioria dos casos. Como é demonstrado pelo estudo realizado pela ABRAPIA¹¹ em 2002, onde revelaram que aproximadamente 165 crianças ou adolescentes sofrem abuso sexual por dia, dos quais 46% são meninas e 29% são meninos, com tudo as estatísticas não são dados absolutos visto que muitas crianças só revelam o fato na idade adulta.

Azevedo & Guerra (apud IPPOLITO, 2003, p. 20) também documentam que “a grande maioria das crianças e adolescentes abusadas são meninas na idade entre 7 e 14 anos. No Brasil, estima-se que uma em cada três ou quatro meninas e jovens é abusada sexualmente antes de completar os 18 anos”.

Outra pesquisa sobre incidência de abuso sexual entre crianças e adolescentes realizada pela UNESCO em 2006, em escolas públicas de todo o território nacional revelou que as ocorrências foram mais registradas pelos alunos de Cuiabá (12%), São Paulo (11%), Manaus (11%) e Distrito Federal (9%) (ABRAMOVAY et al., 2004).

Em Manaus, o Serviço de Enfretamento ao Abuso e à Exploração Sexual contra a Criança e Adolescente (Sentinela) registrou um aumento de 86% (n=305) de casos de notificações de violência sexual contra crianças e adolescentes no primeiro semestre de 2008, em relação aos 226 casos registrados em 2007 (CARVALHO, 2008).

Dados da Delegacia Especializada em Proteção à Criança e ao Adolescente em Manaus (DEPCA) sinalam que em 2007 foram registrados 2.347 casos de crianças e adolescentes vítimas de violência física e/ou psicológica; 875 casos de violência sexual; 494 casos de exploração do trabalho e 06 casos de outros tipos de violência. Por outro lado quando comparados os dados de 2007 (n=2347) com os de 2006 (n=2295) e 2005 (n=935) respectivamente, encontramos um aumento significativo de notificações sobre violência (CONASS, 2008).

Em Itacoatiara o Programa Sentinela (2009) reportou 200 casos de abuso sexual em meninas de 10 a 13 anos, os dados mostram que dos 200 casos, 80 foram cometidos pelo padrasto; 50 pelo pai; 50 por vizinhos ou amigos próximos da vítima e 20 casos foram cometidos por desconhecidos.

Finalmente em relação às políticas e ações no enfrentamento da violência sexual em nível Nacional, podemos dizer que no Brasil o fenômeno da violência e do abuso sexual contra crianças e adolescentes começam a ser incluídos a partir da década dos 90, como preocupação

efetiva na agenda da sociedade civil e como política pública (Guia de Referência, 2008) assim temos que entre:

1985 – 1990 - I Fórum Nacional de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente. Criação de entidades de atenção aos maus-tratos na infância como CRAMI, ABRAPIA e Centro Brasileiro da Criança e do Adolescente; Inclusão dos direitos das crianças na Constituição Federal (artigos 227 e 228) e no Estatuto da Criança e do Adolescente.

1991 – 1993 - Criação do Conselho Nacional dos Direitos da Criança – CONANDA

1994 – 1996 - Organização de Centros de Defesa da Criança e do Adolescente – CEDECA, com o apoio da UNICEF; É realizado em Estocolmo – Suécia o Primeiro Congresso Mundial contra Exploração Sexual Comercial de Crianças e Adolescentes.

1997 – 1999 - Em 1997 é criada a Rede de Informações Sobre Violência Sexual de Criança e Adolescente – RECRIA, com o apoio financeiro do Ministério da Justiça/Departamento da Criança e do Adolescente e da UNICEF.

2000 – 2002 - O governo federal cria o Programa de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, que se tornou conhecido como Programa Sentinela, com objetivo de prestar atendimento psicossocial às crianças em situação de violência. É realizado, em dezembro de 2001, o II Congresso Mundial contra a Exploração Sexual Comercial de Crianças e Adolescentes, em Yokohama, Japão. É assinado em 2001, o Pacto São Paulo.

2003 – 2005 - O Ministério da Educação e a Partners of the Americas lançam em 2004, o Programa Escola que Protege, com o objetivo de oferecer informações e subsídios para os educadores atuarem na prevenção e no combate à violência sexual. O governo federal passa a gerenciar o serviço de Disque Denúncia para casos de violência e maus-tratos contra crianças e adolescentes. Hoje, o serviço atende pelo número 100.

2006 – 2008 - Organizações não-governamentais, governamentais e a Frente Parlamentar em Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente divulgam, em 2007, o documento “Quando a vítima é a criança e o adolescente: combater a impunidade é garantir a proteção.

Em 2008, o Senado instala uma CPI para investigar os crimes de pedofilia no País. O Brasil sedia, em novembro de 2008, no Rio de Janeiro, o III Congresso Mundial de Enfrentamento da Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes.

Como se pode observar, ao longo destes 20 anos, diversas ações surgiram dentro do Plano Nacional de enfrentamento da violência sexual, contra crianças e adolescentes, devendo

ressaltar que há pouco tempo foi inserida a pedofilia como preocupação Nacional, sabe-se que os avanços formam efetivos porém os dados aumentam de forma alarmante, é então que consideramos que nossa luta deverá continuar desde as bases iniciais, isto é, desde a escola.

Por outro ao falarmos o fenômeno da Pedofilia na Internet é discutido através de inumeráveis artigos, assim num artigo recente escrito pelo conotado professor Amazonense Judi Oda (2009) intitulado: “Meninas do Amazonas e os Pedófilos no Poder”¹² encontraram-se o lamentável fenômeno da corrupção e da pedofilia no interior da esfera política, perpetrada por Senadores, e Deputados os quais ficam impunes, através de intensas manobras realizadas para retirar os seus “nomes” dos relatórios da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) sobre Exploração Sexual. Notícia que se entrelaça às surpreendentes informações desvendadas num importante documentário “Cinderelas, Lobos e um Príncipe Encantado”¹³ do premiado diretor Joel Zito citado por Oda, a qual tem como objetivo desvelar os fatores envolvidos no turismo sexual no Brasil, encontrando entre muitos dos fatores uma ideologia de poder que transformou o direito do prazer e da dignidade da sexualidade em um bem de consumo.

É com esse comentário e reflexão que se contextualizará a internet como cenário privilegiado das comunicações, que estão cada vez mais presente na vida das crianças e adolescentes seja para comunicar, ensinar, divertir ou no dizer de Jane (2008) para exercer um “poder de controle sobre eles” servindo de aliada ao mercado obscuro da pornografia e da pedofilia.

Nesse sentido concorda-se com Prá Negrão (2005) para quem a internet iguala-se às outras novas tecnologias da informação, podendo constituir-se em forma de emponderamento e desenvolvimento democrático e formação de capital social (solidariedade, cooperação, confiança, ajuda mútua) auxiliando na construção do conhecimento, como também pode ser utilizada com fins de violação de privacidade, corrupção e destruição de valores éticos calcados nos direitos humanos através de uma dinâmica intensa de poder exercida pelo controle que assumem nas mentes e nos comportamentos dos indivíduos como serão analisados nas pesquisas a continuação.

A organização não governamental Safernet Brasil (2009) revelou que a maioria das crianças entre 10 e 12 anos utilizam diariamente a internet, e os espaços virtuais de chat para se comunicar com pessoas conhecidas ou desconhecidas, originado com isso o aumento dos riscos

para os crimes sexuais perpetrados por pedófilos, segundo esta organização, mais de 60% dos pedófilos usam o MSN e o Orkut (TAVARES, 2009).

Essas redes tornam-se perigosas no dizer de Macluhan (2001), ao expor crianças e adolescentes às imagens e mensagens de violência e sexo, pedagogicamente não recomendadas às faixas etárias descontextualizadas e em qualquer horário. Muitas vezes fora de casa, longe do olhar e da orientação dos pais e movidos pela curiosidade natural à idade, eles acessam sites, lêem e-mails, alimentam perfis no Orkut, recebem e enviam fotografias, inclusive deles mesmos.

Para Nicolaci-Da costa (2007) um dos fatores que dificultam o combate à pedofilia é a distância entre o virtual e o real. As conversas que pedófilos têm entre si em salas de bate-papo na rede não são ilegais. Porém, essa prática pode ser perigosa para as vítimas especialmente adolescentes por que causa danos morais e emocionais, existindo ainda o risco de que suas imagens, uma vez divulgadas em rede mundial, atraiam pessoas inescrupulosas e mal intencionadas do mundo real, que queiram se utilizar delas para fins de pornografia.

Nesse sentido se pergunta qual seria o discurso apropriado que nos permitirá compreender de que forma o fenômeno da pedofilia vem ganhando espaços consideráveis na sociedade, colocando em perigo constante o desenvolvimento sexual de crianças e adolescentes. Considera-se que um discurso da “tecnologia do poder” poderá ser a mais adequada.

Assim, encontram-se mais uma vez, respostas às inquietações na teoria Foucaultiana para explicar como a moderna ciência das comunicações tem como antecessora o modelo do Panóptico¹⁴ de Jeremy Bentham (2008), modelo este que foi ideado pelo filósofo inglês como sistema de prisão dentro de uma disposição circular das celas individuais para resolver com isto os problemas de vigilância contextualizada na segunda metade do século XVIII após a Revolução Francesa.

Neste modelo os ambientes obscuros deveriam ser eliminados dando lugar a “transparências e visibilidades”, e fazer com que não haja mais espaço onde se fomente o arbítrio político, substituindo com isto o modelo de prisão das masmorras. Assim com esta nova estratégia para vigiar indivíduos, a visibilidade se torna uma armadilha onde ao organizarem-se espaços através de celas, os prisioneiros podem ser vistos, porém, não o selador. Garantindo com isto a ordem numa hierarquia de poder onde o mais importante é que o indivíduo se sinta vigiado do que o próprio ato de vigiar.

Conforme Foucault com este modelo institucionalizou-se o processo “disciplinar” que reforça as relações de dominação e submissão e alcança o seu apogeu no princípio do século XX, onde o princípio disciplinar de vigilância é substituído pelo princípio de controle através dos meios de comunicação definidas pelo autor, como “tecnologias políticas do corpo”, a qual poderia ser parafraseada, como tecnologias articuladas dentro de novos dispositivos de controle. O computador através da Internet modelará os corpos e os desejos das crianças e adolescentes ao mundo da pedofilia, invadindo os seus espaços mais íntimos através de estratégias psicológicas de sedução dentro do processo de relações de desigualdade, características da violência de gênero.

Para Jane (2006), o conceito de pedofilia deverá ser ressignificado a partir de uma visão cultural de gênero numa abordagem pós-estruturalista, a qual abrange muitas dimensões e categorias de análise, sem limitar-se a uma definição tradicional de saúde ou doença; normal ou patológico, dualidade características do pensamento dicotômico cartesiano. Assim para a autora a pedofilia alcança seu lugar de exercício e de experimentação do prazer e fantasias através do mundo informatizado por meio do computador e da Internet, fenômeno social que serviu de base para gerar uma nova concepção de infância produzida nas relações de consumo, abandonando com isto a concepção tradicional trazida pelo Iluminismo¹⁵.

Estas novas relações de consumo não têm outro objetivo, senão o de colocar as crianças como objetos de experimentação do desejo sexual do mundo adulto por meio de relações de poder engendradas no aparelho estatal numa mensagem de duplo vínculo. “Se, por um lado, assumem uma posição paternalista com o nome de “políticas públicas”, como forma de prevenção na defesa dos direitos de crianças e adolescentes, por outro, assumem uma postura de pai punitivo, imprimindo nos corpos das crianças o modelo analgésico da submissão característica da visão disciplinar do século passado utilizadas para “educar o corpo” limitando com isto as capacidades conscientes e criadoras para a ação reflexiva. Modelo que será reproduzido posteriormente pelas crianças através de relações simbióticas¹⁶ de dupla dependência, de um lado o computador ou outros meios de comunicação e de outro lado o agressor, o pedófilo. Materializando-se a função de vigilância através das novas tecnologias, onde as celas de Bentham foram trocadas por aparelhos eletrônicos de última geração.

Nessa perspectiva se tem uma análise macro e micro social de poder, onde são encontrados pedófilos como “indivíduos” e como sistema econômico, político e cultural. Como é

evidenciado através da publicidade e suas principais armas mortíferas “a propaganda”, tanto impressas quanto às veiculadas na Televisão, na rádio, na Internet, nos celulares, as quais utilizam convincentemente o recurso de exibição dos corpos femininos com forte mensagem subliminal de erotismo através de propagandas de cervejas, carros, roupas e outras tantas que sugerem a idéia de um corpo para o consumo, percebendo-se que o corpo erotizado é constantemente colocado em discurso através de diferentes artefatos culturais, produzindo assim as “pedagogias da sexualidade” como Felipe (2006, p.20) diz:

Existe uma estreita relação entre pedofilização e consumo, uma vez que nos contextos atuais, as crianças têm sido descobertas como consumidoras exigentes, ao mesmo tempo em que se transformam em objetos a serem consumidos, desejados, admirados. É possível observar a grande quantidade de programas de TV que investem cada vez mais em quadros específicos para crianças, onde elas são entrevistadas, cantam, dançam, representam, inspiradas/os quase sempre em astros nacionais e internacionais. As meninas, especialmente, procuram imitar mulheres adultas muito sensuais e, por vezes, os próprios apresentadores do programa se dirigem a elas de modo erotizado, mesmo sendo crianças.

Com tudo a sociedade reproduz a vítima perfeita para ser presa e “vigiada” pelo pedófilo e seus mecanismos de pedofilização. Isto explica por que então é tão difícil acabar com a criminalidade da pedofilia. Sendo que são os nossos “corpos adestrados” que as sustentam, é aí que se considera de vital importância o trabalho de desconstrução destes modelos passivos que levam a inércia, e a cegueira nas crianças e adolescentes.

Nesse sentido a educação e seus parceiros deverão assumir uma postura crítica questionando o que os outros vêem, como “normal e desejável” conseguindo construir assim, conhecimentos, que expliquem os benefícios e os riscos, na dimensão transversal da Tecnologia e da Sociedade desenvolvendo com isto valores que visem uma educação para a cidadania. Como Krasilchik & Marandino (2007, p.49) referem:

Desenvolver a consciências dos atuais problemas dos cidadãos em âmbito sistêmico, é buscar diferentes colaboradores que ampliem os benefícios de uma compreensão do papel de ciência no mundo contemporâneo com uma visão interdisciplinar e com preocupações éticas e cívicas, são tarefas que exigem envolvimento e ação. Com base nessa concepção o ensino e a divulgação de ciências devem ser encarados em duas dimensões: Em uma delas o aprendizado não pode ser pleno e completo sem considerar as implicações sociais do desenvolvimento científico e tecnológico; em outra é imperativo analisar as relações de evolução da ciência e tecnologia com a qualidade e o modo de vida em diferentes comunidades.

Para Kenski, (1996). Avaliar o impacto das novas tecnologias requer a responsabilidade de aperfeiçoar as compreensões de alunos sobre o mundo natural e cultural em que vivem. Faz-se, indispensável o desenvolvimento contínuo de intercâmbios cumulativos desses alunos com dados e informações sobre o mundo e a história de sua natureza, de sua cultura, posicionando-se e expressando-se, de modo significativo, com os elementos observados, elaborados que serão melhor avaliados.

Na mesma linha Santos (2007) considera que pensar em uma educação científica e tecnológica crítica significa fazer uma abordagem com a função social de questionar modelos e valores de desenvolvimento científico e tecnológico em nossa sociedade. Isso implica introduzir no currículo questões sociais, políticas, econômicas, culturais e ambientais relativas à ciência e tecnologia que temos denominado de aspectos sócio-científicos.

Para Silveira (2007) a educação tecnológica, não pode ser considerada como um processo isolado, distante do todo social em que está inserida, mas deve constituir-se em um instrumento eficaz de construção e fortalecimento da cidadania, possibilitando a participação e o envolvimento de todos, no sentido de ampliar a discussão sobre os riscos e vantagens da tecnologia na saúde dos indivíduos.

Considera-se que após ter construído o I capítulo correspondente ao referencial teórico conseguiu-se compreender melhor a relação estreita entre orientação sexual e prevenção da violência sexual e pedofilia. Nesse sentido será abordado o seguinte capítulo denominado de percurso metodológico.

CAPITULO II

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Para desenvolver qualquer pesquisa, é primordial que se tenha um método claramente definido e comprovadamente eficaz. De acordo com Fiorese (2003, p. 27) ‘o método é o conjunto de processos pelos quais se torna possível desenvolverem procedimentos que permitam alcançar um determinado objetivo’. De forma análoga, pode-se dizer que o método exerce para o pesquisador, a mesma função que o mapa tem para os viajantes.

Uma estrutura metodológica bem definida é condição essencial para a realização de uma pesquisa científica. Para Araújo (1993) a ciência pretende fornecer um modelo de realidade na forma de um conjunto de enunciados, que permitem obter explicações acerca de fenômenos e que são, além disto, suscetíveis de algum tipo de confirmação ou refutação, enfim de validação.

Se for tomado por conta, o campo das ciências sociais, observaremos que já é uma realidade a utilização de abordagens “mistas”, ou seja, pesquisas quali-quantitativas. May (2004, p. 146) defende o tipo de abordagem mista e refere:

[...] ao avaliar esses diferentes métodos, deveríamos prestar atenção, [...], não tanto aos métodos relativos a uma divisão quali-quantitativa da pesquisa social como se uma destas produzisse automaticamente uma verdade melhor do que a outra, mas aos seus pontos fortes e fragilidades na produção do conhecimento social. Para tanto é necessário um entendimento de seus objetivos e da prática.

Dentro do percurso metodológico, consideram-se os aspectos gerais da pesquisa, relacionado aos elementos que a compõem, como são: o problema, questões norteadoras, objetivos, sujeitos da pesquisa e desenho da pesquisa. Esses elementos serão apresentados na sequência.

2.1. Contextualização e apresentação do problema

O local escolhido para o desenvolvimento da pesquisa foi a cidade de Itacoatiara localizado no Município do mesmo nome. Itacoatiara esta situado na região leste do Estado do *Amazonas*, na margem esquerda do rio Amazonas, a 266 km de Manaus pela Rodovia AM-010.

Com um população total de 98.674 habitantes (87% urbana e 13% rural; 52,07% mulheres e 47,93% homens), esta na posição de quinta maior cidade do Amazonas, perdendo somente para Manaus, Parintins, Coari e Manacapuru. Outras características são: Densidade demográfica de 12,64 habitantes por km²; Mortalidade infantil até cinco anos de idade: 14,26 a cada mil crianças; Taxa de fecundidade: 7,74 filhos por mulher; Taxa de alfabetização: 97,63%, Índice de Desenvolvimento Humano (IDH-M): 0,788.

Itacoatiara é o segundo município do Amazonas em arrecadação, possui o maior parque exportador de madeira do Estado, com 3 fábricas de laminados, compensados, e soja com caráter de exportação, possui um dos principais redutos pesqueiros do estado, o qual torna o município uma cidade interessante de ser visitada, motivo pelo qual, o turismo nas suas diversas modalidades constitui-se em fonte de renda para os moradores (IBGE, 2008).

O turismo trouxe benefícios e também prejuízos para o Município, evidenciados na identificação de casos de Pedofilia, de violência sexual e turismo Sexual, que envolvem crianças e adolescentes.

Assim por exemplo foi evidenciado em agosto de 2009 através de uma reportagem o caso de pedofilia perpetrado por três homens com uma menina de 13 anos, quem foi abordada por eles através da página web conhecida como ORKUT(www.portalamazonas.com.br).

Problemas como estes que abrangem o cotidiano de nossa cidade, colocam em risco a segurança de crianças e adolescentes o que poderá trazer conseqüência nefastas no seu desenvolvimento físico, psicológico e social (FERNANDES, 2008; FALEIROS, 2008, p. 75).

Frente a este tipo de situações que envolvem crianças e adolescentes, a escola joga um papel preponderante na prevenção de vulnerabilidades e na promoção de comportamentos saudáveis, neste sentido, os professores da rede pública apesar de ter uma formação continuada, ainda não estão capacitados para enfrentar estas novas situações.

Em função do quadro acima exposto, é que nos perguntamos: Em que medida a abordagem transversal da temática Orientação Sexual usando a estratégia de oficinas pedagógicas, se vê refletida no conhecimento dos alunos e nas atitudes de prevenção de vulnerabilidades sexuais?

2.2. Questões Norteadoras

1. Que conhecimentos e atitudes sobre sexualidade possuem os alunos do 7º e 8º ano de Ensino Fundamental?
2. Quais são os fatores externos de vulnerabilidade sexual nos adolescentes?
3. Quais são as metodologias utilizadas pelos professores em sala de aula para trabalhar o tema Orientação Sexual?
4. Qual seria a estratégia de ensino aprendizagem para abordar o tema transversal Orientação Sexual numa escola pública da cidade de Itacoatiara?

2.3. Objetivos

2.3.1. Objetivo Geral

- Investigar em que medida a abordagem transversal do tema Orientação Sexual usando a estratégia de oficinas pedagógicas, se vê refletida nos conhecimentos dos alunos e nas suas atitudes de prevenção frente a vulnerabilidades.

2.3.2 Objetivos Específicos

- Investigar os conhecimentos e atitudes sobre sexualidade que possuem os alunos do 7º e 8º ano de Ensino Fundamental numa escola pública da cidade de Itacoatiara.
- Identificar os fatores de vulnerabilidade sexual nos adolescentes.
- Identificar as metodologias utilizadas pelos professores na sala de aula para abordar a tema transversal Orientação Sexual.
- Identificar qual seria a estratégia de ensino aprendizagem para abordar o tema transversal Orientação Sexual.

2.4. Caracterizando os sujeitos

O estudo foi realizado, na escola Pública Estadual José Carlos Mestrinho, localizada na cidade de Itacoatiara-AM, Bairro de Santo Antônio. Esta escola foi selecionada como local de estudo com base nos seguintes critérios: a) elevado número de crianças e adolescentes provenientes dos diferentes estratos sociais, b) ter realizado para seus estudantes um trabalho de Orientação Sexual em parceria ao Programa de DST/AIDS da Unidade Básica de Saúde de Itacoatiara, c) apresentar um índice elevado de gravidez precoce e abandono escolar entre os anos de 2006 a 2008.

Participaram da pesquisa, quatro (04) professoras e 122 alunos do 7º e 8º ano do Ensino Fundamental, turno matutino. A distribuição de ambos os sexos foi: 24 homens e 19 mulheres (N=43) do 7º ano; 19 homens e 20 mulheres (N=39) do 8º ano-1, e 20 homens e 20 mulheres (N=40) do 8º ano-2. Respectivamente.

2.5. Os instrumentos de Avaliação: construção e características psicrométricas

Os instrumentos de avaliação utilizados no estudo foram: o questionário para o diagnóstico inicial em alunos e o questionário para o diagnóstico inicial em professores, o teste de conhecimentos sobre Sexualidade e Relações de Gênero, e o teste de Conhecimentos sobre Violência Sexual e Pedofilia na Internet, e finalmente o Inventário de Atitudes Likert. Esses instrumentos passaram por diversas fases de construção até chegar a sua versão final. Segundo Babbie (2005) o processo de construção e validação de um questionário é de extrema importância, pois a interpretação dos resultados obtidos pela sua aplicação fica comprometida se não estão embasados numa fundamentação teórica coerente. A seguir mostraremos os caminhos para construir o pré-teste de Conhecimentos e de Atitudes.

A primeira versão do instrumento de avaliação de conhecimentos e atitudes foi sujeita a um teste piloto, utilizando o método de reflexão falada (*thinking aloud*), aplicação da versão inicial a uma amostra reduzida (ALMEIDA & FREIRE, 2000), pretendendo, dessa forma, apurar o nível de compreensão das questões e instruções e sua adequação aos objetivos estipulados. Esse instrumento inicial foi aplicado a 125 alunos do 7º e 8º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Jamel Amed, com características semelhantes aos que iriam fazer parte da amostra quanto às variáveis de idade, nível de escolaridade e sexo. Mais especificamente,

apresentam-se, a seguir, os passos na construção de cada um dos questionários e escalas constituintes do instrumento de avaliação.

O questionário para o diagnóstico inicial dos alunos: O questionário foi estruturado com três questões (1 aberta e 2 de múltipla escolha). As questões foram agrupadas em conhecimentos e atitudes segundo as seguintes categorias: a) conhecimentos sobre sexualidade, b) Atitude frente às Relações de Gênero, c) identificação de fatores externos de vulnerabilidade para que aconteça uma gravidez precoce (apêndice 1).

O questionário para o diagnóstico inicial em professores: O questionário foi estruturado com 4 questões abertas, agrupadas em relação às seguintes categorias: a) conhecimentos sobre orientação sexual, b) conhecimentos sobre transversalidade, c) experiência com o tema transversal Orientação Sexual, d) Metodologias utilizadas para abordar a temática (apêndice 2).

O instrumento de avaliação de conhecimentos prévios e posteriores sobre Sexualidade e Relações de Gênero: Antes de descrever as características do instrumento, considera-se pertinente definir sobre o que seria conhecimento prévio.

Para Ausubel (2003), o conhecimento prévio é aquele caracterizado como declarativo, mas pressupõe um conjunto de outros conhecimentos procedimentais, afetivos e contextuais, que igualmente configuram a estrutura cognitiva prévia do aluno que aprende. Assim o instrumento de Conhecimentos foi construído pela pesquisadora seguindo as bases teóricas dos autores que abordam a Sexualidade desde a perspectiva de Gênero. Scott, (1995); Viana (2008); Louro (2003) sendo constituído por sete (07) itens, com respostas fechadas dicotômicas: Verdadeiro ou Falso, as quais contemplam cinco (05) categorias: 1) nomeação científica dos órgãos genitais; 2) definição de sexo e sexualidade; 3) definição de Gênero; 4) definição de relações de gênero; 5) Assertividade frente a comportamentos de prevenção na Relação sexual (apêndice 3).

O instrumento de avaliação de conhecimentos prévios e posteriores sobre Violência Sexual e pedofilia na Internet: O Instrumento de Conhecimentos é constituído por 16 itens, de respostas fechadas dicotômicas: Verdadeiro ou Falso. A trajetória da construção do teste de conhecimento, sobre Violência Sexual, Pedofilia e Riscos no uso da Internet seguiu a proposta teórica de Azevedo & Guerra (1998), Minayo (2001), Felipe (2006) e Faleiros (2008).

A construção final do instrumento contemplou 8 categorias: 1) definição de violência; 2) identificação dos tipos de violência; 3) definição de pedofilia; 4) métodos e técnicas utilizadas pelos pedófilos para se comunicar; 5) passos para se prevenir e denunciar; 6) definição e função do Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA; 7) páginas da web utilizadas pelos pedófilos na internet para estabelecer contato; 8) riscos da utilização da Internet para fazer novos amigos (apêndice 4).

Inventário de Atitudes:

A Escala de Atitudes utilizada na presente pesquisa, foi elaborada tendo como base a escala de atitudes de Likert, composta por um conjunto de 16 afirmativas e cinco possíveis respostas, que o entrevistado deverá escolher para avaliar cada afirmativa., onde 1 significa (concordo plenamente); 3: (indiferente) e 5 (discordo plenamente). Essa escala foi inicialmente sugerida por Likert, em 1932, e seu sucesso reside “no fato de que ela tem a sensibilidade de recuperar conceitos aristotélicos da manifestação de qualidades: reconhece a oposição entre contrários; reconhece gradiente; e reconhece situação intermediária” (PEREIRA, 2001, p.65). Segundo este autor, outra vantagem deste tipo de escala está na possibilidade da existência do conteúdo semântico para representar o nível de concordância.

Nesse sentido, a escala ficou delimitada em 6 categorias: 1) prevenção frente à violência, 2) assertividade relacionada à violência sexual e percepção da solução; 3) percepção da utilidade dos conhecimentos sobre as modalidades de intervenção do pedófilo como estratégia para enfrentar a pedofilia; 4) percepção dos riscos da utilização da Internet para fazer novos amigos; 5) percepção de igualdade nas relações de Gênero; 6) assertividade relacionada a comportamentos sexuais seguros (apêndice 5).

2.6 .O Diagnóstico Inicial e planejamento da proposta de Oficinas pedagógicas e Material didático

Com o intuito de cumprir os objetivos traçados, iniciamos a nossa pesquisa realizando um diagnóstico inicial dos conhecimentos sobre sexualidade e fatores de vulnerabilidade em estudantes, e em professores para verificar as Metodologías utilizadas em sala de aula, Neste processo foram revisados os documentos da escola, tais como o Projeto Político pedagógico e o

Rendimento acadêmico em 2008. A análise inicial revelou que 10% das alunas do 7º ano e 20% das alunas do 8º ano, abandonaram a escola no ano de 2008 por causa da gravidez precoce.

Posteriormente foi solicitada à Direção da escola uma reunião com as professoras para confirmar os dados acima encontrados e expor as nossas intenções de desenvolver a pesquisa na escola, assim como solicitar autorização da Diretoria da escola através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para desenvolver o trabalho.

É pertinente mencionar que a pesquisa foi aprovada pelo Conselho de Educação Escolar sob o número 006/2009, autorizando a pesquisadora a publicação dos resultados (Anexo 1), assim também, em função da adesão voluntária total dos estudantes para participar das oficinas, foi solicitado aos pais assinarem o Termo de Consentimento.

Após o diagnóstico inicial, iniciamos a construção dos conhecimentos junto às professoras, a qual foi desenvolvida em dois módulos durante os meses de março a maio de 2009, com carga horária total de 42 horas, no laboratório de Informática da escola. O trabalho deu-se início com a revisão bibliográfica da proposta dos PCNs de Ensino Fundamental para abordar o tema transversal orientação sexual, onde foram analisados por um lado os conceitos de Sexualidade, Gênero, vulnerabilidades, Violência sexual e Pedofilia (AZEVEDO & GUERRA, 1998; MINAYO, 2001; AYRES, 2001; FELIPE, 2006; FALEIROS, 2008). E por outro lado as abordagens sobre metodologia e didática através da proposta de oficinas pedagógicas e material didático (BARDI & CAMPOS, 2004; VEIGA et al 2001).

Finalizado o trabalho de revisão bibliográfica, foi iniciado o planejamento das oficinas verificando-se a possibilidade de encaixá-las no plano de aula das professoras, e no calendário escolar. Para tal finalidade foram verificados os recursos pedagógicos disponíveis sendo constatado a possibilidade de utilizar o livro didático assim como a necessidade de construir outros materiais educativos, que seriam trabalhados nas oficinas, dentre eles: os guias de estudo, confeccionadas para cada disciplina, as quais tinham como finalidade orientar os alunos sobre os conteúdos abordados no livro didático, e conceitos que seriam desenvolvidos durante as oficinas pedagógicas, assim como matérias didáticos que seriam utilizados..

Para Alfonso (2002), as oficinas pedagógicas, são um método de intervenção psicossocial que envolvem os sujeitos de maneira integral, nas suas formas de pensar, sentir e agir. Para tal fim a realização das Oficinas, pressupõe o cumprimento dos seguintes objetivos: Analisar a demanda e a problemática, do contexto e do grupo, Identificar temas-geradores, definir o foco do

problema. Realizar um trabalho bem planejado e flexível (implicando contínua transformação, enquanto flui o processo grupal).

Na condução do grupo são utilizadas técnicas de sensibilização, dinamização, comunicação e reflexão, a fim de propiciar a formação de vínculo grupal e demais vetores do processo grupal, respeitando-se a autonomia e o desenvolvimento dos participantes. Assim a autora propõe quatro etapas para preparar uma oficina pedagógica: 1) análise da demanda e pré-análise; 2) Início da oficina- acolhimento; 3) desenvolvimento da oficina; 4) Finalização e avaliação.

1. ANÁLISE DA DEMANDA (planejamento)

Ao se planejar uma oficina deve ser feita uma análise de fatores externos e internos, que contribuem e delimitam sua possibilidade de existência e desenvolvimento. Esses fatores são relacionados à instituição (fatores externos) e aos participantes (fatores internos).

Fatores externos:

Possibilidade da instituição: o que é possível realizar, tanto do ponto de vista financeiro como do ponto de vista ideológico.

O que já foi feito: a história, dentro da instituição, relacionada àquele tema em particular, os sucessos e os fracassos.

Compromisso da instituição: o quanto a instituição se compromete com o trabalho de determinado tema, e seus desdobramentos (por exemplo, uma oficina que se desdobra em palestras, pesquisas, ou peça de teatro, etc.).

Fatores internos:

Necessidade dos participantes: essa necessidade pode ser percebida pelos próprios participantes, ou pela instituição, ou pelos dois. É claro que quando ambos percebem a necessidade de trabalhar um determinado tema, o desenvolvimento de oficinas torna-se mais fácil.

Características dos participantes: (idade, sexo, instrução, experiências, etc.) – possibilita que a coordenação construa um mapa prévio dos participantes e infira algumas questões. Por exemplo, quando se trata de um tema educativo e o nível de instrução dos participantes seja muito heterogêneo em relação àquele tema particular, isso deve ser levado em conta no planejamento da oficina propriamente dita.

Receptividade dos participantes: por toda a análise anterior é possível prever como será a receptividade dos participantes em relação a determinado tema.

Pré análise do grupo: Após a análise da demanda faz-se um pré análise do grupo: analisa-se o que o grupo já sabe, precisa e quer saber em relação ao tema. O que ele consegue compreender e assimilar a respeito do tema. É um momento de diagnóstico da questão (o tema em vários aspectos).

Enquadre: É a definição de quem é o participante, do número de participantes, do local, horário, recursos logísticos disponíveis e número de encontros. Definir o enquadre possibilita preparar uma estrutura para o trabalho dentro das condições existentes.

2º MOMENTO: INÍCIO DA OFICINA

Ao iniciar uma oficina devermos tomar em consideração a estratégia de acolhimento, a qual deverá favorecer a sensibilização, a expressão e a comunicação, dos membros. Possibilitando a expansão do conhecimento e abertura de interação no grupo; que são conectadas ao processo grupal, através do processo reflexivo. Possibilitando com isto a passagem do nível lúdico para o reflexivo.

3º MOMENTO: DESENVOLVIMENTO DA OFICINA

Para desenvolver uma oficina deverá ser necessário definir o tema a ser trabalhado o qual deverá ser escolhido de acordo com a demanda do próprio grupo e com a demanda da instituição. Também deveram ser contemplados os matérias didáticos que irão a serem utilizados ao abordar os temas na oficina proposta, entre eles encontramos: cena de filme, música, textos (história, piada, poesia), ilustração (charge, cartazes).

Outro aspecto importante o constitui a flexibilidade do coordenador na condução da oficina o qual pressupõe acolher, respeitar o conhecimento dos participantes, possibilitando uma abordagem com respeito das discussões que emergem na construção do conhecimento.

4º MOMENTO: FINAL DA OFICINA E AVALIAÇÃO

Nesta etapa deverá se realizar uma recopilação dos principais dados qualitativos e quantitativos que foram produzidas nas oficinas, é o momento onde se avalia a estratégia pedagógica proposta em função dos seus objetivos formulados tentando com isto elaborar conclusões que servirão de reflexão e de análises para futuros encontros. Assim também é um momento oportuno para que o estudante realize uma avaliação da oficina onde ele participou podendo ser feito de várias formas: verbal, gráfica, cênica, etc.

Após analisar a proposta de oficinas pedagógicas, identificamos a importância do material didático dentro do processo de ensino aprendizagem, finalizando com a descrição dos materiais propostos que foram trabalhados na presente pesquisa.

Para Bardi & Campos (2005), o material didático pode ser considerado a ligação entre as palavras e a realidade concreta. Sua principal função é auxiliar o aluno a pensar, possibilitando o desenvolvimento de sua imaginação e de sua capacidade de estabelecer analogias. É aproximar o aluno da realidade e auxiliá-lo a tirar dela o que contribui para sua aprendizagem.

Nesse sentido para Ferreira & Silva (1986), os materiais podem ser entendidos como, puramente visuais (cartazes, mapas, figuras, espécimes); puramente auditivos (rádio, CD) ou audiovisuais (TV, vídeo) e tem a função de estimular os sentidos o que pode favorecer a aprendizagem.

Na visão de Bardi (2007), os materiais que abordam a sexualidade, nem sempre trazem uma preocupação com as diversas dimensões que a compõe, assim, o professor deve estar preparado para extrapolar os limites de um material, às vezes, simples e enriquecer as discussões o que significa que o material didático deverá representar um meio para alcançar determinado objetivo e não deve ser utilizado como um fim em si mesmo.

Apresentaremos a continuação os materiais didáticos propostos, indicando-se a função desempenhada dentro do processo de ensino- aprendizagem.

Desenho: Para Vigotsky (2003), o desenho se constitui em elemento mediador entre o indivíduo e a cultura, é através dele que as crianças e os adolescentes expressam sua própria linguagem, estimulando com isto o desenvolvimento das funções psicológicas superiores como a imaginação, percepção, atenção, sensação, memória, representações mentais necessárias para a consolidação do processo de ensino-aprendizagem. Na presente pesquisa foi proposto como material didático a ser utilizado na disciplina de Língua Portuguesa.

Brinquedos: Para Nunes (2000) os brinquedos estimulam a curiosidade, a autoconfiança e a autonomia; proporcionam o desenvolvimento da linguagem, servindo também como mediador para a internalização de conceitos propostos na atividade escolar, pois é através da ludicidade que são ativadas as funções psico-neurológicas e as operações mentais, estimulando o pensamento reflexivo.

Para Kishimoto (1994), o brinquedo contém sempre uma referência ao tempo da primeira infância, com representações vinculadas pela memória e imaginações, é através do brinquedo que a criança e o adolescente experimentam, descobrem e inventam.

Na presente pesquisa, foram propostos dois brinquedos: uma cesta de palha e um carro de emborrachado, como material didático para ser trabalhado na disciplina de História. no desenvolvimento da oficina 1.

Contos e Histórias: Para Bethelheim,(1980), os contos e as histórias permitem que as crianças penetrem no mundo da fantasia, vivenciando um contato mais estreito com seus sentimentos, elaborando assim seus conflitos e emoções, o qual lhe permite compreender melhor o mundo. Na pesquisa foram confeccionadas duas histórias pela pesquisadora a primeira intitulada “Os amigos desconhecidos no Orkut”, a qual foi trabalhada na disciplina de Ciências da Natureza (Apêndice 6) e a segunda intitulada: “A Família de João e Joaquina, trabalhada na disciplina de História na oficina 2 (Apêndice 7).

Álbum seriado: O álbum seriado é um recurso visual formado por páginas em seqüência lógica, podendo conter fotografias, mapas gráficos ou qualquer material útil a exposição de um tema, a sua função e a de estimular a capacidade de análises e reflexão, e das funções de atenção e percepção. Para o presente trabalho foi confeccionado um álbum seriado intitulado: Menino ou Menina amazonense? Materiais compostos por 14 laminas coloridas, adaptado do texto: “Identificação sexual e papéis sexuais”, extraído do livro Menino ou Menina eis a Questão, das

autoras Veiga, Texeira & Couceiro ((2001) (Anexo 8), o qual foi utilizado na disciplina de Ciências, na oficina 1.

Assim, após ter identificado o material didático que foi utilizado na proposta de oficinas, outro aspecto importante a ser considerado foi verificar qual seria o melhor procedimento para trabalhar com as turmas, com a finalidade de respeitar os critérios pedagógicos e metodológicos para o desenvolvimento das oficinas grupais, assim como quando seriam realizadas as avaliações pré e pós teste. Nesse sentido em relação ao primeiro item, foi constatado que a própria escola tinha dividido as turmas, considerando como critérios pedagógicos: a quantidade de alunos permitidos por sala e idade dos mesmos.

Assim, trabalhamos com três turmas: uma de 7º ano (43 alunos, idade entre 11 e 12 anos) e duas turmas de 8º ano, as quais foram denominadas de: 8º ano 1 (39 alunos, com idades de 13 e 14 anos) e 8º ano 2. (40 alunos, com idades de 15 e 16 anos).

Em relação ao período onde seriam desenvolvidas as avaliações pré e pós teste foi concordado que seriam realizados nos meses de junho e Agosto respectivamente, seguindo o calendário escolar assim como foi proposital a intenção de avaliar os alunos após de dois meses de realizada a intervenção.

Esta última etapa foi finalizada com a elaboração de um único modelo de plano de aula para todas as disciplinas. Nesta fase de construção de conhecimentos do professor, conseguiu-se colher contribuições valiosas, onde, como pesquisadora, pôde enriquecer e ampliar também os meus conhecimentos, compreendendo que para trabalhar com propostas educacionais, elas não podem ser impostas, devendo ser construídas horizontalmente através de uma visão de escola democrática, capaz de criar mecanismos de solução em conjunto para seus problemas locais.

Uma vez mostrado o percurso metodológico, assim como o desenho da proposta é pertinente mostrar a continuação os resultados, os quais que foram sistematizados no III Capítulo.

CAPITULO III

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo serão apresentados os dados qualitativos e quantitativos, relacionados às três grandes categorias: A primeira delas, referente ao diagnóstico inicial dos alunos e dos professores; a segunda, relacionada às construções da proposta metodológica com os professores e a terceira direcionada à avaliação pré e pós teste dos conhecimentos e atitudes dos estudantes.

3.1. Diagnóstico inicial dos estudantes e professores

3.1.1 Conhecimentos dos estudantes sobre Sexualidade em função da série e do sexo

Com relação à questão: O que aprendeu sobre Sexualidade na escola? Em relação a este assunto, 40% (n=17) dos alunos do 7º ano e 29% (n=23) dos alunos de 8º ano marcaram a resposta C, a qual define a Sexualidade como as características sexuais do físico apresentadas em homens e mulheres (Tabela 1). Sayão (1997); Suplicy (1995); Werebe, (1998) confirmam os resultados anteriores quando se observa que muitas escolas ainda tratam a sexualidade sob uma perspectiva biologizante, voltada para os conteúdos sobre reprodução humana e prevenção de DST, restringindo, desta forma, a Educação Sexual aos aspectos físicos.

Quando se analisa a definição de Sexualidade entre homens e mulheres, observa-se que 24% (n=29) dos meninos marcaram a resposta C (as características sexuais do físico apresentada em homens e mulheres), sendo que 26% (n=33) das meninas escolheram a letra D (as características sexuais do físico acompanhadas de manifestações afetivo-emocionais) (Tabela 1). Esta diferenciação entre meninos e meninas foi analisada por Heilborn (2003, p. 41), para quem as diversas manifestações da sexualidade estariam representadas por valores e princípios culturais, os quais significam que atuar no corpo implica atuar sobre a sociedade na qual este corpo está inserido. Seria esse o motivo que muitas meninas são ensinadas a atuar com sensibilidade, sendo permitidas para expressar afetividade, em comparação com os meninos, os quais são ensinados a relacionar a sexualidade a seus aspectos biológicos.

Tabela 1: Conhecimentos dos estudantes sobre Sexualidade em função da serie e sexo

Conhecimentos sobre Sexualidade	7º ano (N=43)					8º ano (N=79)					Total (N=122)			
	Masculino		Feminino		%	Masculino		Feminino		%	Masculino		Feminino	
	n	%	n	%		n	%	n	%		n	%	n	%
A	2	5	3	7	12	8	10	5	7	17	10	8	8	7
B	2	5	0	0	5	15	19	5	7	26	17	14	5	4
C	15	35	2	5	40	14	18	9	11	29	29	24	11	9
D	4	9	13	30	39	1	1	20	25	26	5	4	33	26
E	1	2	1	2	4	1	1	1	1	2	2	2	2	2

Alternativas da questão sobre sexualidade:

A.-o relacionamento sexual existente entre seres humanos.

B -o relacionamento sexual existente entre seres humanos de sexos diferentes.

C as características sexuais do físico apresentada pelos homens e mulheres.

D-as características sexuais do físico acompanhadas de manifestações afetivo-emocionais

E- o conceito da sexualidade abrange as vertentes biológicas (corpo); psicológica (Identidade Sexual, afetividade); e social (valores, comportamentos, normas e modelos).

3.1.2 Atitudes dos estudantes com relação aos papéis de gênero

Em relação à pergunta: Você concorda que homens e mulheres podem participar das mesmas atividades como: trabalhar, cozinhar, fazer faxina, brincar de boneca, brincar de carrinho? Com relação a esta questão, 61% (n=26) dos alunos do 7º ano e 57% (n=45) do 8º ano responderam negativamente (Tabela 2).

Entre as meninas, 31% (n=38) deram uma resposta afirmativa, referindo que elas concordavam que tanto meninos como meninas poderiam participar das mesmas atividades, o que foi o contrário em relação aos meninos, 41% (n=50) deram uma resposta negativa(Tabela 2).

Nesse sentido, para Viana (2008) o conceito de gênero permite que se perceba o caráter sociológico da construção dos sentidos e dos significados relacionados às masculinidades e

feminilidades, sendo que a dominância é fundamentalmente masculina. Por tal motivo, os meninos são ensinados que deverão participar de atividades exclusivas do seu gênero.

Em estudo desenvolvido por Baggio et al (2009), com 27 adolescentes foi identificado que em relação a atividades inerentes ao gênero. Alguns informantes do sexo masculino pontuam que determinadas atividades são fundamentalmente do gênero feminino, e não do gênero masculino.

Tabela 2: Atitudes em relação aos papéis de gênero em função da série e sexo

Atitude	7º ano (N=43)					8º ano (N=79)					Total (N=122)			
	Masculino		Feminino			Masculino		Feminino			Masculino		Feminino	
	n	%	n	%	% total	n	%	n	%	% total	n	%	n	%
SIM	4	9	13	30	39	9	11	25	32	43	13	11	38	31
NÃO	20	47	6	14	61	30	38	15	19	57	50	41	21	17

3.1.3 Identificando os Fatores de vulnerabilidade

Na identificação de fatores externos de vulnerabilidade relacionado a questão: você conhece quais são os motivos que levam a uma jovem a engravidar cedo? 16% (n=20) dos meninos e 16% (n=19) das meninas, identificaram como um dos motivos, o desejo de fugir de casa por maus tratos (alternativa D). 11%, (n=14) nos meninos e 16%, (n=13) identificaram que a gravidez acontece por estupro de padrasto ou pessoas próximas (alternativa E). 13% (n= 16) dos meninos e 10% (n=12) identificaram que a gravidez acontece por relacionamento com pessoas conhecidas através da Internet (alternativa B); (Tabela 3).

Autores como Azevedo & Guerra, (1995); NARVAZ, (2002) identificaram que, dentre os fatores de risco, para que aconteça uma gravidez na adolescência, encontra-se o ambiente familiar punitivo e escasso em reforçamento positivo, com episódios de abusos, violências físicas, psicológicas e sexuais. Nesse sentido, aspectos da cultura adultocêntrica e falocêntrica aparecem, geralmente, associados, legitimando a cultura da violência contra crianças e adolescentes, especialmente do gênero feminino.

Tabela 3: Fatores externos de vulnerabilidade da sexualidade em função da série e sexo

Fatores de Vulnerabilidade	7º ano (N=43)					8º ano (N=79)					Total (N=122)			
	Masculino		Feminino		%	Masculino		Feminino		%	Masculino		Feminino	
	n	%	n	%		n	%	n	%		n	%	n	%
A	2	5%	0	0%	5	6	8%	4	5%	13	8	7%	4	3
B	6	14%	3	7%	21	10	12%	9	11%	23	16	13%	12	10%
C	2	5%	2	5%	10	3	4%	6	8%	12	5	4%	8	7%
D	8	18%	8	18%	36	12	15%	11	14%	29	20	16%	19	16%
E	6	14%	6	14%	28	8	10%	10	13%	23	14	11%	16	13%

A.-Receber pensão pelo filho.

B.-Relações sexuais com pessoas conhecidas através da Internet.

C.-Ausência de informação sobre Métodos contraceptivos.

D.-Desejo de engravidar e fugir de casa por maus tratos-

E.-Gravidez por estupro de padrastos ou pessoas próximas.

3.1.4. Metodologias utilizadas pelos professores na sala de aula para abordar a temática Orientação Sexual

Em relação ao conhecimento sobre o significado de Orientação Sexual e Transversalidade as quatro professoras outorgam uma definição descontextualizada da aquela proposta pelo PCN's mostrando, com isto, o desconhecimento da Temática (Tabela 4). Por outro lado, quando se perguntou se a temática Orientação Sexual foi abordada em sala de aula, somente a professora de Ciências confirmou que alguma vez trabalhou temas como: AIDS e Gravidez precoce, porém sem contemplar a relação com as outras disciplinas.

Quanto ao uso de metodologias, foram utilizados palestras e filmes. Os resultados obtidos são similares aos reportados por Porto et al (2005), numa pesquisa realizada em 14 instituições escolares públicas e privadas em São Paulo foi identificado que os programas de Orientação Sexual fornecidos pelas escolas são remediativos, esporádicos, ensinados por professores de

Biologia através de palestras e com ausência de metodologias dinâmicas, visando responder as dúvidas imediatistas dos alunos sem priorizar o enfoque preventivo.

Nesse sentido, concorda-se com Vitello (1997), quando afirma que a educação não pode consistir só em informações, que é apenas um dos seus componentes. A educação deve ir além, sendo um dos seus objetivos a modificação de conhecimentos e de atitudes nos alunos

Tabela 4: Conhecimento e abordagem metodológica do tema Orientação Sexual pelos professores

Professoras	Conhec. Sobre Orientação Sexual	Conhecimento sobre Transversalidade	Abordagem do tema segundo os PCNs.	Uso de Metodologias
Língua Portuguesa	Informar sobre riscos do corpo.	Direcionar o conhecimento para um determinado tema	Nunca trabalhei	_____
História	Prevenção e conhecimento dos órgãos genitais	É uma forma de traspasar as disciplinas	Nunca Trabalhei	_____
Ciências	Esclarecimento e prevenção da AIDS	Trabalhar temas não planejados nas disciplinas	Trabalhei AIDS	_____
Educação Física	Esclarecimento de quando praticar sexo	Estudar assuntos para suprir as necessidades dos alunos	Nunca Trabalhei	_____

3.1.5. O professor na construção da proposta metodológica

Na construção da proposta com os professores, surgiram diversas sugestões para abordar a temática orientação sexual, sendo que estas deveriam estar ligadas aos problemas de vulnerabilidades identificados em sala de aula assim como na identificação de recursos didáticos disponíveis (Tabelas 5 e 6). Nesse sentido, será apresentada a continuação os depoimentos das professoras indicando as problemáticas e as propostas.

Prof. Língua Portuguesa: “Lembro do caso da Júlia, uma garota de 13 anos, foi minha aluna no 7º ano, e um belo dia decidiu fugir de casa com seu namorado Pedro de 18 anos. Os pais ficaram desesperados procurando por ela. No quarto dia, a menina resolveu me ligar de Manaus, solicitando que conte para seus pais que não iria voltar por que tinha encontrado no Pedro o carinho e o bom trato que ela não tinha em casa e que, por sinal, estaria grávida dele. Como professora senti-me constrangida e sem saber como reagir. Não conheço livros didáticos

para trabalhar essa temática. Assim mesmo o problema é tão delicado que não pode ser abordado por meio de palestras, acredito que poderíamos trabalhar o tema em grupos utilizando desenhos”.

Prof. História. “No começo deste ano me deparei com a surpresa de que a Renata, aluna do 8º ano estava grávida. Foi ela quem me contou, após uma palestra proferida pelo conselho tutelar em nossa escola com o tema: “Como se prevenir da violência sexual”. A menina chorou desconsoladamente contando que tinha engravidado do padrasto, e que a mãe não acredite nela e seria expulsa de casa, caso ela contasse o fato. “Eu fiquei chocada e pela primeira vez não soube o que fazer ou dizer para ela” .

“Há muito tempo nós, professoras, nos deparamos com problemas similares”. “Os alunos confiam no professor e solicitam de alguma forma ajuda, porém devemos ser cautelosas para denunciar, devido às represálias dos agressores contra as próprias crianças”.

Prof. Educação física. “Lembro do caso de Paulo, um menino de 14 anos, foi meu aluno no 6º ano, ele gostava de maquiar o rosto e colocar brincos, os alunos riam dele, isso me incomodava muito, um dia falei com ele e aconselhei a não ir para escola desse jeito, depois disso não retornou para a aula. Fui à sua casa procurá-lo e, após de uma longa conversa contou para mim que quando era criança o padrasto e o tio o obrigavam a se vestir de menina e dançar. Ele começou a gostar daquilo e agora vê natural o seu comportamento. Considero que uma forma de ajudar meninos como Paulo é saber como agir e denunciar os abusos cometidos pelos tutores, os quais são inumeráveis e que nós, professores, às vezes deixamos passar, por medo ou por desconhecimento das leis”.

Prof. Ciências : “Há um ano conheço a Caroline. Ela é uma menina tímida e desconfiada quase não fala com ninguém. Uma amiga próxima dela contou que, no começo do ano passado, ela foi vítima de abuso durante uma das festas mais importantes de nosso Município a festa da canção ou FECANI. Parece que marcou um encontro com alguém que conheceu no Orkut. Isto me deixou triste e com uma sensação de impotência por não saber como ensinar a prevenir aquilo. Seria bom ensinar as crianças a se prevenir. Para isso precisamos de materiais didáticos, assim como de maior informação sobre como trabalhar a problemática da Violência Sexual”.

Os depoimentos das professoras permitiram confirmar as principais vulnerabilidades identificadas no diagnóstico inicial com os alunos. Assim, a professora de Língua Portuguesa referiu-se que o principal problema é a gravidez na adolescência decorrente da violência intra-familiar.

A professora de História identificou a Violência Sexual acontecida em casa como o principal problema, a professora de Ciências da Natureza identificou os riscos da Internet para iniciar novos relacionamentos com pessoas desconhecidas e finalmente a professora de Educação Física identificou como fator predisponente para a homossexualidade abusos recorrentes de progenitores na infância do indivíduo. Assim mesmo foi sinalizada pelas professoras a ausência de material didático para abordar o tema de violência sexual e pedofilia na Internet em sala de aula. Estas deficiências já foram identificadas e reportadas em pesquisas nacionais e internacionais (TEIXEIRA, 2003; BARDI & CAMPOS, 2005).

Por outro lado, uma outra dificuldade o constitui as possíveis represálias dos agressores ou outros membros das famílias, quando é constatado o caso de violência. Finalmente foi evidenciado que tanto professores e estudantes desconhecem a legislação Brasileira e o Estatuto da Criança e do Adolescente, com relação aos crimes de violência, podendo este se constituir numa ferramenta, valiosa para se defender dela.

Os dados anteriores são coincidentes com os resultados encontrados na pesquisa feita por Coimbra & Santos (2008), com coordenadores, diretores pedagógicos e professores de Ensino Fundamental de duas escolas Municipais em São Paulo, os quais constataram que ao se tratar da temática violência sexual e sua relação com os direitos da criança e do adolescente, evidenciou-se despreparo por parte dos profissionais entrevistados, pois a maioria delas nunca teve acesso a conhecimentos relacionados com aspectos legais, apenas ouviram sobre o assunto o qual dificultou o desenvolvimento de um trabalho de prevenção por medo.

3.2 Desenvolvendo a Oficina pedagógica 1: Sexualidade e Relações de Gênero

O desenvolvimento da oficina 1 seguiu a seguinte organização: primeiramente foram distribuídas as disciplinas que seriam trabalhadas em casa série, assim como o material didático que seria utilizado no desenvolvimento da oficina. (Tabela 5). Para tal finalidade foi escolhida a disciplina de Educação física para ser trabalhada com os alunos do 7º ano; em segundo lugar foi escolhida a disciplina de Ciências para trabalhar a temática no 8º ano 1 e, finalmente, foi escolhida a disciplina de História a qual foi trabalhada com os estudantes do 8º ano 2. Em segundo lugar foram distribuídas as guias de estudo por disciplina para todos os estudantes as

quais deveriam ser preenchidos após de finalizar o trabalho com o livro didático. Finalmente, para a concretização da oficina, foram propostos os seguintes objetivos:

- Definir e compreender os conceitos de sexo e sexualidade.
- Reconhecer o sexo como único elemento de identificação masculina ou feminina.
- Refletir sobre as construções sociais no que respeita aos papéis tradicionalmente conotados como ser homem ou ser mulher.
- Refletir sobre as crenças e mitos em relação ao papel da mulher na responsabilidade de assumir comportamentos de prevenção da gravidez.

Tabela 5: Temas do Livro Didático e Materiais propostos na oficina 1: Sexualidade e Relações de Gênero.

Disciplinas	Temas do Livro Didático	Material didático
Educação Física no 7º ano.	O corpo na Grécia e no Mundo atual	Livro Didático
Ciências da Natureza no 8º ano 1.	Crescimento e Mudanças no Corpo Humano	Álbum seriado: Menino ou Menina
Historia no 8º ano2.	A vida da sociedade Mineira na época do ouro: O Mito Chica da Silva	Brinquedos: Cesta e Carrinho quebrando preconceitos

3.2.1 Na disciplina de Educação Física

Para o desenvolvimento do trabalho, foi selecionado o tema : O corpo na Grécia Antiga e no mundo atual, retirado do livro de Historia de Ensino Fundamental do 7º ano (MELANI, 2006, p 170), (Anexo 2). A mesma que foi trabalhada com 43 estudantes do com idades entre 11 e 12 anos. Durante o desenvolvimento do tema, foram abordados os conceitos de beleza e de saúde ao longo da historia, seguindo sua evolução desde a Grécia antiga até os tempos atuais. Nesse sentido, os estudantes foram incentivados a se questionar sobre a visão deformada e estereotipada de corpo e beleza dentro de uma cultura mercantilista, onde a publicidade e a mídia vendem uma imagem da mulher como símbolo sexual, sempre esbelta e sedutora, e o homem

como símbolo de força, poder e superioridade. Nesse sentido foi oportuno desenvolver os conceitos de corpo, sexualidade, Relações de gênero, e igualdade de gênero.

Em relação às aulas, observou-se dinamismo por parte da professora de Educação Física, que tentou conduzir uma turma de crianças entre 11 e 12 anos, que davam sinais de serem muito agitadas. Na segunda etapa prática foi desenvolvida a oficina: "Construindo juntos novos padrões de beleza e de saúde, cujo objetivo foi refletir sobre os papéis atribuídos culturalmente ao homem e a mulher em relação aos padrões de beleza e saúde e como eles poderiam mudar dentro de uma nova proposta de igualdade de Gênero. A continuação mostraremos os materiais utilizados, o desenvolvimento e os Resultados obtidos após do trabalho nesta oficina.

Materiais: lápis de cor, pincel, cartolina, e fita gomada

Desenvolvimento: Nessa dinâmica a sala foi dividida em 8 grupos, aos cinco primeiros grupos foi atribuído cinco participantes, em quanto que aos outros três grupos se integraram seis participantes. sendo solicitado a cada grupo, trabalhar uma proposta diferente dos conceitos tradicionais de beleza, visando a desconstrução de estereótipos sobre as diferenças entre homens e mulheres

O tempo para trabalhar esta dinâmica foi estimado em 20 minutos. Depois de finalizado, cada turma escolheu um relator que apresentou a produção grupal para toda a sala.

Resultados: Foi interessante observar que os meninos construíram uma proposta contemplando o lado afetivo do conceito de beleza, enquanto que as meninas construíram uma proposta relacionando auto-estima à sexualidade, identificando as características como inteligência, afeto e auto respeito na hora de se relacionar sexualmente.

Finalmente os meninos manifestaram: "Os homens podem cuidar dos filhos com amor"; "os homens podem tratar as mulheres com respeito e carinho". As meninas manifestaram: "As mulheres não deveriam ser utilizadas na mídia como símbolos sexuais para vender produtos"; "Seria melhor que as mulheres aceitem namorar e não ficar é mais saudável e seguro".

Acreditamos que estes resultados foram possíveis por três fatores, o primeiro deles estaria relacionado ao significado que os estudantes atribuíram à tarefa solicitada, a qual, indiscutivelmente, os motivou, (COLL, 2006); um segundo fator estaria relacionado a intervenção do livro didático o qual permitiu levar para a prática pedagógica da Educação Física textos articulados com as questões sociais mais especificamente com a cultura corporal (ANZAI 2000).

Por outro lado, outro fator importante foi a presença do professor como mediador nas relações entre meninos e meninas. Para Thorne (apud SOUSA & ALTMANN, 2008,) a presença do professor entre os alunos pode contribuir para reduzir as diferenças entre os gêneros, incentivando a prática conjunta de meninos e meninas, desconstruindo conhecimentos prévios sobre diferenças para dar passo aos novos conhecimentos de igualdade.

3.2.2 Na disciplina Ciências

Para o desenvolvimento do tema foi selecionado o livro Didático de Ciências de Ensino Fundamental do 8º ano, sendo escolhido o texto: Crescimento e Mudanças no Corpo Humano (CRUZ, 2006, p 154) (Anexo 3).

Nesta oportunidade participaram 39 alunos (19 meninos) e (20 meninas), com idades entre 13 e 15 anos. O desenvolvimento do tema foi direcionado ao conhecimento sobre as mudanças fisiológicas, (hormonais) e emocionais que acontecem no corpo humano no período da adolescência em meninas e em meninos. Nesse sentido a temática foi propícia para abordar os conceitos de sexo, sexualidade, gênero, relações de gênero, emoções, ansiedades, e os respeito às diferenças.

Após o trabalho com o livro didático foi desenvolvida a oficina: Menino ou Menina (VEIGA et al,2001). (Figura 1).Os objetivos nesta oficina foram: Reconhecer o sexo como único elemento de identificação masculina ou feminina; Desconstruir os estereótipos tradicionalmente construídos sobre os papéis sociais atribuídos a masculino e feminino.

Materiais: 14 Laminas coloridas de 50 x 70 cm

Desenvolvimento: Foram apresentadas a todos os estudantes da sala, 14 laminas coloridas, cada uma delas representando duas crianças desempenhando diversas atividades tanto lúdicas como domésticas, após de cada figuras mostrada os estudantes foram instigados a responder a seguinte pergunta quem é o menino e quem é menina? Na ultima lamina mostrando as duas crianças nuas. Dando-se- início ao debate sobre identificação sexual, e sexo, versus, identificação sexual e papéis sexuais.

Resultados: Foi interessante observar que durante o desenvolvimento da dinâmica a professora estimulou os alunos em todo momento para construir novas respostas que pudessem dar solução ao problema apresentado. Por outro lado foi constatada a dificuldade dos estudantes para

compreender que a Identificação sexual esta relacionada ao sexo e não a papeis sexuais e características externas que definem o masculino e o feminino.

Assim quando a figura mostrava uma criança jogando bola ou lavando o carro, os alunos deduziam que se tratava de um menino caso contrario quando a figura mostrava o desempenho de tarefas domésticas eles deduziam que se tratava de uma menina.

Os resultados anteriores tiveram semelhança com o estudo realizado por Souza (2008), através de uma proposta de oficinas pedagógicas com 100 adolescentes de uma escola pública de Rio de Janeiro, onde foi constatado também que os respondentes relacionaram o conceito de Identificação Sexual a papéis sexuais, percebendo-se um forte machismo, deforma que certas atitudes foram classificadas a priori como femininas ou masculinas.



Figura 1: Professora de ciências trabalhando com os estudantes a dinâmica: Menino ou Menina?.
Foto: María Aguinaga, 2009.

3.2.3 Na disciplina História

Para o trabalho na disciplina de História foi selecionada a leitura: O Mito Chica da Silva do livro didático de História de Ensino Fundamental do 8º ano, (MELANI, 2006, pp.52-53) (Anexo 4). O trabalho foi realizado com uma turma de 40 estudantes do 8º ano, sendo 20 homens e 20 mulheres, com idades entre 14 e 16 anos.

Assim a história sobre Chica da Silva, permitiu que os alunos analisaram os problemas da desigualdades de gênero. .Nesse sentido foi propício introduzir conceitos como Sexualidade,

Relações de gênero, papéis sexuais, respeito às diferenças, vulnerabilidades, Auto estima. Depois de finalizada esta temática, foi trabalhada a oficina “Cesta e carrinho: quebrando preconceitos”: Vamos fazer juntos a uma listagem do que podem fazer meninos e meninas (Figura 2).

Os objetivos desta oficina foram Incentivar nos estudantes a se questionarem sobre os papéis atribuídos socialmente a homens e mulheres, propondo uma visão de igualdade e de respeito nas relações de gênero, quebrando estereótipos e preconceitos como base inicial para o trabalho futuro na prevenção de vulnerabilidades.

Materiais: folhas brancas, lápis, lápis de cor, caneta, borracha, uma cesta de palha, um carro de isopor.

Desenvolvimento: se deu inicio a dinâmica entregando aos alunos folhas brancas, canetas e borrachas, sendo solicitado que cada aluno identifica-se três comportamentos que contribuíram para minimizar as diferenças entre meninos e meninas conforme as seguintes categorias, 1: Relações sexuais, 2: tarefas domesticas, 3: desempenho profissional. Posteriormente foi solicitado que as meninas colocassem o papel dentro de uma carrinho e os meninos dentro de uma cesta. Finalmente a professora deu leitura as respostas, solicitando a intervenção dos estudantes sobre seus sentimentos e ideais dentro do processo de construção das soluções para a tarefa proposta.

O tempo utilizado para essa dinâmica foi de 30 minutos, sendo que, após finalizado o trabalho, a professora deu leitura as respostas dadas pelos estudantes.

Resultados: Foi interessante observar que na categoria relações sexuais, tanto meninas como meninos concordaram que homens e mulheres deverão assumir comportamentos de auto-respeito, exercendo sua sexualidade com dignidade, procurando o bem estar físico emocional e espiritual. Na categoria direta dos homens e das mulheres, ambos atribuíram que meninos e meninas podem estudar as mesmas profissões, desempenhar as mesmas atividades em casa. Na terceira categoria: identifique o que não fez no passado, por acreditar que era comportamento exclusivo do sexo oposto. Os meninos consideraram que chorar é um comportamento exclusivo das meninas, assim como a decisão de se proteger no ato sexual, sendo que cabe à decisão da mulher usar algum método para se prevenir. Assim, também outro fato interessante foi que os meninos manifestaram desconforto ao ter que colocar os papéis na cesta de palha, evidenciados através de manifestações como brincadeiras, piadas e zombarias entre eles

Esse fato, nos permitiu compreender que a dificuldade de expressar emoções nos meninos como chorar, é um comportamento esperado segundo os papéis sociais atribuídos a seu gênero.

Essa observação tem respaldo na teoria de gênero de Scott (1995), que enfatiza que o caráter fundamentalmente social das divisões baseadas no sexo, possibilita perceber as representações e apresentações das diferenças sexuais e, que por trás das diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres estão outras social e culturalmente construídas.



Figura 2: Professora de História, com os estudantes desenvolvendo a Dinâmica “Cesta e Carrinho”

Foto: María Aguinaga, 2009

3.3 Desenvolvendo a Oficina Pedagógica 2: Prevenindo a Violência Sexual e a Pedofilia na Internet

Para o desenvolvimento da oficina 2, foi escolhida a disciplina de Língua Portuguesa para trabalhar com o 7º ano, a disciplina de Ciências no 8º ano 1 e finalmente a disciplina de História para trabalhar com 8º ano 2 Assim foram propostas os seguintes objetivos:

- Discutir com os professores a importância de adotar-se na prática pedagógica uma nova metodologia para enfrentar a violência e a pedofilia de que são objeto as crianças e os adolescentes.

- Programar estratégias metodológicas para abordar a temática sobre violência e pedofilia através de matérias diversas como desenhos, contos, historias, brinquedos
- Propiciar que o aluno identifique na escola um espaço de escuta onde possa denunciar sem medo gerando com isto comportamentos e atitudes de prevenção, e defesa frente às ameaças externas.
- Incentivar para que o aluno conheça os riscos da utilização da Internet para iniciar novos relacionamentos com pessoas desconhecidas, protegendo-o assim do perigo.
- Informar ao aluno em relação aos seus direitos através da leitura e análise do Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA.

Tabela 6: Temas do Livro Didático e Materiais propostos na oficina 2: Violência, Pedofilia e riscos na Internet.

Disciplinas	Temas do Livro Didático	Material didático
Língua Portuguesa 7º ano.	Analises do texto: convivência Familiar: Vida em Família.	Desenho.
Ciências da Natureza no 8º ano 1.	Analises do Texto: Gravidez na Adolescência.	historia: os Amigos Desconhecidos no Orkut.
Historia no 8º ano2.	Analises do texto suplementar: A exploração do trabalho infantil.	historia: A família de João e Joaninha.

3.3.1 Na disciplina Língua Portuguesa

Para desenvolver o trabalho foi escolhido o texto Narrativo: Vida em Família do autor Carlos Eduardo Novaes, extraído do livro Didático de Língua Portuguesa de Ensino Fundamental do 8º ano (SARMENTO, 2006, pp.107-109) (Anexo 5)

O tema discorre, mostrando o problema de comunicação existente entre um pai e seu filho, dificultando com isto a adaptação do jovem ao seu meio social, pois ele assume uma posição de vitima frente às ameaças externas, com impossibilidade de se defender.

Nesse sentido, o texto foi propício para trabalhar o conceito de violência, os tipos de violência existentes, a relação entre violência domestica e comportamentos de risco e as formas de evitá-las. Para finalizar o trabalho, foi trabalhada a oficina: Identifico, através do desenho, uma

solução para enfrentar a violência. a qual tinha por objetivos: Incentivar nos estudantes a expressão de sentimentos e emoções decorrentes da temática violência e criar estratégias de solução através do desenho; Identificar casos de abuso e violência nos alunos.

Materiais: folhas brancas, lápis, caneta, borracha e lápis de cor.

Metodologia: Foi entregue a cada aluno uma folha branca, um lápis, uma borracha e um estojo de pinceis. Depois foi solicitado que eles fizessem um desenho onde pudessem identificar soluções para enfrentar a violência. Para realizar esta atividade foi outorgado o tempo de 15 minutos para a confecção do desenho. Ao finalizar o trabalho os alunos foram convidados a participar na exposição e apresentação do trabalho realizado.

Resultados: Através dos desenhos observou-se que os alunos conseguiram identificar os diversos tipos de violência, a dificuldade para atenção e concentração na sala de aula e que eles denominaram como problemas na hora de estudar assim também conseguiram expressar suas emoções, e angustias frente a essa problemática, como foi evidenciado nas falas dos estudantes, assim uma menina de 13 anos manifestou: *“Meus problemas são tantos que não consigo pensar no dia de amanhã por que a cada dia eles aumentam”*. (Figura 3). Evidenciando-se o sentimento de inutilidade e de fraqueza pela impossibilidade de alcançar objetivos futuros.

Um outro estudante de 12 anos diz : *“As vezes Procuramos más companhias ou falamos pela internet com novos amigos, para contar o que sentimos, porem, são as meninas as que procuram novos encontros, pela internet com caras desconhecidos, e depois vira caso de polícia”*.

Em relação a possíveis soluções frente a violência soluções, 30% da turma manifestou que a escola seria um espaço de refugio, 50% restante manifestou que a solução seria que os pais deixassem de ser violentos com os filhos e que para tal finalidade deveriam procurar ajuda na delegacia e 20% manifestou a importância de procurar ajuda psicológica. (Figura 4).

Essas observações vão ao encontro dos dados encontrados por Braun (2002), quem identificou o desenho como instrumento para diagnosticar sintomas de depressão e ansiedade, assim como um meio para as crianças expressarem sentimentos como: medo, tristeza, etc.

Em relação à postura da professora foi observado que ela conseguiu motivar os alunos, reforçando a capacidade de análise sobre a importância de trabalhar a temática da violência a fim de criar meios de prevenção. Nesse sentido, acredita-se que todo programa de prevenção na escola deve ter como objetivo incentivar o aluno a encontrar soluções frente à violência

ensinando-lhe o que é comportamento abusivo e como se proteger dessas aproximações, não só de estranhos, mas também, de pessoas conhecidas (GORDON & SCHROEDER, apud PADILHA, 2003, p. 30).



Figura 3: Representações das conseqüências da Violência por aluna de 13 anos.
Fonte: María Aguinaga, 2009



Figura 4: Representações de soluções frente à violência por aluno de 12 anos.
Fonte: María Aguinaga, 2009

No desenho da Fig 3, elaborado por uma menina de 13 anos podemos observar que a menina identificou como conseqüências da violência, a tristeza, depressão impossibilitando-a para encontrar soluções, e se defender. Já no segundo desenho da Fig. 4 elaborado por um menino de 12 anos, observa-se que ele consegue visualizar que uma das conseqüências da violência são problemas de saúde Mental, assim mesmo reconhece que uma atitude para se defender da violência seria denunciar o fato ao conselho tutelar.

3.3.2 Na disciplina Ciências

Para desenvolver a temática, foi escolhido o texto, A gravidez na adolescência: Retirado do livro didático de Ciências de Ensino Fundamental do 8º ano, (CRUZ, 2006, pp.166-167). (Ver Anexo 6) O desenvolvimento do tema estimulou os estudantes à análise dos diversos fatores de vulnerabilidade que originam uma gravidez precoce e indesejada entre eles; a violência e o abuso sexual cometido por familiares da vítima (pai, padrasto, avô entre outros) ou por pedófilos conhecidos através da Internet. Nesse sentido, foi relevante abordar os fatores de risco na utilização da Internet para iniciar novos relacionamentos. Depois de finalizado o trabalho com o livro didático e preencher a guia de estudo, posteriormente foi introduzida a Oficina:

completando a história: os Amigos desconhecidos no Orkut, sendo os objetivos: Analisar os riscos decorrentes de entrar em contato com pessoas desconhecidas através da Internet e compartilhar dados íntimos como fotos e endereços; Reforçar as habilidades de assertividade nos estudantes para se defender da violência sexual, enfrentando-os a uma situação simulada através da leitura de uma história e produção do texto.

Materiais: folhas brancas, lápis de cor, caneta e borracha. uma historia mostrada em 12 folhas.

Metodologia:. A professora iniciou a leitura da Historia intitulada Os meninos desconhecidos no Orkut, a qual relatava o caso de uma menina que conheceu uma pessoa pela internet. e que após de um encontro foi vitima de abuso sexual. sendo que antes de mostrar o desenlace final foi solicitado aos estudantes a construção final da historia.

Após disso, cada estudante saiu na frente, relatando sua historia, iniciando com isto o debate e discussão em relação as vantagens e desvantagens do uso da Internet para conhecer pessoas, assim como identificar medidas de segurança e formas para prevenir a violência sexual.

Resultados: Os alunos se mostraram comprometidos na tarefa solicitada, expressando através dos seus relatos, fatos acontecidos no seu cotidiano, assim como posicionamentos em relação ao significado atribuído a utilização da internet para fazer novas amizades e sua relação com casos de violência sexual Assim uma aluna de 13 anos relatou a seguinte historia:

“A linda menina pensou que seria melhor conhecer ao simpático amigo, mas ela não queria propor um encontro, assim, decidiu esperar. Um dia o amigo fez a proposta de encontrá-la no parquinho atrás da escola. Ela aceitou e foi para o encontro, foi então que ele a levou de moto para outro lugar perto do rio na estrada violentando-a. Ela pedia ajuda, mas ninguém a socorreu”.

A partir da Historia da aluna se abriu uma rodada de troca de experiências. Outra aluna de 14 anos contou: “Há um mês a Julia uma vizinha perto de casa foi violentada por um cara que conheceu no Orkut. Ela foi parar no hospital”. Outro menino de 14 anos comentou: *“Eu já ouvi essas histórias, eu acho que o problema é que as mulheres se confiam muito e levam mais a sério os namoros, do que nós homens, a gente entra na internet para brincar, e se namoramos não é para valer e só para curtir”*

Nesse sentido, destaca-se que cada estudante outorgou uma significação diferente à utilização da internet, sendo que para alguns deles a internet pode ser utilizada para iniciar o namoro “virtualmente”, já para outros ela serve como meio de comunicação e entretenimento.

Esta última é a que mais é usada pelos meninos. As observações são coincidentes com os dados obtidos por Dias & Taille, (2006) num estudo realizado com adolescentes do Estado de São Paulo, sendo constatado que 50% das mulheres usaram as salas de bate papo para conhecer pessoas, e 64% dos meninos as usaram para se divertir, expressar emoções e confidências que não fariam no contato face a face. Autores como Griffiths (1997) defendem que a Internet pode levar à isolamento e dependência, transferindo o cotidiano ao espaço virtual, colocando em risco crianças e adolescentes, podendo se tornar vítimas da pedofilia.

Nesse sentido estudos recentes consideram que um trabalho de prevenção na escola deverá contemplar os riscos e benefícios das novas tecnologias uma vez que são as crianças e os adolescentes que as incorporam nas suas vidas privadas (NEGRÃO 2005). Assim para este autor, ensinar aos estudantes sobre como prevenir dos riscos da nova tecnologia como violação de privacidade, corrupção e destruição de valores favorece uma aprendizagem significativa dos novos conceitos



Figura 5: História: Os amigos desconhecidos no Orkut, utilizado como material didático na disciplina de Ciências.
Foto: María Aguinaga, 2009

3.3.3 Na disciplina História

Para o trabalho foi escolhido o texto: A exploração do trabalho infantil, extraído do livro didático de História de Ensino Fundamental do 8º ano, (MELANI, 2006, pp.78-83) (Anexo7).

O tema foi direcionado para a identificação dos fatos que aconteceram na época da Revolução Industrial no século XVIII, mostrando especificamente como as crianças eram utilizadas para servir de mão de obra nas indústrias, no campo e nas cidades. Foi analisada a problemática do trabalho infantil no Brasil, identificando-se os diversos tipos de trabalhos, entre eles a exploração sexual.

A temática discorreu definindo as características dessa atividade, a rede de tráfico em torno dela, assim como as conseqüências negativas para a saúde física e psicológica de crianças e adolescentes. Também foi interessante mostrar os direitos das crianças e dos adolescentes através do estudo do ECA (Estatuto da Criança e do adolescente) e como conseguir ajuda nos órgãos públicos. Concluído o trabalho com o livro didático foi apresentada a oficina: completando a história: A família de João e Joaquina. Os objetivos foram: Reforçar nos estudantes o conhecimento e aplicação na prática dos seus direitos frente a situações de vulnerabilidades; Estimular no estudante as habilidades de assertividade para encontrar uma solução frente a violência

Materiais: folhas brancas, lápis de cor, borracha, caneta e uma história apresentada em 12 folhas.

Metodologia: Foi apresentada aos estudantes da sala uma historinha curta com início e fim, relatando a história de dois meninos, João e Joaquina, os quais recebiam maus tratos em casa.. Antes de finalizar a história a professora faz uma interrupção na leitura, sendo solicitado aos estudantes a elaboração de um texto com o final da história. devendo ser apresentada em público O tempo para essa tarefa foi de 15 minutos. Seguidamente iniciou-se uma discussão na sala de aula, motivando aos estudantes a identificar as conseqüências negativas do trabalho infantil assim como as possíveis soluções frente a violência.

Resultados: Na análise realizada, foi observada uma metodologia dinâmica para trabalhar com os estudantes, favorecendo com isto a participação de todos, evidenciando-se motivação na tarefa solicitada. Entretanto, foi surpreendente evidenciar a dificuldade que os meninos e meninas tiveram para encontrar soluções para enfrentar problemáticas como a violência e os maus tratos, reforçando em muitos dos casos a idéia de que o trabalho infantil constitui uma solução para fugir do problema. como foi evidenciado nos relatos que a continuação apresentamos:

Aluna de 16 anos: “A história não pode ter o final feliz por que eles não podem fazer nada, Ninguém vai querer ajudar os garotos. Outra Menina de 14 anos manifestou: “Não tem

jeito, para que procurar solução, se com o dinheiro que ganham podem fugir de casa e se sustentar. É melhor do que apanhar do pai, sem ter quem os defenda. Ao final de contas o conselho tutelar e a delegacia não resolvem nada”.

Ao respeito pesquisa realizada por Leal (2000), confirmam as observações anteriores, encontrando que a violência intra e extra-familiar, são fatores fomentadores das situações de vulnerabilidades sexuais em crianças e adolescentes.

Por outro lado observa-se a falta de credibilidade nos órgãos públicos, acreditando que na prática os seus direitos não têm validade. Isto nos faz refletir sobre a necessidade de trabalhar um projeto de prevenção, estabelecendo, assim, uma parceria entre escola e órgãos de defensoria, para que as crianças tenham confiança neles e possam ter contato com os funcionários, delegados e juizes que trabalham na prevenção.



Figura 6: História: A família de João Joana utilizada como material didático na disciplina de História.

Foto: María Aguinaga, 2009

De Castro & Libório (2005) analisaram o problema anterior, constatando que um dos fatores que dificultam ações de prevenção da violência e do trabalho infantil o constitui a forma como a sociedade coloca as crianças e adolescentes como responsáveis pelo abuso sofrido, interferindo por tanto sobre as atitudes de denúncia, as quais se vem reforçadas por ideais de falta de credibilidade nas instituições publicas.

3.4. Avaliação dos conhecimentos dos estudantes antes e após a oficina 1:em função do sexo e da série

Dando continuidade serão apresentados os resultados dos conhecimentos dos estudantes, antes e após a intervenção metodológica na oficina 1 em função do sexo e da série.

Em todos os casos após a realização da oficina 1, tanto para os homens como para as mulheres, a porcentagem de respostas sobre o conhecimento posterior do assunto pesquisado em todas as categorias avaliadas, melhorou em relação ao conhecimento prévio. Isto ficou mais evidente na categoria 4, relacionada à definição de relações de gênero com uma porcentagem maior de 55% nas mulheres e 48% nos homens (Tabela 7).

Tabela 7: Porcentagem relativa (%) das respostas pré e pós teste ao teste de conhecimento sobre Sexualidade e Relações de gênero em função do sexo

Conhecimentos sobre, sexo sexualidade e gênero	Homens (N=63)				Pós - Pré Diferença em %	Mulheres (N=59)				Pós - Pré Diferença em %
	Pré-teste		Pós-teste			Pré-teste		Pós-teste		
	n	%	n	%	n	%	n	%		
1. Denominação científica de órgãos genitais.	50	79	60	95	16	50	85	58	98	13
2. Definição de sexo e sexualidade	30	48	45	71	23	40	68	58	98	30
3. Definição de gênero	50	80	60	95	15	40	68	55	93	25
4. Definição de Relações de Gênero	20	32	50	80	48	25	42	57	97	55
5. Responsabilidade sexual compartilhada	59	94	62	98	4	50	85	57	97	12

Os resultados são coincidentes com a pesquisa realizada por Carvalho et al (2005), após de uma intervenção com oficinas para prevenção de vulnerabilidades com adolescentes provenientes de escolas publicas de Natal, observando que após da intervenção conseguiram definir melhor o conceitos de Gênero e relações de Gênero, analisando a necessidade de gerar atitudes de respeito frente às diferenças entre homens e mulheres, o qual constitui o primeiro passo para evitar a violência.

Por outro lado nos resultados por series, (Tabela 8) foi evidenciado diferenças, entre as mesmas em relação à porcentagem de respostas sobre as categorias apresentadas. Assim temos

que no 7º ano a diferença no pré e pós-teste sobre a denominação científica dos órgãos genitais foi de 28%, diferente dos resultados encontrados no 8º ano, onde nas duas turmas as respostas foram 100% iguais. Já na definição de relações de gênero houve discrepâncias nos resultados, sendo a diferença de 70% no 7º ano, 26% no 8º ano 1, e 24% no 8º ano 2

Tabela 8: Porcentagem relativa (%) das respostas pré e pós teste ao teste de conhecimento sobre sexualidade e relações de gênero em função das séries.

Categorias Avaliadas	7º ano (N=43)				Diferença em %	8º ano 1 (N=39)				Diferença em %	8º ano 2 (N=40)				Diferença em %
	Pré-teste		Pós-teste			Pré-teste		Pós-teste			Pré-teste		Pós-teste		
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	
1. Denominação científica dos órgãos genitais	30	70	42	98	28	39	100	39	100	100	40	100	40	100	100
2. Definição de sexo e sexualidade	20	47	35	81	34	25	64	37	95	31	30	75	35	88	13
3. Definição de gênero	10	23	40	70	47	25	64	35	90	26	20	50	40	100	50
4. Definição de Relações de gênero	10	23	40	93	70	20	51	30	77	26	20	50	27	74	24
5. Responsabilidade sexual compartilhada	15	35	35	81	46	30	77	39	100	23	30	75	33	83	08

Considera-se que as diferenças nos resultados sobre denominação científica dos órgãos genitais têm como fator principal o fato de que o conhecimento científico sobre reprodução humana e sistema genital é aprofundado na disciplina de ciências a partir do 8º ano, motivo pelo qual ainda os discursos dos estudantes não foram educados para utilizar uma linguagem científica sobre o corpo. Foucault (1988), sendo pelo mesmo motivo que os alunos de 7º ano tiveram uma porcentagem maior de respostas na categoria relações de gênero, em comparação com os estudantes do 8º ano, pois a aprendizagem de estereótipos e de diferenças dos papéis entre homens e mulheres encontra-se em processo de construção. Por tal motivo, acredita-se, que quanto mais cedo se inicia um trabalho de orientação sexual na escola, mais chances temos para quebrar com paradigmas que legitimam o poder e a violência através das diferenças de gênero (VIANNA & RIDENTI, 1998).

Por outro lado consideramos que a metodologia utilizada na disciplina de Educação física no 7º ano contribuiu para as mudanças de conhecimentos em torno das diferenças de gênero. Sobre essa questão, pesquisas desenvolvidas sobre a temática consideram que o ensino escolar pode e deve ampliar os espaços para a construção de relações não-hierarquizadas entre meninos e meninas, para a qual a disciplina de educação física pode contribuir (BORDIEU 1995; FINCO 2004 e SAFFIOTI 2002).

3.5. Avaliação dos conhecimentos dos estudantes antes e após da oficina 2: Em função do Sexo e da Série

Existem diferenças, entre os sexos em relação à porcentagem das respostas sobre as categorias apresentadas. Estas diferenças se apresentaram nos itens sobre a Definição de Violência, onde a diferença na porcentagem de respostas entre o pré e pós-teste nos homens foi de 39% e nas mulheres 17%, o mesmo aconteceu no item sobre Identificação e definição dos tipos de Violência, onde a diferença foi de 31% nos homens e 17% nas mulheres.

Em relação a estes resultados pode-se dizer que os meninos tendem a mostrar mais comportamentos de externalização e agressividade através de jogos violentos, filmes de ação brincadeiras pesadas em comparação com as meninas, as quais são atribuídas características como delicadeza e fragilidade (AZEVEDO & GUERRA, 2005), sendo assim os meninos se tornam mais conhecedores das definições de Violência do que as meninas.

O contrário aconteceu com o item, métodos e técnicas de comunicação utilizada pelos pedófilos no cotidiano, onde a diferença foi de 13% nos homens e 26% nas mulheres. Esta diferença foi ainda maior no item, páginas da web utilizadas pelos pedófilos na internet, onde a diferença porcentual foi 18% nos homens e 42% nas mulheres (Tabela 9).

Os resultados atuais confirmam as observações realizadas nas oficinas pedagógicas onde foi evidenciada através das narrativas das estudantes que elas têm conhecimento dos riscos da internet ao iniciar novos relacionamentos virtuais o que as aproxima da necessidade de conhecer as formas de atuação do pedófilo, como um mecanismo de auto proteção e de minimização de emoções negativas como o medo e a ansiedade. Fernandez (apud SILVA, 2002, p. 70)

Estudo realizado por Bergamin (2007) utilizando a história como material didático com crianças de periferia no interior Paulista observou que ao contar histórias, as crianças não estão

apenas realizando um exercício de imaginação, elas expressam suas alegrias e inquietações, contam segredos, relatam experiências dolorosas e tentam se comunicar com os adultos com a possibilidade de transformação da realidade

Tabela 9: Porcentagem relativa das respostas pré e pós teste ao Teste de Conhecimento sobre Violência Sexual e pedofilia na Internet em função do sexo

Categorias Avaliadas	Homens (N=63)				Diferença em %	Mulheres (N=59)				Diferença em %
	Pré-Teste		Pós-Teste			Pré-Teste		Pós-Teste		
	n	%	n	%		n	%	n	%	
1. Definição de Violência	35	56	60	95	39	30	51	40	68	17
2. Identificação e definição dos tipos de Violência	35	56	55	87	31	35	59	45	76	17
3. Definição de Pedofilia	30	48	35	56	8	40	68	50	85	17
4. Métodos utilizados pelos pedófilos. Para se comunicar	22	35	30	48	13	35	59	50	85	26
5. Passos para se prevenir e denunciar	20	32	30	48	16	40	68	50	85	17
6. Definição e função do ECA	35	56	45	71	15	36	61	45	76	15
7. Páginas da web utilizados pelos pedófilos na Internet	24	38	35	56	18	30	51	55	93	42
8. Riscos na utilização da Internet	25	40	30	48	8	40	68	55	83	15

Por outro lado em função das series encontramos que existem diferenças entre as mesmas em relação à porcentagem de respostas sobre as categorias apresentadas. Assim no 7º ano a diferença no pré e pós-teste é sobre a categoria: Passos para se prevenir e denunciar, com 77%, diferente dos resultados no 8º ano, onde nas duas turmas não houve diferenças em relação as respostas, sendo de 13% e 14% respectivamente (Tabela 10).

Acreditamos que os resultados anteriores estão relacionadas a idade dos respondentes, assim crianças com 10 e 11 seguem respostas instrucionais, outorgam para as figuras de autoridade o poder de proteção e de segurança, incentivando-os a contar tudo o que acontece com eles, já os adolescentes os quais constituem a maioria nesta pesquisa, assumem

1.Definição de Violência	35	81	40	93	12	30	77	38	97	20	35	86	38	95	9
2.Identificação e definição dos tipos de Violência	28	65	33	77	12	30	77	35	90	13	30	75	40	100	25
3.Definição de Pedofilia	20	46	25	58	12	20	51	38	97	46	28	70	30	75	5
4.Métodos utilizados pelos pedófilos. para se comunicar	28	65	30	70	5	18	46	35	90	44	24	60	30	75	15
5.Passos para se prevenir e denunciar	10	23	43	100	77	20	51	25	64	13	24	60	27	74	14
6.Definição e função do ECA	30	70	40	93	23	23	59	30	77	18	30	75	33	83	8
7.Páginas da Web utilizados pelos pedófilos na internet	10	23	15	35	12	15	38	20	51	13	15	38	18	45	7
8.Riscos na utilização da Internet	15	35	22	51	16	20	51	36	92	41	20	50	25	63	13

3.6 Avaliação das Atitudes antes e após das Oficinas em função do sexo e da serie

Finalmente serão apresentados os resultados referentes às respostas dos alunos no pré e pós-teste no Inventário de Atitudes em função do Sexo e da Série. Assim em relação ao sexo, foi evidenciado que houve diferenças contrastantes nas respostas dos meninos e meninas em relação à maioria dos itens avaliados.

Estas diferenças se apresentaram nos item, Percepção da utilidade dos conhecimentos como estratégia para enfrentar a Pedofilia, onde a diferença na porcentagem de respostas entre o pré e pós-teste nos homens foi de 20%, e das mulheres 49%, o mesmo aconteceu nos item, sobre Percepção dos riscos da Utilização da Internet para fazer novos amigos, onde a diferença foi de 16% nos homens e 39% nas mulheres (Tabela 11).

Isto pode ser interpretado na medida em que as atitudes se vêm influenciadas pelos conhecimentos construídos, os quais se tornam significativas em relação com as experiências vivenciadas no cotidiano. Nesse sentido a proposta metodológica de oficinas com material didático através de contos e histórias, que representaram uma situação simulada de violência, contribuiu para que as alunas pudessem treinar as habilidades de defesa na prática da pedofilia tanto fora como dentro do meio virtual, reagindo de forma assertiva.

Diversos estudos demonstraram que quando são usadas aproximações comportamentais, tais como modelos, exposição através de contos e histórias simuladas onde os estudantes participam da criação das mesmas e encorajamento social, crianças e adolescentes podem

aprender habilidades de defesa pessoal (REPPOLD, 2002 apud PADILHA, 2007). Em relação à categoria percepção de igualdade em homens e mulheres em função dos papéis sociais, evidencia-se uma diferença de 18% nos homens e 55% nas mulheres (Tabela 11).

Nesse sentido é importante analisar que ambos mudaram os seus conhecimentos prévios sobre relações de gênero após a intervenção com oficinas, porém, resulta evidente que ainda existem diferenciações entre ambos os grupos, especialmente, entre os meninos, onde se observa maior resistência para aceitar a igualdade entre meninos e meninas.

Estes resultados estão de acordo com os estudos realizados por Sousa & Altmann (2008) após examinar literatura científica sobre pesquisas na infância concluíram que a maioria das pesquisas aponta que, meninos e meninas constroem os gêneros como opostos através dos seus jogos, isto, com a finalidade de reforçar sua identidade masculina ou feminina, porém são as meninas as que lutam pela igualdade de gênero muito mais do que os meninos, para quem os papéis impostos pela sociedade os limita para as mudanças.

Por outro lado na categoria Assertividade relacionada à Violência Sexual e Percepção da Solução (Tabela 11) encontramos uma diferenciação maior das respostas dos homens (47%) com relação às mulheres (25%).

Nesse sentido consideramos pertinente analisar o fato de que os meninos são ensinados a assumir atitudes de violência e força desde muito cedo, reforçados pelos papéis sociais e estereótipos sobre masculinidade como já foi avaliado no decorrer de nossa pesquisa. (LOURO, 2003). Assim mesmo são ensinados a reagir e se defender frente a uma possível ameaça com possibilidade de denunciar o abuso, pois tem o amparo legal da sociedade, o que não acontece com as meninas as quais se encontram mais expostas a riscos de violência sexual; sem possibilidade de denunciar o fato, pois com certeza ninguém acreditará nelas (DREZETT, 2000).

Estudos realizados por Brino & Williams (2005) identificaram diversas variáveis apontadas como intervenientes na negação por parte das meninas de revelar ou denunciar abuso sexual, uma delas se constitui na percepção das meninas de que ninguém acreditará no seu relato, a segunda variável é o medo de punição, e culpa. A terceira é a lealdade ao agressor, pois na maioria dos casos a violência é exercida por parentes próximos.

Em pesquisa realizada por Kaplan & Sadock, (2000), foi revelado que familiares perpetradores ameaçam suas crianças com ferimentos, morte ou abandono, caso a violência seja

revelada. Assim as ameaças contribuem para a manutenção do segredo que, em muitos casos de violência intra-familiar, envolve todos os membros da família como cúmplices.

Tabela 11: Porcentagem relativa (%) das respostas sobre Atitudes pré e pós-teste dos estudantes em função do sexo.

Categorias Avaliadas	Homens (N=63)				Diferença em %	Mulheres (N=59)				Diferença em %
	Pré-Teste		Pós-Teste			Pré-Teste		Pós-Teste		
	n	%	n	%	n	%	n	%		
1.percepção das conseqüências da violência	28	44	40	64	20	40	68	50	85	17
2.-Assertividade relacionada a Violência sexual e percepção da solução	31	50	61	97	47	20	34	5	59	25
3.-Percepção da utilidade dos conhecimentos de intervenção do pedófilo para enfrentar a pedofilia	25	40	40	63	20	18	31	47	80	49
4.Percepção dos Riscos da Internet para fazer novos amigos	20	32	30	48	16	36	61	59	100	39
5.-Percepção da igualdade nas relações de Gênero	47	74	58	48	18	25	42	57	97	55
6.Assertividade relacionada a comportamentos sexuais seguros	25	32	28	44	12	20	34	35	59	25

Por outro lado em relação as séries foi observado diferenças em relação à porcentagem de respostas sobre as categorias apresentadas. Assim temos que no 7º ano a percepção de igualdade em homens e mulheres foi de 77%, diferente dos resultados no 8º ano, onde nas duas turmas não houve grande diferença em relação às respostas sendo de 13% e 17% respectivamente (Tabela 12

Nossos resultados vão ao encontro com os resultados encontrados por Rokeach (1981) quem concluiu que os programas baseados em tarefas construtivas sobre aprendizagem de conceitos em gênero e identidade sexual influenciam positivamente sobre os conhecimentos e atitudes em pré adolescentes quando comparados com sujeitos maiores.

Já com respeito ao item, Percepção dos riscos da Utilização da Internet para fazerem novos amigos, a diferença foi contrastante no 7º ano com 5%, diferente das duas turmas do 8º ano, onde as diferenças nas respostas entre o pré e pós-teste foi de 36% e 20% respectivamente (Tabela 12).

Sabe-se que as atitudes comportam crenças, sentimentos e intenções para agir de uma determinada maneira, assim mesmo quando as crenças e os mitos em relação à violência são questionados, originam-se um desequilíbrio nos esquemas dos conhecimentos prévios e por tanto surgem novas atitudes

Nesse sentido a proposta metodológica com oficinas teve como um dos seus objetivos preparar os estudantes para se defender da violência sexual, sendo que para isto foi necessário questionar os esquemas de conhecimento alertando-os sobre os riscos da utilização da internet como espaço de relacionamento oferecendo as condições para que os estudantes realizem suas escolhas (DIAS & TAILLE, 2006).

Para Mauri (2006), um dos objetivos fundamentais da educação escolar é a modificação dos Esquemas de conhecimento nos estudantes através da reorganização dos seus esquemas prévios fazendo com que sejam cada vez mais organizados e previsíveis, com capacidade para resolver os problemas que demandam solução imediata.

Tabela 12: Porcentagem relativa (%) das respostas sobre atitudes pré e pós-teste dos estudantes em função da série.

Categorias Avaliadas	7º ano (N=43)					8º ano 1 (N=39)					8º ano 2 (N=40)							
	Pré-teste		Pós-teste			Diferença em %	Pré-teste		Pós-teste			Diferença em %	Pré-teste		Pós-teste			Diferença em %
	n	%	n	%	n		%	n	%	n	%		n	%	n	%		
1.percepção das conseqüências da violência	20	47	31	72	25	20	51	27	69	18	26	65	40	100	35			
2.-Assertividade relacionada a Violência sexual e percepção da solução	15	35	40	93	58	20	51	27	69	18	30	75	35	88	13			
3.Percepção da utilidade dos conhecimentos de intervenção do pedófilo para enfrentar a pedofilia	25	58	35	81	23	22	56	38	97	41	28	70	30	75	5			
4.Percepção dos Riscos da Internet para fazer novos amigos	28	65	30	70	5	21	54	35	90	36	22	55	30	75	20			
5.-Percepção da igualdade nas relações de Gênero	10	23	43	100	77	20	51	25	64	13	23	57	27	74	17			
6.Assertividade relacionada a comportamentos sexuais seguros	20	47	25	58	11	23	59	30	77	18	20	50	22	55	5			

Finalmente os resultados de nossa pesquisa, tem consistência com os resultados encontrados por Martins et al (2008). Quem desenvolveu um programa de orientação sexual com oficinas pedagógicas nas escolas publicas de Belo Horizonte, nas disciplinas de Historia, Língua Portuguesa e Arte, concluindo que a escola exerce um papel fundamental na construção e aplicação de metodologias de ensino em questões relacionadas a valores e sexualidade que facilitem a preparação dos indivíduos para o exercício da cidadania, através da participação de todos os professores em todas as disciplinas viando um currículo integrador sistêmico.

Por outro lado a utilização de oficinas possibilitou aos adolescentes um espaço de reflexão e elaboração de vivências e experiências no contexto do grupo, fornecendo as bases para a produção de novos conhecimentos e atitudes após da intervenção conduzindo as mudanças em relação a sexualidade.

Assim mesmo o trabalho desenvolvido tomando em consideração o paradigma da transversalidade contribuiu com os resultados positivos. Pois para Veiga-Neto (1997, p.), o “movimento da transversalidade, “coloca em seu horizonte imediato a integração entre os saberes, ou seja, novas formas de trabalhar o conteúdo das disciplinas e em um horizonte mais distante, esperando alcançar a unidade do saber”.

Assim para os PCNs (2000) o trabalho de orientação sexual precisa, que contextualizemos a sexualidade em todas suas dimensões, seja ela física, psicológica, social e cultural, devendo ser contemplada pelas diversas áreas do conhecimento, impregnando assim toda a prática educativa.

Nesse sentido, precisamos de um currículo flexível com capacidade de dar resposta aos problemas atuais.conforme Caboclo & Trindade *apud* Mangueira (2008), as mudanças na escola começam com a construção de um currículo mais coerente com a realidade social que se apresenta e com as propostas de educação que vem sendo defendidas pelo Ministério da Educação. Assim elas acreditam que:

“O currículo escolar deve possibilitar ao aluno estabelecer relações com o meio ambiente, percebendo parte dele; entender as relações de trabalho estabelecidas entre os homens, bem como entender-se como integrante de uma cultura, valorizando suas formas próprias de pensar, de agir e de se expressar, sem desconsiderar o intercâmbio entre as diferentes culturas. E, finalmente, é preciso que a escola ofereça ao aluno oportunidade para ele se apropriar das linguagens do seu tempo” (Caboclo e Trindade 1998, p. 20).

Finalmente, acreditamos ter respondido aos nossos objetivos e questões Norteadoras, assim como ter demonstrado a importância da proposta com oficinas pedagógicas como estratégia para abordar o tema transversal Orientação Sexual no Ensino Fundamental no Município de Itacoatiara.

CONCLUSÕES, LIMITAÇÕES E IMPLICAÇÕES FUTURAS

A partir da presente pesquisa foi comprovada a importância da transversalidade na abordagem da temática Orientação Sexual, proposta pelos PCNs através de uma estratégia de oficinas pedagógicas com material didático nas disciplinas de Educação Física, História, Ciências e Língua Portuguesa, facilitando aos nossos alunos a possibilidade de construir novos conhecimentos científicos e novas atitudes de prevenção frente às vulnerabilidades como violência sexual e Pedofilia na Internet. Nesse sentido a estratégia proposta permitiu que os alunos expressassem genuinamente os seus interesses, sonhos, necessidades, e dúvidas sobre sexualidade, favorecendo assim a partilha e o diálogo entre professor e aluno, elementos necessários para a modificação de esquemas de pensamentos prévios e construção de novos conhecimentos, outorgando a escola uma meritória posição de espaço privilegiado para trabalhar essa temática.

Ora, na condição de educadores no Ensino de Ciências, a principal razão que levou a assumir o desafio no presente estudo foi a necessidade sentida de dar resposta, ainda que de forma aproximada, a uma série de problemas evidenciados com crianças e adolescentes na cidade de Itacoatiara como a violência sexual e Pedofilia na Internet.

Assim, na avaliação inicial realizada na escola investigada foi evidenciado que os estudantes possuem um conhecimento reducionista da temática Sexualidade, ligada a aspetos fisiológicos do corpo humano, sem contemplar outras dimensões como a afetiva, social e espiritual. E ao ser entrevistados em relação às atitudes sobre o tema Relações de Gênero, observamos posicionamentos ligados a estereótipos que reforçam a diferenciação dos papéis sociais em homens e mulheres. Quanto a fatores de vulnerabilidade foi sinalizado em primeiro lugar, o desejo de engravidar e fugir de casa por maus tratos, em segundo lugar, a gravidez por estupro de pai, padrasto ou outro membro da família, e em terceiro lugar, a gravidez por relacionamento com pessoas conhecidas através da Internet.

Por outro lado, conforme a entrevista realizada com as professoras em relação ao conhecimento sobre o significado de Orientação Sexual, e transversalidade as quatro professoras outorgaram uma definição descontextualizada da aquela proposta pelos PCNs mostrando com isto o desconhecimento da temática. Assim mesmo foi comprovado o desenvolvimento da

temática orientação sexual na disciplina de ciências abordando temas relacionados a AIDS e gravidez precoce através de filmes e palestras, porém sem contemplar a relação com as outras disciplinas.

Em função dos resultados no diagnóstico inicial realizado com os estudantes e os professores foi proposta uma intervenção com oficinas pedagógicas e material didático com Álbum seriado, Historias, desenhos, e brinquedos.

Após da Intervenção foi realizada a análises dos resultados pré e pós teste encontrando-se os seguintes resultados: As respostas sobre conhecimentos, por sexo em relação à Sexualidade e Relações de Gênero, indicaram que tanto para os meninos como para as meninas, a porcentagem de respostas sobre os conhecimentos posteriores do assunto pesquisado em todas as categorias avaliadas melhorou em relação aos conhecimentos prévios, porém foi evidenciado que as meninas demonstraram maior conhecimento que os meninos na categoria Sexualidade e Definição de Gênero. Ao avaliar os mesmos conhecimentos por séries concluiu-se que o 7º ano acusou um maior conhecimento na categoria Relações de Gênero, e por outro lado o 8º ano 1 e o 8º ano 2 demonstraram maior conhecimento sobre a definição científica dos órgãos genitais.

Ao analisar as respostas sobre conhecimentos relacionados à Violência e Pedofilia na Internet detectou-se que os meninos acusam maior conhecimento nas categorias definição de Violência e Identificação dos tipos de Violência.

Já as meninas demonstram maior conhecimento e interesse em relação às categorias métodos de comunicação utilizados pelos pedófilos no cotidiano e meios de comunicação utilizados pelos pedófilos na Internet. Por outro lado ao analisar os mesmos conhecimentos por séries, observou-se que o 7º ano demonstrou maior conhecimento na categoria passos para se prevenir e denunciar, e o 8º 1 demonstrou maior conhecimento nas categorias definição de Pedofilia, e riscos da internet para fazer novos amigos.

Concernente a avaliação das respostas sobre atitudes, foi observado que as meninas revelam mais atitudes nas seguintes categorias: percepção de igualdade nas relações de gênero percepção da utilidade dos conhecimentos sobre as modalidades de intervenção do pedófilo como estratégia para enfrentar a pedofilia, e percepção dos riscos da Utilização da Internet para fazer novos amigos; resultados coincidentes aos encontrados no teste de conhecimento. Entretanto as respostas dos meninos revelaram mais atitudes de Assertividade relacionadas à Violência Sexual.

Finalmente podemos concluir que a participação das disciplinas para abordar o tema Orientação sexual foi relevante nesta pesquisa, sendo comprovado que o trabalho pedagógico desde a transversalidade foi uma realidade na escola investigada superando com isto a visão descontextualizada que se tinha sobre o tema , possibilitando a articulação de todas as disciplinas para abordar questões presentes na vida cotidiana dos alunos como a violência sexual e a pedofilia na Internet.

Assim considera-se que a disciplina de Educação física permitiu a desconstrução dos estereótipos de gênero, através da construção de conhecimentos de igualdade e respeito entre homens e mulheres. A disciplina de História permitiu aos estudantes conhecer as lutas travadas pelas mulheres ao longo do tempo, incentivando-os a desenvolver atitudes de reflexão frente a problemática da violência de gênero, assim também a disciplina de Língua Portuguesa possibilitou à reflexão e construção de novos conhecimentos sobre sexualidade e vulnerabilidades através de textos literários e narrativos.

Já a disciplina de Ciências estimulou a reflexão sobre os benefícios e os riscos da tecnologia, no desenvolvimento sexual de crianças e adolescentes, favorecendo com isto o processo de construção de valores voltado para a cidadania.

Por outro lado, se analisamos a contribuição do material didático proposto nas oficinas pedagógicas, encontramos que o livro didático constitui um recurso valioso e necessário no processo de ensino aprendizagem. Assim também o Álbum seriado estimulou nos alunos o desenvolvimento das capacidades de reflexão, percepção e análises favorecendo o aprendizado de novos conceitos sobre papéis sexuais e identidade sexual; O brinquedo, através da experiência lúdica incentivou os estudantes a se questionarem sobre os estereótipos de Gênero através de atividades compartilhadas entre meninos e meninas dentro do contexto grupal.

Por outro lado o desenho possibilitou a expressão de emoções nos estudantes e com isto o desenvolvimento da atividade criadora necessários para a mudança de esquemas de conhecimento, dando início a organização de novos processos cognitivos.

Finalmente o material didático com Histórias possibilitou a organização do processamento da informação nos estudantes através de elementos cognitivos e sociais do fenômeno da violência proporcionados pelos personagens da historia em seus diversos papéis: intimidador, vítima e espectador, favorecendo com isto a expressão de emoções, a evocação da problemática vivenciada e finalmente a construção de soluções.

A partir do conhecimento construído no processo dessa pesquisa, acredita-se ter contribuído para o avanço do conhecimento científico na área do Ensino de Ciências. Sendo assim, o presente trabalho se apresenta como um dos primeiros sobre a temática no Amazonas ao propor uma estratégia de Oficinas pedagógicas com material didático para trabalhar a prevenção de vulnerabilidades na escola através do tema transversal Orientação sexual.

Por outro lado somos cientes que o trabalho apresenta limitações quanto algumas questões que não foram aprofundadas, apontando para novos estudos necessários para ampliar o conhecimento do tema.

Nesse sentido lança-se o desafio para futuras pesquisas que visem responder as seguintes questões: Qual seria o impacto da tecnologia sobre os comportamentos e atitudes sexuais em crianças e adolescentes? Quais outras estratégias metodológicas poderiam ser abordadas em sala de aula para trabalhar a temática Orientação sexual? De que forma a aplicação de projetos envolvendo professores e pais poderiam contribuir com a prevenção de vulnerabilidades? Esses questionamentos vislumbram uma longa caminhada que futuros investigadores deverão enfrentar para encontrar respostas necessárias que permitam o avanço da dos conhecimentos sobre novas metodologias e didáticas para otimizar o Ensino de Ciências

Finalmente anelamos que o trabalho seja significativo à medida que possa contribuir com os conhecimentos e atitudes em professores e estudantes através de posicionamentos concretos frente ao fenômeno da violência Sexual e da Pedofilia na Internet.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; **GARCIA** Mary; **DA SILVA** Lorena. **Juventude e Sexualidade** Brasília: UNESCO, 2004.

ABRAPIA. Associação Brasileira Multiprofissional de proteção a infância e adolescência. Maus-tratos contra crianças e adolescentes. Proteção e Prevenção: **Guia de Orientação para Profissionais de Saúde**. 2. ed. Petrópolis: Autores e Agentes Associados, Abrapia, 2002.

ALFONSO, Luisa. **Oficinas em dinâmica de grupo**. Um método de intervenção psicossocial. Belo Horizonte: Edições do campo social, 2000.

ALTMANN, Helena. **Rompendo fronteiras de gênero: Mariás (e) homens na educação física**. Belo Horizonte, UFMG, 1998.110p. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 1998.

ALMEIDA, Luisa; **FREIRE**, Tenor. Metodologia da investigação em psicologia e educação. 2. ed. Braga: Psiquilíbrios, 2000.

MARTIN, Carlos José. **A sexualidade na juventude como foco de investimento político-educacional**. Disponível em: <<http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys10/riogrande/helena.htm>> Acesso em: 09 jan.2009

ANZAI, Koiti. O corpo enquanto objeto de consumo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.21, n. 2-3, Jan.-Maio 2000.

AQUINO, Julio. **Diferenças e preconceitos na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998.

ARAÚJO, Ulisses. Apresentação à edição brasileira. In: **BUSQUETS**, Maria D. et al. **Temas Transversais em Educação**: Bases para uma formação integral. São Paulo: Ática, 2000.

AUSUBEL, David. **Psicología Educativa**: un punto de vista cognoscitivo. México: Trillas, 2003.

AYRES, José. Vulnerabilidade e prevenção em tempos de AIDS. In: **BARBOSA** Ricardo, (org). **Sexualidades pelo avesso: direitos, identidades e poder**. Rio de Janeiro, IMS/UERJ, 2000. p.49-72.

AZEVEDO, Maria; **GUERRA**, Vilma. **Violência doméstica contra crianças e adolescentes**. São Paulo: Cultrix, 2005.

_____ **A trajetória das crianças e adolescentes vítimas de violência sexual:** fatores de risco e proteção. Trabalho apresentado no XIII Congresso Internacional de Terapia Familiar. Porto Alegre, 2000.

BABBIE, Earl. **Métodos de pesquisas de Survey.** Traduzido por Guilherme Cezarino. Belo Horizonte: Editora UFMG, [2005].

BACHELARD, Gaston. **Formação do espírito científico.** Rio de Janeiro: contraponto, 1986.

BAGGIO, María Aparecida. et al. **O significado atribuído ao papel masculino e feminino por adolescentes de periferia.** Disponível em:

<http://www.eean.ufrj.br/revista_enf/20094/artigo%2023.pdf> Acesso em : 09 jan. 2009.

BARDI, Juliana; **CAMPOS** Luciana. Produção de materias didáticos para temas de Orientação Sexual nas series iniciais de Ensino Fundamental. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2005, São Paulo. **Anais.** ENPEC, 2005.p. 201

BARREIRO, Inacio. **Formação de valores e identidade na adolescência: uma experiência.** Disponível em:<http://www.unesp.br/index.php/revista_proex/article/download/174/8>. Acesso em: 05 mai. 2008.

BENTHAM. Jeremy. **O Panóptico.** 2. ed. Traduzido por Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte : Autêntica,[2008].

BEM, Sandra. **Teoria do Esquema de Gênero e suas Implicações para o Desenvolvimento Infantil:** socializando crianças não modeladas pelo gênero numa sociedade modelada pelo gênero. Traduzido por Francisco María. Garcia. Mimeo. São Paulo: Cortez,[1983].

BERGAMIM, Edlaine. **O recado do conto:** a multiplicidade de sentidos em histórias contadas por crianças. Campinas: UNICAMP, 2007. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, 2007.

BETTELHEIM, Bernard. **A psicanálise dos contos de fadas.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Educação e Realidade. Porto Alegre: global, 1995.

BUSQUETS, Maria Dolors et al. **Temas transversais em educação:** bases para uma formação integral. São Paulo: Atica, 2000.

BRAUN, Sara. **A violência sexual infantil na família:** do silêncio à revelação do segredo. Porto Alegre: AGE, 2002.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais 3 e 4 ciclos de Ensino Fundamental. Introdução aos parâmetros curriculares Nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, DF: MEC/SEF, 1995.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Temas transversais.** Brasília, DF, 1998.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais: pluralidade cultural e orientação sexual. Introdução aos parâmetros curriculares Nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, DF: MEC/SEF, 2000

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente - Lei Federal nº 8.069/90, Imprensa Oficial, CONDECA, 2000.

BRASIL. Ministério da Justiça. **Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual Infante juvenil.** Brasília: MJ / SEDH / DCA, 2001.

BRINO, Rachel; WILLIANS, Lúcia. Concepções da professora acerca do abuso sexual infantil. **Cadernos de Pesquisa,** São Paulo: Fundação Carlos Chagas, Autores Associados, 20 Jul. 2003.

_____ Prevenção Primária e Secundária do Abuso Sexual Infantil. In: **GUILHARDI, H.J.; AGUIRRE, N.C. (Orgs.). Sobre Comportamento e Cognição:** expondo a variabilidade. Santo André: Esetec (2005). p. 174-184.

BRITO, Dislene; CARDOSO, Nilzete. Escola e Orientação Sexual: desafios à prática de um trabalho contínuo. Disponível em: <<http://cadernosiat.sec.ba.gov.br/index.php/ojs/article/viewFile/61/39.htm>> Acesso em: 07 jan. 2009.

BRUNER, Jerome. A cultura da educação. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CAPRA, Fritjof (Trad. Newton Roberval Eicheberg). **A teia da vida:** uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. 10. ed. São Paulo: Editora Cultrix, [2006].

CARDOSO, Noemi. A socialização do gênero feminino e suas implicações na violência em relação às mulheres. In **ZANELLA, Ana. (Orgs.). Psicologia e práticas sociais,** Porto Alegre: Abrapso, p. 280-292, 1997.

CASTRO, Maria. ABRAMOVAY, Marcos e SILVA, Lucas. Juventude e sexualidade. Brasília: UNESCO, MEC, Coordenação Nacional de DST/AIDS, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, Instituto Airton Senna, 2004.

CARVALHO Alisson; RODRIGUES Cristiano; MEDRADO Kelma. Oficina em Sexualidade Humana com adolescentes. **Revista Estudos de Psicologia,** Natal, v. 10, p. 377-384, set.-dez. 2005.

CARVALHO, Ana. Cresce o número de registros de violência sexual contra crianças e adolescentes em Manaus. Disponível em: <http://www.namaocerta.org.br/bol_2807.php> Acesso em: 20 mai. 2009.

COELHO, Nubia A história da história. In: RIBEIRO, R. **O Patinho Feio.** São Paulo: Moderna, 1995.p. 31.

COHEN, César. O incesto um desejo. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 1993.

COIMBRA, Renata; SANTOS, Luciene. A violência sexual contra crianças e adolescentes na perspectiva de profissionais da educação das escolas públicas municipais de presidente prudente. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reuniões/29ra/trabalhos/trabalho/GT23-1810--Int.pdf>> Acesso em: 10 abr. 2009.

COLL, Cesar. Construtivismo na sala de aula. 6.ed. São Paulo: Atica, 2006.

CONASS-Conselho Nacional de Secretários de Saúde. Violência: Uma Epidemia silenciosa, Seminários Regionais. Brasília: CONASS, 2008

CORSI, José. Violência familiar: Uma mirada interdisciplinária sobre um grave problema social. Buenos Aires: Paidós, 2003.

COSTA, Maria. Educação sexual nas escolas de ensino Fundamental e Médio: realidade ou utopia? Disponível em: <http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/educacao_sexual_nas_escolas.htm>. Acesso em 10 fev. 2009

CRUZ, José. Ciências. 8º ano. São Paulo: Moderna, 2006. p.154

DA CRUZ, Izaura. Percepções de professoras de ciências sobre gênero e sexualidade e suas implicações no ensino de ciências e nas práticas de educação sexual, Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, p. 1 -6, Agosto de 2008

DE CASTRO, Bernardo; LIBORIO, Renata. A opção pela Prostituição: Uma escolha voluntária? In: Revista Ciências sociais Unisinos. São Leopoldo: UNISINOS. v. 40. nº 165 p. 189-218. Jul./dez. 2005

DELIZOICOV, Demétrio; ANGOTTI, José André; PERNANBUCO, Marta Maria. Ensino de ciências: fundamentos e métodos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2007. (Coleção Docência em Formação).

DIAS, Ana; TAILLE, Ives. O uso das salas de bate-papo na internet: um estudo exploratório acerca das motivações, hábitos e atitudes dos adolescentes. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/psicologia/article/viewFile>.> Acesso em: 15 set. 2009.

DREZET, José. Aspectos biopsicossociais da violência sexual. **Jornal da Rede Pública**, nº 22, 2000.

FALEIROS, Vicente de Paula. **Escola que protege: enfrentando a violência contra crianças adolescentes**. Brasília: Ministério de Educação, 2008.

FAZENDA, Ivani. **A interdisciplinaridade: historia, teoria e pesquisa**. Campinas: Papirus, 1994.

FELIPE, Jane. **Afinal, quem é mesmo pedófilo? Disponível em:** <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30391.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2009.

FELIPE, Sílvia. **Cumplicidade e violência**. Palestra proferida no Congresso Internacional de Família e Violência. Florianópolis, 1999.

FERNANDES, Fernanda. **A Sexualidade Virtual e sua Potencialidade de Subversão das Relações de Gênero Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis n. 2, p. 6-10, 2008.

FINCO, Daniela. **Relações sociais de gênero, práticas educativas e “transgressões” de meninas e meninos na educação infantil**. Campinas: UNICAMP, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

FIGLIARESI, Romeu. **Metodologia da pesquisa: como planejar, executar e escrever um trabalho científico**. João Pessoa: EDU, 2003.

FOUCAULT, Michael. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____ **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. 6ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

FURLANI, Jimena. Educação Sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, Guacira. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

FREUD, Sigmund. Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

GOLDENBERG, Manoel. (1999) **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GHERPELLI, Maria Helena. A Educação Preventiva em Sexualidade na Adolescência Disponível em: <<http://www.smecc.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-diversidade/htm>>. Acesso em: 20 jul. 2009.

GUIA DE REFERENCIA. Construindo uma cultura escolar de prevenção da Violência Sexual. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação. 2008.

GUIMARÃES, Isaura. Educação sexual na escola: mito e realidade. São Paulo: Mercado das Letras, 1995.

GONDRA, José. Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na corte imperial. V. 1 e 2. 2000, 475 f. (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, USP, São Paulo.

GONÇALVES, Diana. A educação Sexual. Educação: Grandes Temas. São Paulo, n. 2, mar. 2008.

GRIFFITS, Mathew (2000). Uso excessivo da Internet: Implicações para o comportamento sexual. Revista de Psicologia e comportamento, São Paulo, n3, 2000.

HEILBORN, M. L. Estranha no ninho: sexualidade e trajetória de pesquisa. In: VELHO, G.; (Orgs.). **Pesquisas urbanas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar 2003. p. 190-207.

IPPOLITO, Rita. Guia Escolar: método para a identificação de sinais de abuso e a exploração sexual de crianças e adolescentes. Brasília: Presidência da República, Secretaria Especial de Direitos Humanos, 2003.

JAPIASSU, Hilton. Interdisciplinaridade e patologia do saber, Rio de Janeiro: Imago, 1976

KAPLAN, Henry; SADOCK, Bruno. Compêndio de psiquiatria. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

KISHIMOTO, Tom. Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

KRASILCHIK, Miriam; MARANDINO, Martha. Ensino de Ciências e Cidadania. São Paulo: Moderna, 2007.

KOLLER, Silvia Helena. Violência doméstica: Uma visão ecológica. In: AMENCAR (Org.), **Violência Doméstica.** São Leopoldo: Amencar, 1999.

KUHN, Thomas S. A estrutura das revoluções científicas. Traduzido por Beatriz Vianna. São Paulo: Perspectiva, [2006].

LACERDA, Marisa Adolescentes falando “daquilo”: um estudo qualitativo das fontes de informação sobre sexualidade e saúde reprodutiva em duas escolas municipais. Disponível em: <www.abep.org.br>. Acesso em: 10 jan.2009.

LEAL, Maria. (org). A exploração comercial de Meninos, Meninas e Adolescentes na America Latina e Caribe. (Relatório Final Brasil). 2da. Ed. Brasília: UNICEF, 1999.

LISBOA, Carlos; **KOLLER** Sandra; **RIBAS**, Fernando. Estratégias de coping de crianças vítimas e não vítimas de violência doméstica. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 5(2): 345-62 2002.

LIBÓRIO, Renata; **SOUSA**, Sonia. Exploração sexual comercial infanto-juvenil: Categorias explicativas e políticas de enfrentamento. In _____ **A exploração sexual de crianças e adolescentes no Brasil**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2004. p 19-50.

_____**Desvendando vozes silenciadas: adolescentes em situação de exploração sexual**. São Paulo: USP, 2003. Tese (Doutorado em Psicologia) Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, 2003.

LOURO, Guacira et al. **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MAURI, Teresa. A natureza ativa e construtiva do conhecimento. In: COLL, César (org.). **Construtivismo na sala de aula**. São Paulo: Ática 2006.

MANGUEIRA, Espedito. A Saúde como Tema Transversal na escola. Disponível em:<http://www.fe.unb.br/revistadepedagogia/numeros//rp_num06_art10.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2009.

MARTINS, Isabel. et al. **Educação em ciências e ensino experimental**. Lisboa: Ministério de Educação Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, 2007. 2. Ed. Lisboa: Ministério da Educação Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, 2007.

MARTINS, Rafael. et al. **Sexualidade e afetividade como temas transversais para o ensino fundamental**. Disponível em:
<http://www.conexaeventos.com.br/trabalhos/1RafaelMartinssexualidee_afetividade_temas_transversais.pdf>. Acesso em: 09 Mai.2009.

MATTOS, Moanna. **Estudo dos fatores de risco e de proteção para o abuso sexual incestuoso contra crianças e adolescentes nos âmbitos social, familiar e institucional em SantaCatarina/Florianópolis**. Disponível em: <http://www.sepex.ufsc.br/anais_6/grupos_direitos_humanos.html>. Acesso em: 10 jul. 2008.

MAY, Tim. Pesquisa social: questões, métodos e processos. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MELANI, María. **Historia** 8º ano. São Paulo: Moderna, 2006. pp. 52-53

MENEZES, Amarildo; Barroso, Sonia Claudia. Currículo, Transversalidade e Migração. In: GHEDIN, Evandro (org.). **Currículo e praticas pedagógicas**. Rio de Janeiro: memvavmem, 2006.

MEYER, Dagmar. **Saúde e sexualidade na escola**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

MILLER, Mary Susan. **Feridas Invisíveis**. Traduzido por Denise Maria Bolanho. São Paulo: Summus, [2002].

MINAYO María Cecília. A violência social sob a perspectiva da saúde pública. **Cadernos de saúde pública**. Rio de Janeiro, n. 10 (suplemento1), 2001. p.07-18

MINAYO, María. Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v.9, n.3, 2000, p.239-262.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes e outros ensaios**. Traduzido por Maria da Conceição de Almeida, Edgard de Assis Carvalho, (Orgs). 4. ed. São Paulo: Cortez, [2007].

MORENO. Montserrat, **Temas Transversais: Um ensino voltado para o futuro**, In Temas Transversais em Educação-bases para uma formação integral, 6. ed. São Paulo: Atica, 2000.

MOURÃO, Ronaldo. Cientistas sabe-tudo são sempre reacionários. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 set.1996.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. São Paulo: Cultrix, 1996.

NARVAZ, Martha. **A transmissão transgeracional da violência**. São Paulo: Moderna, 2005.

NUNES, Ana. **O lúdico na aquisição da segunda língua**.

Disponível em: http://www.linguaestrangeira.pro.br/artigos_papers/ludico_linguas.htm. Acesso em: 19 fev. 2008.

NUNES, César; **SILVA**, Edna. **As Manifestações da Sexualidade da Criança**. Campinas: Século XXI, 2006.

_____ **Desvendando a sexualidade**. 3. ed. Campinas: Papyrus, 1999.

OLIVEIRA DA SILVA Neemias. **Tecnologia e Controle Social**. Disponível em: <file:///C:/Users/SONY/Desktop/panoptico%20E%20atecnologia.htm>. Acesso em: 12 Dez. 2009.

OLIVEIRA, Dora. Sexo e saúde na escola: isto não é coisa de médico? In: **MEYER**, Denisse. (Org.). **Saúde e sexualidade na escola**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

PADILHA, María da Graça. **Prevenção primária de Abuso Sexual: Avaliação da eficácia de um programa com adolescentes e pré adolescentes em ambiente escolar**. São Carlos: UFSCAR, 2007. Tese (Doutorado em Educação especial), Faculdade de Educação, Universidade de São Carlos, 2007.

PEREIRA, Júlio. **Análise de dados qualitativos: estratégias metodológicas para as ciências da saúde, humanas e sociais**. 2.ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.

PORTO, Eliane. et al. Orientação sexual em escolas de ensino fundamental: um estudo exploratório. **Caderno de psicopedagogia**. São Paulo v.5 n.9 2005.

PRÁ, Jussara; **NEGRÃO**, Telia. Internet, um novo ambiente comunicativo e de empoderamento para as mulheres. In: **Gênero em discursos da mídia**. FUNK, Suzana; WIDHOLZER, Nara. Florianópolis: Mulheres, 2005.

RAVAZZOLA, María Cecília. **Histórias infames: los Maltratos en las relaciones**. Buenos Aires: Paidós, 1997.

RENNA Luísa. **Sexualidade e Adolescência: As Oficinas como pratica Pedagógica**. Belo Horizonte: Autentica, 2001.

REPPOLD, Carlos. Prevenção de Problemas de Comportamento e o Desenvolvimento de Competências Psicossociais em Crianças e Adolescentes: uma análise das práticas educativas e dos estilos parentais. In: HUTZ, C.S. (Org.). **Situações de Risco e Vulnerabilidade na Infância e na Adolescência: aspectos teóricos e estratégias de intervenção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 7-51

RIBEIRO, Paula Regina Costa. Curso corpos, gêneros e sexualidades: um espaço de narração, discussão e compartilhamento de experiências. In: **Educação e sexualidade: identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, preconceitos, homofobia**. Rio Grande: FURG, 2008.

ROSISTOLATO, Ricardo. **Sexualidade e escola: uma análise de implantação de políticas públicas de orientação sexual: UFRJ, 2003**. (Mestrado em Sociologia e Antropologia), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

RODRIGUES, Marisa. Literatura infantil: Teoria da mente e processamento de informação social. **Revista de Psicologia escolar e educacional**, Campinas v.11 n.1, jun. 2007

SACRISTÁN, Gimeno. Currículo e diversidade cultural. In SILVA, Tatiana (orgs) **Territórios contestados**. Petrópolis: Vozes, 1995.

SAFFIOTI, Helena. **O poder do macho**. 9. ed. São Paulo: Moderna, 1995

_____ **Quem mandou nascer mulher?** Estudos sobre crianças e adolescentes no Brasil. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996

SARMENTO, Leila. **Portugês: Leitura e Produção Gramática**. 7º ano. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2006. Pp.107-109

SAYÃO. Deborah. **A hora da Educação Física na Escola**. In Anais do X Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. Goiânia, 2000.

SAYÃO, Yara Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários, In AQUINO José (org.) **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2000.

SILVA, Ricardo. **Orientação Sexual: Possibilidade de mudança na escola**. São Paulo: Mercado de letras, 2002.

SILVEIRA, Rosemari M. C. F. **Inovação tecnológica na visão dos gestores e empreendedores de Incubadoras de Empresas de Base Tecnológica do Paraná (IEBT-PR): desafios e perspectivas para a educação tecnológica**. 2007. 274 f. Tese (Doutorado) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

SOUZA Marília, **Gênero e sexualidade no espaço escolar: considerações sobre a orientação sexual**. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/27/ge23/p234.pdf>> Acesso em: 20 jun 2009.

SOUSA Eustaquia; **ALTMANN** Helena. **Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar**. São Paulo: Cortez, 2008.

SUPLICY, Martha. et al. **Educação e Orientação Sexual**, Rio de Janeiro: Rosa dos tempos 1995.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, ag-dez1995.

STREY, Marlene Neves. Violência e gênero: um casamento que tem tudo para dar certo. In: **GROSSI**, Patrícia; **WERBA**, Graziela. **Violências e Gênero: Coisas Que a Gente não Gostaria de Saber**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

TAVARES, Thiago. Pedofilia na internet: Ela pode estar perto de você. Saiba como detectar e onde denunciar. **Safernet- Brasil jornalistas**, São Paulo, 07 Ago. 2009.

TEXEIRA, Filomena. Educação em sexualidade em contexto escolar. In carvalho, G; Varela de Freitas, M.L; Palhares, P. e Azevedo, F. (org) **Saberes e práticas na formação de professores e educadores-** Actas das jornadas DCILM 2002, 155-70 (Braga, Universidade do Minho. DCILM/EC. 2003.

UNESCO, MEC. Coordenação Nacional de DST/AIDS, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, Instituto Airton Senna, 2004.

VERGNAUD,Gerald. A trama dos campos conceituais na construção dos conhecimentos. **Revista do GEMPA**, Porto Alegre, v.24,n.1234,p.23-4,jan.-fev. 1996b.

VEIGA,Luísa; **TEXEIRA**,Filomena; **COUCEIRO**,Fernanda. **Menina ou Menino Eis a questão**.Lisboa: Platano, 2001.

VIANA, Claudia; **SILVA**, Claudio. Gênero e Sexualidade: Contribuições para as análises da Educação Escolar. **Educação: Grandes Temas**. São Paulo, n. 2, p. 6-15, mar.2008.

VIDAL, Diana. A educação escolar. **Educação: Grandes Temas**. São Paulo n. 2, p. 24-33, mar. 2008.

VIGARELLO, Georges. **História do estupro: violência sexual nos séculos XVIII, Rio de Janeiro: Zahar, 1998.**

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VITIELLO, Nelson. Sexualidade: **quem educa o educador**. Um manual para jovens, pais e educadores. São Paulo: Iglu, 1997.

WEEKS, Jeffrey. **El malestar de la sexualidade: significados, mitos y sexualidades modernas**. Madrid: Talasa, 1993.

WEREBE, Maria José. **Sexualidade, política e educação**. Campinas: Autores Associados, 1998.

WELLAUSEN, Saly. **Os dispositivos de poder e o corpo em Vigiar e Punir**. Disponível em: < <http://www.unicamp.br/~aulas/pdf3/26.pdf>> Acesso em: 10 fev. 2009.

YUS, Rafael. **Temas transversais: Em busca de uma nova escola**. Porto Alegre: Aritmed, 1998.

ZESAR, César, **Ciências entendendo a natureza: O homem no ambiente**. Livro do professor. São Paulo: Saraiva 1997.

ANEXOS

ANEXO 01



ESCOLA ESTADUAL JOSÉ CARLOS MARTINS MESTRINHO
DECRETO Nº. 11.344 DE 04 DE AGOSTO DE 1988
INEP: 13035240

DECLARAÇÃO



Declaramos para os devidos fins que a Psicóloga Maria de los Angeles Olórtégui Aguinaga desenvolveu nesta escola, um trabalho de pesquisa intitulado: *A Orientação Sexual Como tema Transversal na prevenção de Vulnerabilidades no Ensino de Ciências* o qual foi realizado durante o ano letivo de 2009. O trabalho fez parte da sua dissertação de Mestrado em Ensino de Ciências da Universidade Estadual do Amazonas (UEA), sendo os sujeitos de pesquisa 4 professoras dos componentes curriculares de : Língua Portuguesa, Ciências da Natureza, História e Educação Física assim como 122 alunos do 7º e 8º ano de Ensino Fundamental do turno matutino. Assim sendo o trabalho foi desenvolvido em três momentos, no primeiro momento foi realizada a Avaliação diagnóstica com alunos e professores , identificando-se os conhecimentos e atitudes sobre sexualidade, vulnerabilidades, assim como metodologias utilizadas pelos professores, para trabalhar orientação sexual. No segundo momento foi construída a proposta metodológica junto as professoras a qual foi aplicada em sala de aula.

Dando como resultado duas oficinas pedagógicas onde foram trabalhados os seguintes temas: Sexualidade e Relações de Gênero, prevenção da violência sexual e Pedofilia na Internet concluindo no terceiro momento com a avaliação pré e pós teste nos alunos pesquisados.

Cabe mencionar que a presente pesquisa foi aprovada pelo conselho Escolar, (subordinado ao Conselho Estadual de Educação) sob o n 006/2009 liberando o termo de Livre Consentimento dos sujeitos da pesquisa que nos autoriza a publicação dos resultados

E tudo quanto tenho a declarar.

Itacoatiara 30 de Agosto de 2009


Otilene Nunes Estreago
DIRETORA
Portaria GS 86/01
Esp. Est. José Carlos Martins Mestrinho
Itacoatiara - AM

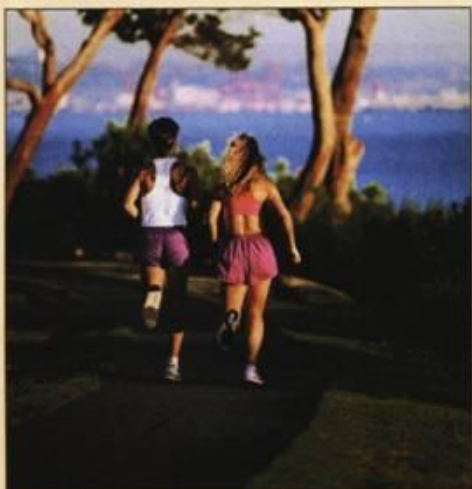
O corpo na Grécia e no mundo atual

O culto ao corpo

Na época atual, corpos bonitos, saudáveis, atléticos e harmoniosos são qualidades valorizadas e cobradas pela sociedade moderna.

Essa espécie de culto ao corpo e à beleza movimenta bilhões de dólares em produtos e serviços e faz milhares de pessoas correrem para os centros cirúrgicos e de emagrecimento.

Mas, se há um aspecto positivo em cuidar melhor do próprio corpo, há também um aspecto negativo: o de adoecermos na batalha para sermos belos. A preocupação com a beleza também provoca nas pessoas um sentimento de baixa auto-estima, por não terem o tipo de corpo valorizado como belo.



A preocupação com a beleza e a saúde estimula a prática de exercícios diários.

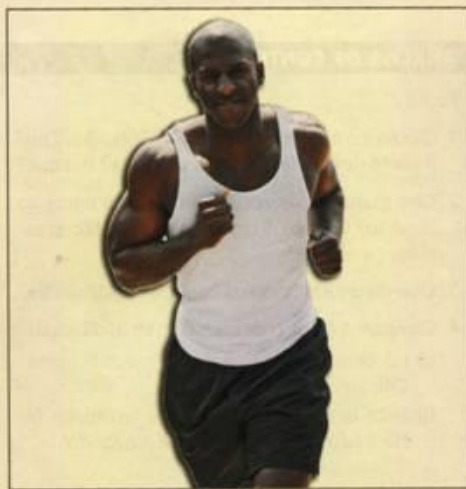


Academias promovem atividades físicas que procuram modelar o corpo de acordo com os padrões de beleza atuais.

A beleza para os antigos gregos

A busca do corpo bonito e saudável é muito antiga. Para os gregos, por exemplo, a beleza do corpo não era apenas estética, aparente. A beleza expressava um modo de vida do cidadão. O grego belo era aquele que praticava exercícios físicos, aprendia música, discutia política e tinha gosto pelo conhecimento e pela arte.

Nos jogos olímpicos, ocasiões nas quais as cidades gregas competiam entre si, os atletas podiam demonstrar as qualidades valorizadas no cidadão: coragem, força e inteligência, além de corpos fortes e bonitos.



Corpo atlético e forte. Esse é o modelo de beleza que sustenta as academias e a indústria da estética.

A beleza dos atletas olímpicos

Os jogos olímpicos gregos eram realizados em homenagem a Zeus, o mais importante deus de toda a Grécia. Em 776 a.C., realizou-se o primeiro torneio, em Olímpia, que passou a ser celebrado a cada 4 anos.

Para os gregos, os atletas eram “a expressão da coragem e da beleza física dos homens, com formas maravilhosas, com habilidade impressionante, com força invencível, cidadãos de bom caráter e capazes de proteger a nação...”.

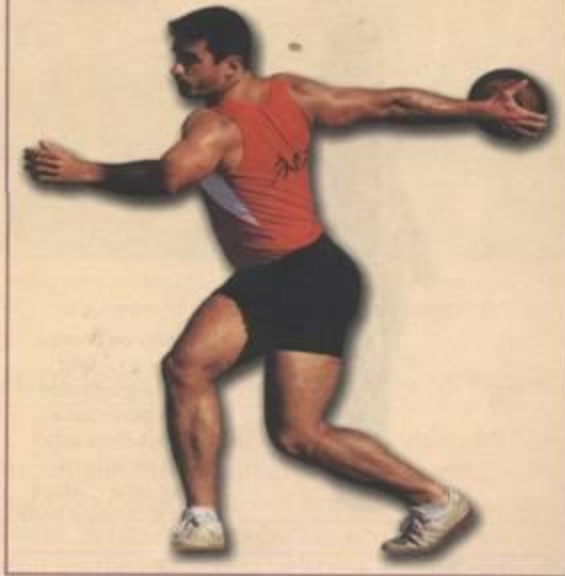
Como naquela época, os atletas modernos representam o ideal grego de beleza e cidadania. Hoje, quando um atleta sobe ao pódio para receber a medalha e a coroa de louros, como acontecia com os atletas gregos, não é só o atleta que está sendo premiado, mas o próprio país que ele representa.

Fonte 1



Discóbolo, de Míron, escultura grega do início do século V a.C. Observe a musculatura e a imagem de movimento da figura.

Fonte 2



Lançador de disco em competição esportiva, ano 2000.

A beleza dos heróis

Como os atletas, os heróis dos mitos gregos também representavam o ideal de beleza, força e coragem daquela época.

Para os gregos, os heróis podiam ser personagens de histórias épicas ou, na maior parte dos casos, semideuses, nascidos da união de um deus com uma mortal.

O herói Hércules, filho de Zeus com a mortal Alcmena, reunia as qualidades valorizadas pelos gregos: era forte, corajoso e astuto. Sua fama veio dos doze trabalhos que foi obrigado a realizar como punição por ter matado os próprios filhos num momento de loucura.

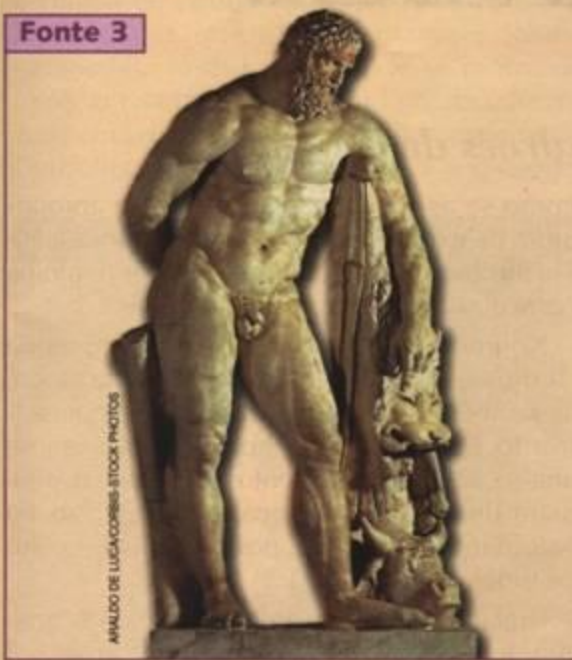
Capa do livro *Os doze trabalhos de Hércules*, do escritor brasileiro Monteiro Lobato.



Os novos heróis

As histórias em quadrinhos e os meios de comunicação modernos também produzem inúmeros heróis. Muitos deles são imaginários, como o Super-Homem; outros são figuras reais, como o piloto Ayrton Senna ou o atacante Ronaldo, que foram mitificados pela propaganda. Algumas qualidades dos novos heróis são semelhantes às dos antigos heróis gregos: corpos atléticos, grande habilidade, determinação e coragem. Outras qualidades, porém, não eram valorizadas nos heróis daquela época, como a preocupação com o bem comum. Édipo, Hércules e outros heróis gregos cometeram atos violentos, que são condenados nos heróis modernos.

Fonte 3



Escultura romana representando Hércules. Os artistas representavam os heróis lendários como homens de grande beleza e muita força física. Geralmente estavam nus, pois era uma forma de mostrar a sua força física e a sua coragem.

• Épico

Gênero de narrativa em prosa ou em verso sobre as ações heróicas de um personagem ou de um povo.

Atividades

Registre em seu caderno

ANALISE E INTERPRETE

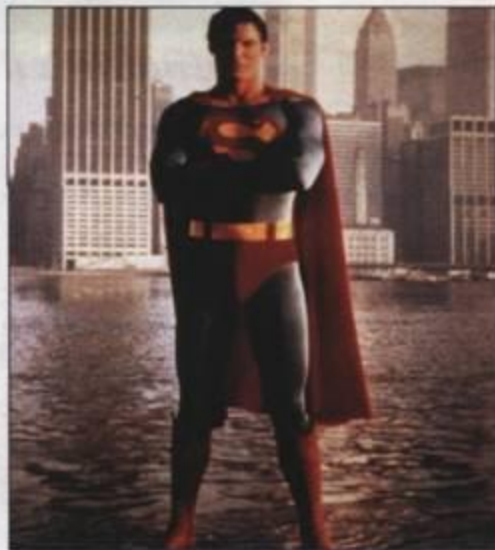
1. Fontes 1 e 2. (Em dupla)

- Que competição olímpica aparece nas imagens?
- Cite duas diferenças e duas semelhanças entre as imagens.
- As imagens mostram o tipo de corpo considerado ideal? Explique.

2. Fonte 3.

- Que personagem essa escultura representa?
- É um personagem real ou imaginário? Justifique.
- Escreva três qualidades valorizadas pelos gregos que o artista procurou representar na escultura.

3. Observe e responda.



Cena do filme *Superman*, de Richard Donner, 1979.

- Que personagem é esse?
- Por que ele é considerado um herói?
- As habilidades desse herói também eram valorizadas pelos gregos? Explique.
- Que outros heróis das histórias em quadrinhos você conhece? Eles têm características semelhantes às dos antigos heróis gregos? Quais?

1 Crescimento e mudanças no corpo humano

Desde o nascimento, o corpo sofre diversas transformações. Na puberdade, meninos e meninas passam por mudanças físicas e comportamentais.



Entrando na rede

No endereço <http://www.falateen.com.br>, você encontra informações sobre adolescência e saúde.

■ A adolescência

Todos os seres vivos têm um período de vida limitado. A continuidade da vida só é possível graças à capacidade de reprodução desses seres.

Na adolescência, meninos e meninas tornam-se maduros sexualmente e grandes mudanças físicas e comportamentais são percebidas.

A adolescência compreende o período que vai dos 10 aos 19 anos de idade. O início da adolescência é marcado pela **puberdade**.

Na fase da puberdade, inicia-se o amadurecimento dos órgãos sexuais, que se tornam aptos para a produção de células sexuais. Moças e rapazes passam por diversas mudanças, tanto físicas como comportamentais.

■ As mudanças físicas na adolescência

A adolescência é o período no qual o corpo sofre as mudanças mais perceptíveis. Essa fase pode ser muito difícil para alguns jovens, pois as transformações que ocorrem no corpo podem fazer com que se sintam diferentes, desajeitados ou preocupados, perguntando-se se a nova aparência é "normal". Compreender o que está acontecendo com o corpo ajuda o adolescente a sentir-se mais seguro.

É importante entender que as mudanças no corpo podem começar em idades diferentes para cada um. É comum que um jovem pareça fisicamente mais "adulto" do que outro da mesma idade. Com o tempo, todos passarão pelas mesmas transformações.

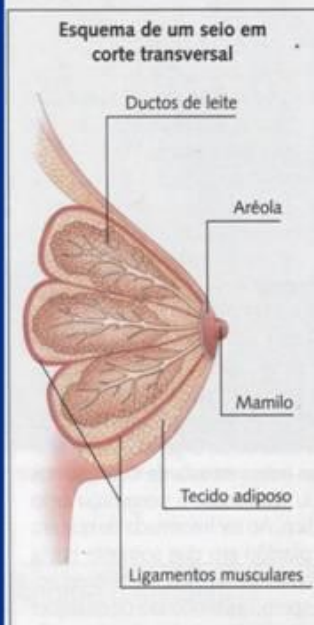
No início da puberdade, as meninas tendem a ser mais altas do que os meninos, mas, quando eles atingem cerca de 14 anos, em geral já se igualaram ou superaram as meninas em altura. Em média, as meninas atingem a altura aproximada de adulto aos 17 anos, e os rapazes continuam crescendo até por volta dos 19 anos.

Os pêlos aparecem em maior quantidade na adolescência. Crescem pêlos púbicos ao redor dos órgãos sexuais externos e nas axilas. Nos meninos, surgem também pêlos faciais (barba).

Nas garotas, há o desenvolvimento dos seios. A principal função dos seios é produzir o leite que será usado, após a gravidez, para alimentar o bebê. É comum, na adolescência, que um seio cresça mais do que o outro. Com o tempo, o tamanho dos seios tende a se igualar.

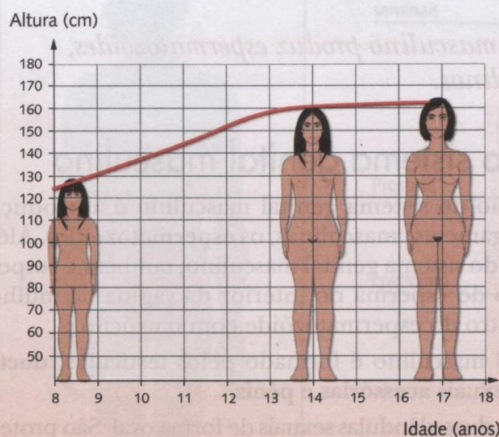
Os quadris das meninas alargam-se e seu corpo adquire formato mais arredondado. Nos meninos, os ombros ficam mais largos e os músculos se desenvolvem. A voz se modifica e torna-se mais grave. O pênis e os testículos se desenvolvem.

É importante, na adolescência, manter uma alimentação equilibrada e saudável, para garantir um bom desenvolvimento corporal.

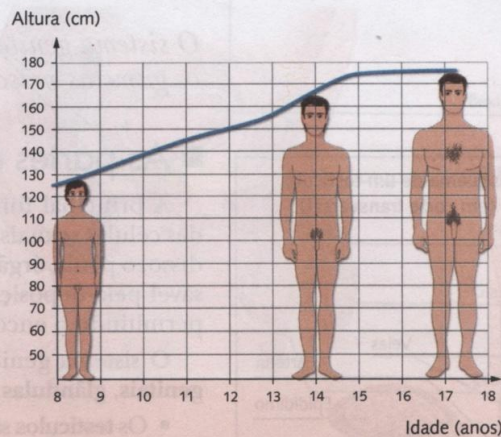


Fonte: TORTORA, Gerald J. *Corpo humano – fundamentos de anatomia e fisiologia*. Porto Alegre: Artmed, 2000. (Representação sem escala. Cores-fantasia.)

ESQUEMA DAS MUDANÇAS NO CORPO

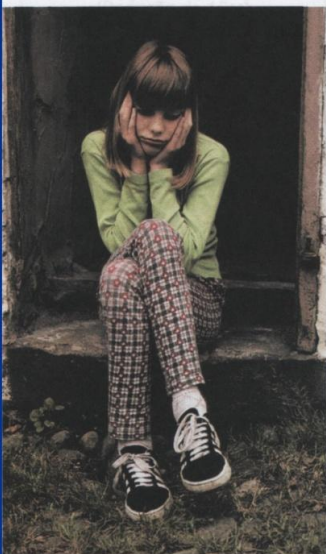


Mudanças no corpo feminino. Note o crescimento da menina, o desenvolvimento dos seios e o alargamento dos quadris.



Mudanças no corpo masculino. Note o crescimento do menino e o desenvolvimento do tórax.

Fonte: CAMPERGUE, Mariette et al. *Sciences de la vie et de la Terre*. 4e. Paris: Nathan, 1998. (Cores-fantasia.)



A adolescência pode trazer sentimentos de insegurança e fragilidade.

■ Tornando-se adulto: mudanças comportamentais

Além das mudanças físicas, os jovens experimentam sentimentos diferentes daqueles da infância. Meninas e meninos começam a mostrar interesse por conviver com pessoas do sexo oposto e aumenta a curiosidade sobre sexualidade.

Na adolescência, o jovem torna-se consciente de si mesmo e do que os outros pensam dele. Essa autoconsciência pode fazer com que muitos adolescentes se sintam tímidos, inseguros e fragilizados.

Muitos jovens podem experimentar mudanças de humor, isto é, ora se sentem felizes, ora deprimidos e mal-humorados. Nessa fase da vida, ter um grupo de amigos torna-se muito importante. É preciso aprender a se relacionar com os outros para tornar-se um adulto saudável e feliz.

■ As mudanças hormonais

Todas as mudanças da puberdade são controladas por **hormônios sexuais**. Nos **testículos**, parte do sistema genital masculino, ocorre a produção do hormônio masculino, chamado **testosterona**. Na puberdade, esse hormônio leva ao desenvolvimento dos **caracteres sexuais secundários masculinos**: aparecimento de barba, de pêlos na região dos órgãos sexuais e nas axilas e mudança do timbre da voz.

Nos **ovários**, parte do sistema genital feminino, ocorre a produção de dois hormônios sexuais femininos: o **estrógeno** e a **progesterona**. É na fase da puberdade que o **estrógeno** leva ao desenvolvimento dos **caracteres sexuais secundários femininos**: aparecimento de pêlos na região dos órgãos sexuais e nas axilas, desenvolvimento das mamas e alargamento dos quadris.

ANÁLISE DE IMAGENS

O mito Chica da Silva

As Minas Gerais foram muito ricas em ouro e diamantes, mas também em histórias. Uma delas era a da ex-escrava Chica da Silva, ou Francisca da Silva, que ficou famosa pelo poder que exerceu no Tijuco (Diamantina) durante o século XVIII. As histórias a descrevem como uma negra lindíssima e sedutora que conquistou o coração do rico contratador João Fernandes de Oliveira. Acredita-se que Chica da Silva tenha sido comprada ou libertada por João Fernandes.

Poder e sensualidade

Contam ainda que Chica seria muito extravagante e teria feito João gastar muito dinheiro para atender aos seus caprichos. Diz-se que ela se vestia como uma rainha, sempre coberta de jóias, tratava os portugueses com desprezo e mandava castigá-los por seu escravo Cabeça.

As histórias sobre Chica da Silva estão relacionadas ao mito que se criou sobre as mulheres negras na época da escravidão: sensuais e cativantes, que usavam os seus encantos para dominar os homens brancos e dessa forma conquistar tudo o que queriam.

Exemplo da arquitetura civil colonial mineira, a casa de Chica da Silva foi construída provavelmente na segunda metade do século XVIII.



Chica da Silva mandou instalar muxarabiés (treliças de madeira) nas janelas de sua casa para poder ver, sem ser vista, o que acontecia do lado de fora.



Mulheres alforriadas

Havia uma grande desproporção entre homens e mulheres nas Minas Gerais, daí ser comum homens brancos tomarem escravas como mulheres. Em geral, a mulher ganhava a alforria após a morte do homem com quem se relacionava, que afirmava a liberdade da escrava no testamento.

O texto a seguir mostra a maior facilidade que tinham as escravas na obtenção da alforria e ajuda a entender a fama de Chica da Silva.

“As relações de gênero e de raça estiveram fortemente interligadas nas Minas Gerais [...]. O sexo foi determinante nas condições mais ou menos facilitadas de acesso à alforria: as mulheres, majoritariamente, eram alforriadas na idade adulta [...]”.

FURTADO, Júnia Ferreira. *Chica da Silva e o contratador de diamantes: o outro lado do mito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 109.



Igreja do Carmo, em Diamantina (MG). Conta-se que Chica da Silva teria ordenado que a torre dos sinos fosse construída nos fundos da igreja, para que os toques não incomodassem o seu sono.



Quadro de Marcial Ávila, parte do painel da série "7 vezes Chica" mostrando a visão do artista sobre Chica da Silva.

ANÁLISE DE CONTEÚDO

1. A casa de Chica da Silva revela a sua condição social? Justifique.
2. Explique por que, segundo o texto, o número de escravas alforriadas em Minas Gerais era maior que o dos escravos.
3. Leia e compare este relato com as histórias contadas sobre Chica da Silva.

Outras versões

Chica da Silva viveu 16 anos com João Fernandes, com quem teve 13 filhos. Quando ele retornou a Portugal, levou seus quatro filhos e mais o primeiro,

que Chica tivera com seu antigo dono. Todos os filhos estudaram e atingiram altos postos no clero e no governo português. Todas as filhas, que ficaram no Brasil com a mãe, receberam uma fazenda como garantia de um bom casamento.

- Há semelhanças entre as versões? Justifique.
4. Observe Chica da Silva representada no painel de Marcial Ávila.
 - a) Descreva como o artista a representou.
 - b) O padrão de beleza que se vê no painel é atual ou daquela época? Justifique.
 - c) A pintura confirma a beleza e a sedução atribuídas a Chica da Silva? Justifique.

Leitura



Segunda leitura



Antes de ler o texto

- Como seus pais demonstram preocupação com você?
- Você é um filho carinhoso? Por quê?
- No texto a seguir, Carlos Eduardo Novaes apresenta um menino que é assaltado e a reação de seus pais a esse acontecimento. Como você imagina que os pais do garoto tenham reagido?
- O título, porém, indica que o assalto não é o tema principal desse texto. A partir do título, reflita: qual pode ser o tema principal do texto?



Carlos Eduardo Novaes (1940-) formou-se em Direito, é carioca e depois de passar longo período em Salvador, onde exerceu diversas atividades, regressou ao Rio de Janeiro. Dedicou-se ao jornalismo e descobriu posteriormente seu talento para o humor. A literatura passou a ser sua grande paixão.



Vida em família

[...]

Julinho provoca o pai, que mal desviou o olhar do prato à sua chegada. A provocação dissimulada era uma das táticas preferidas de guerrilha familiar no confronto não-declarado com Alberto, em constante desacordo sobre sua forma de viver e pensar o mundo.

O garoto permanecia ali, imóvel, expondo-se como um manequim de vitrine e nem Vera nem Alberto percebiam seus pés descalços. Entre dentadas e comentários tão triviais quanto o repasto, a mãe anunciou uma surpresa, mas antes que pudesse dizê-la o filho agitou os dedos do pé acenando para sua desatenção.

— Você está sem sapatos, filho! Que houve?

Julinho esboçou um sorriso sarcástico, agradecendo enfim pela observação, fixou o polegar esquerdo na palma da mão direita e girou os dedos no clássico gesto que significa “roubo”. Vera pulou da cadeira:

— Meu Deus! Você foi assaltado!

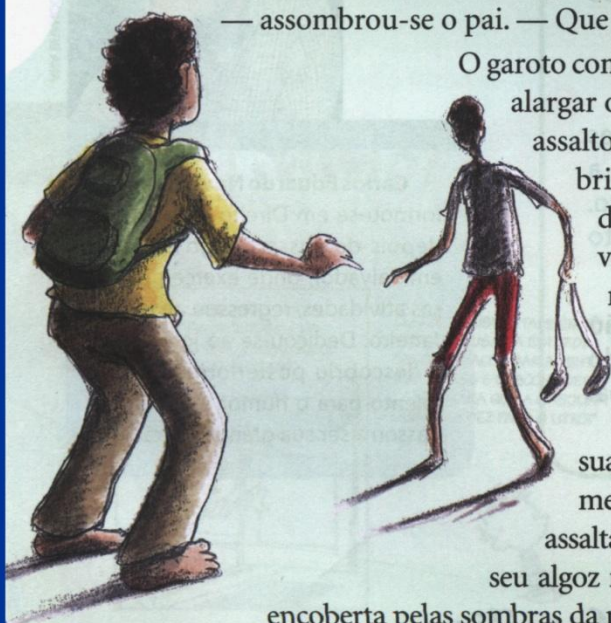
— De novo? — reagiu o pai largando o osso e chupando os dedos.

— Foi agora? Como? Onde? Fala! Diz!

— O pivete me abordou ali na ciclovia da Lagoa e com uma faca nas mãos mandou que eu tirasse o tênis.

— Tênis? Aquele tênis que eu trouxe dos Estados Unidos mês passado?

— assombrou-se o pai. — Que custou uma fortuna...?



O garoto concordou com a cabeça, sem dizer palavra, sem alargar os gestos, represando emoção. Era o terceiro assalto que sofria e, para quem acabara de ver o brilho de uma lâmina espetando-lhe as costelas, demonstrava uma tranqüilidade irritante. Talvez por entender que os assaltos são parte da rotina da vida. Talvez por desconhecer o preço de um tênis Platinum, de série limitada.

[...]

Julinho tornava-se espectador da sua própria cena. Enquanto os pais discutiam o melhor comportamento a seguir diante de um assaltante empunhando uma arma branca, ele revia seu alçôz na telinha da imaginação. Uma visão parcial, encoberta pelas sombras da noite que não lhe permitiam distinguir outros traços além dos olhos verdes e a cara de lua cheia. O garoto já o percebera antes, no mesmo local, sempre sozinho, a olhar o céu, distraído demais para infundir temor aos passantes. Desta vez, o mulato alto e magro como Julinho fazia-se acompanhar por um bando de meninos maltrapilhos que, bem mais baixos, lembravam jogadores de um time infantil à volta de um treinador adulto. O garoto surpreendeu-se com a abordagem, é fato, mas muito mais com o comportamento do assaltante que parecia ensinar aos pirralhos o modo correto de praticar um assalto.

— E vai ficar por isso mesmo? — a voz de Alberto adquiriu um tom de afronta.

Julinho respondeu com um leve movimento de ombros murmurando por entre os dentes: “Deixa pra lá, pai”. Foi a centelha que faltava para Alberto pôr sua raiva em movimento:

— Deixa pra lá? Você fala assim porque o dinheiro não sai do seu bolso. É por isso que a violência não diminui. Ninguém dá queixa. Ninguém faz nada. Todo mundo deixa pra lá! Eu não vou deixar! Eu não vou deixar! — e repetiu escandindo as sílabas: — Não vou deixar!

O garoto ouviu-o impassível, sem autoridade para contestá-lo, mas Vera reagiu chamando o marido à razão:

— Alberto! Você não vai sair por aí feito um maluco por causa de um par de tênis!

— Podia ser um grampo! — esbravejou. — De hoje em diante vou atrás do que é meu, seja lá o que for. Não agüento mais ser saqueado por essa bandidagem. Já foi carro, relógio, bolsa, rádio...

Alberto ajeitou-se na cadeira e, assumindo ares de delegado de polícia, espetou o dedo indicador na mesa perguntando ao filho em que ponto da ciclovía exatamente ocorreu o assalto. Julinho preferiu baixar os olhos e continuar em silêncio, que ele conhecia muito bem o temperamento do pai e não queria vê-lo envolvido em mais violência. Alberto aguardou a resposta e sem obtê-la ergueu-se impetuoso:

— Muito bem! Você não diz, mas eu vou descobrir. Vou à Polícia, à Interpol, ao Exército, onde for preciso, mas vou trazer esse tênis de volta ou não me chamo Alberto Calmon! De agora em diante vai ser na lei do cão!

[...]

Julinho olhou para os pés descalços e por alguma razão pensou no tênis, apenas um calçado para ele, talvez um pequeno sonho para o pivete. Estranho pensamento.

[...]

CARLOS EDUARDO NOVAES. *O Imperador da Ursa Maior*. São Paulo: Ática, 2000. (Fragmento).



■ A palavra é...

1 Escreva em seu caderno sinônimos para as palavras destacadas.

- “A provocação **dissimulada** era uma das **táticas** preferidas de **guerrilha** familiar [...]”
- “Entre dentadas e comentários tão **triviais** quanto o **repasto** [...]”
- “Julinho **esboçou** um sorriso **sarcástico** [...]”
- “[...] sem alargar os gestos, **represando** a emoção.”
- “[...] distraído demais para **infundir temor** [...]”
- “[...] a voz de Alberto adquiriu um tom de **afronta**.”
- “[...] e repetiu, **escandindo** as sílabas [...]”
- “O garoto ouviu-o **impassível**, sem autoridade para **contestá-lo** [...]”
- “[...] e sem obtê-la, ergueu-se **impetuoso**.”

■ A gravidez na adolescência

O momento da geração de um bebê é um período de grandes mudanças para qualquer mulher. Quando ocorre muito cedo, a gravidez pode significar, para os pais da criança, ter de abrir mão da própria adolescência.

Há vários mitos envolvendo o sexo e a gravidez. Ao contrário do que se pensa, uma garota pode ficar grávida na primeira relação sexual. A gravidez pode ocorrer na adolescência porque muitas moças e rapazes desconhecem os meios para evitá-la.

Durante a adolescência, a gravidez pode ter conseqüências diferentes do que para uma pessoa adulta. Tornar-se pai ou mãe na adolescência significa ter responsabilidades paterna ou materna antecipadas. Geralmente, os adolescentes não estão preparados para serem pais e mães, não têm um emprego para que possam sustentar um bebê ou não contam com o apoio da família.

Uma gravidez inesperada, em qualquer idade, pode trazer sentimentos opostos. O casal pode se sentir feliz e orgulhoso ou preocupado e zangado. A chegada de um bebê deve acontecer num momento planejado e esperado pelo casal.

■ Mudanças no organismo feminino durante a gestação

Durante a gestação, o organismo da mulher sofre diversas mudanças.

- O útero chega a aumentar cerca de 10 vezes o seu tamanho normal, e a sua massa vai de 45 g, antes da gravidez, para 1 kg, aproximadamente.
- As mamas aumentam de volume. Esse aumento prepara a mulher para o aleitamento do bebê quando ele nascer.
- A gestante pode ter azia, vômitos e náuseas, que são mais comuns e freqüentes até o terceiro mês de gestação.
- Pode ocorrer variação da pressão arterial. Isso requer atenção especial, pois pode causar complicações para a mãe ou o feto.
- A freqüência das micções aumenta por causa da compressão da bexiga urinária pelo aumento do tamanho do útero e pelo próprio feto. Além disso, durante a gestação ocorre o aumento da atividade renal.

■ Cuidados durante a gestação

A mulher pode levar uma vida normal durante a gestação, mas alguns cuidados especiais são necessários.

Obrigatoriamente, a gestante deve fazer o acompanhamento da gravidez com visitas periódicas ao médico. Esse acompanhamento, chamado de **pré-natal**, é feito para prevenir qualquer problema de saúde, tanto da mãe como do feto.

A futura mãe deve ter uma alimentação saudável e equilibrada. Além disso, a gestante não deve ingerir bebidas alcoólicas ou usar outras drogas, como a nicotina presente no fumo. As substâncias presentes nas drogas e nos medicamentos podem passar para o feto, por meio da placenta, e prejudicar o seu desenvolvimento. A administração de medicamentos deve ser feita somente sob orientação médica.

Saiba mais

Engordando na gravidez

Durante uma gravidez normal, a mulher pode ter um aumento de 9 a 12 kg, distribuídos da seguinte maneira:

- feto: 3,5 kg;
- placenta: 500 g;
- útero: 850 g;
- mamas: 450 g;
- líquido amniótico: 750 g;
- sangue: 1,25 kg;
- água fora das células: 1,20 kg;
- gordura: 1 a 3 kg.



O pré-natal faz parte dos cuidados durante a gravidez.

A exploração do trabalho infantil



Crianças trabalhando com sisal no município de Valente (BA), 1990.



Cartaz da Fundação Abrinq (Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos) denunciando o trabalho infantil no país.

CORTEISA FUNDAÇÃO ABRINQ

Crianças no campo

Nas áreas rurais, os meninos começavam a trabalhar desde muito pequenos, ajudando os pais nas tarefas diárias. No entanto, ao contrário do trabalho repetitivo das fábricas, as atividades no campo envolviam diferentes tarefas: semeadura, ordenha das vacas, construção de estábulos e galinheiros, alimentação dos animais, etc.

As meninas ajudavam em casa a preparar o pão e a comida. No fim da tarde, a família se reunia para o jantar e, principalmente no inverno, pais e filhos podiam conversar durante horas, aproveitando para realizar outras tarefas, como fiar, tecer, fabricar calçados, mesas e outros artigos.

As festas e as feiras de mercadores eram momentos esperados pelas famílias, ocasião em que podiam encontrar pessoas diferentes e se divertir.

Crianças no mundo do trabalho

No época da Revolução Industrial, a exploração do trabalho dos operários tornou-se uma fonte de enormes lucros para os capitalistas. Preocupados em pagar salários cada vez mais baixos, os donos de fábricas empregavam muitas crianças, grande parte delas recrutadas nos orfanatos ingleses.

Passados mais de 200 anos, a exploração do trabalho infantil ainda é muito praticada em diferentes regiões do mundo, principalmente em países de industrialização mais recente, como o Brasil.

Em todo o mundo, várias organizações oficiais e não-oficiais dedicam-se a combater a exploração do trabalho infantil. No entanto, apesar da ação dessas entidades e do controle de muitos governos, crianças continuam deixando os brinquedos e a escola para dedicar-se ao trabalho.

Conheça agora um pouco da história do trabalho infantil na Inglaterra, nos primeiros tempos da industrialização.



MULTON ARCHIVE-GETTY IMAGES

A tecelã, pintura de Ramón Planella, século XIX.

Crianças na cidade

Nas cidades, a vida das crianças mudou completamente. Primeiro, o tempo de convívio na família diminuiu, pois as longas jornadas de trabalho impediam que pais e filhos pudessem desfrutar dos momentos de conversa que tinham no campo.

Nas cidades, também, as crianças perderam o estreito contato que tinham com a natureza. Já não podiam nadar no rio, subir em árvores nem andar a cavalo. A paisagem era outra: ruas sujas e estreitas, moradias apertadas e fétidas, céu escurecido pela fumaça das chaminés.



Bairro operário em Londres, Inglaterra, em 1889.

Crianças na fábrica

Inicialmente só as crianças abandonadas em orfanatos eram entregues aos patrões para trabalharem como aprendizes nas fábricas ou nas minas. Com o tempo, crianças que tinham famílias seguiram o mesmo caminho.

As crianças começavam a trabalhar por volta dos 6 anos de idade. O trabalho era monótono e muito cansativo, e o salário correspondia, em média, à quinta parte do que era pago aos adultos.

O turno de trabalho normalmente se estendia das 5 horas da manhã até as 7 horas da noite, ou seja, as crianças trabalhavam 14 horas por dia. Acidentes de trabalho e doenças decorrentes das condições insalubres das fábricas ocorriam com frequência. Muitas crianças perderam mãos, dedos ou braços nas fábricas inglesas.

Atividades

Registre em seu caderno

ANALISE E INTERPRETE

1. Monte no caderno um quadro comparativo da vida das crianças inglesas no campo e na cidade na época da Revolução Industrial. Considere os seguintes aspectos.

- A relação com a família.
- A relação com o trabalho.
- A relação com a natureza.

2. Copie em seu caderno os trechos do texto que indicam:

- as tarefas desenvolvidas pelos meninos nas áreas rurais;
- como eram as condições de trabalho nas fábricas;
- as conseqüências do trabalho para a saúde das crianças.

3. Observe a imagem e responda às perguntas.



Menina operando máquina em indústria têxtil inglesa, foto de 1910.

- Como é o ambiente mostrado nessa gravura? Descreva as personagens, as condições de trabalho e indique as características da arte do fotógrafo que chamaram sua atenção.
- A situação mostrada nessa gravura é anterior ou posterior à Revolução Industrial inglesa? Justifique.

IMAGINE...

Se você tivesse de abandonar a escola para trabalhar e ajudar sua família a manter a casa, como seria sua vida? Pense e escreva um pequeno texto em seu caderno.

O trabalho infantil no Brasil atual

“O trabalho infantil é proibido no Brasil. Ainda assim, mais de 3 milhões de crianças e adolescentes menores de 14 anos, em vez de participar de atividades de socialização, de brincadeiras e de ter tempo para o estudo, passam o dia trabalhando para garantir seu sustento ou de sua família. Trabalham na agricultura, nas carvoarias, pedreiras, canaviais, fábricas de calçados, oficinas mecânicas, no tráfico de drogas, nos lixões, na prostituição, pedindo dinheiro nos semáforos e esquinas, o que traz consequências danosas para o seu desenvolvimento físico e psicológico.

Esta situação é, em parte, decorrente da baixa renda de muitas famílias, para as quais o trabalho infantil é uma questão de sobrevivência. Os empregadores, por sua vez, aproveitam-se da mão-de-obra infantil, que se submete a salários mais baixos. Os organismos sindicais se omitem por se tratar de setores não-organizados da economia. E, muitas vezes, os próprios pais ou responsáveis consideram o trabalho preferível à escolarização por ser mais ‘educativo e rentável’.

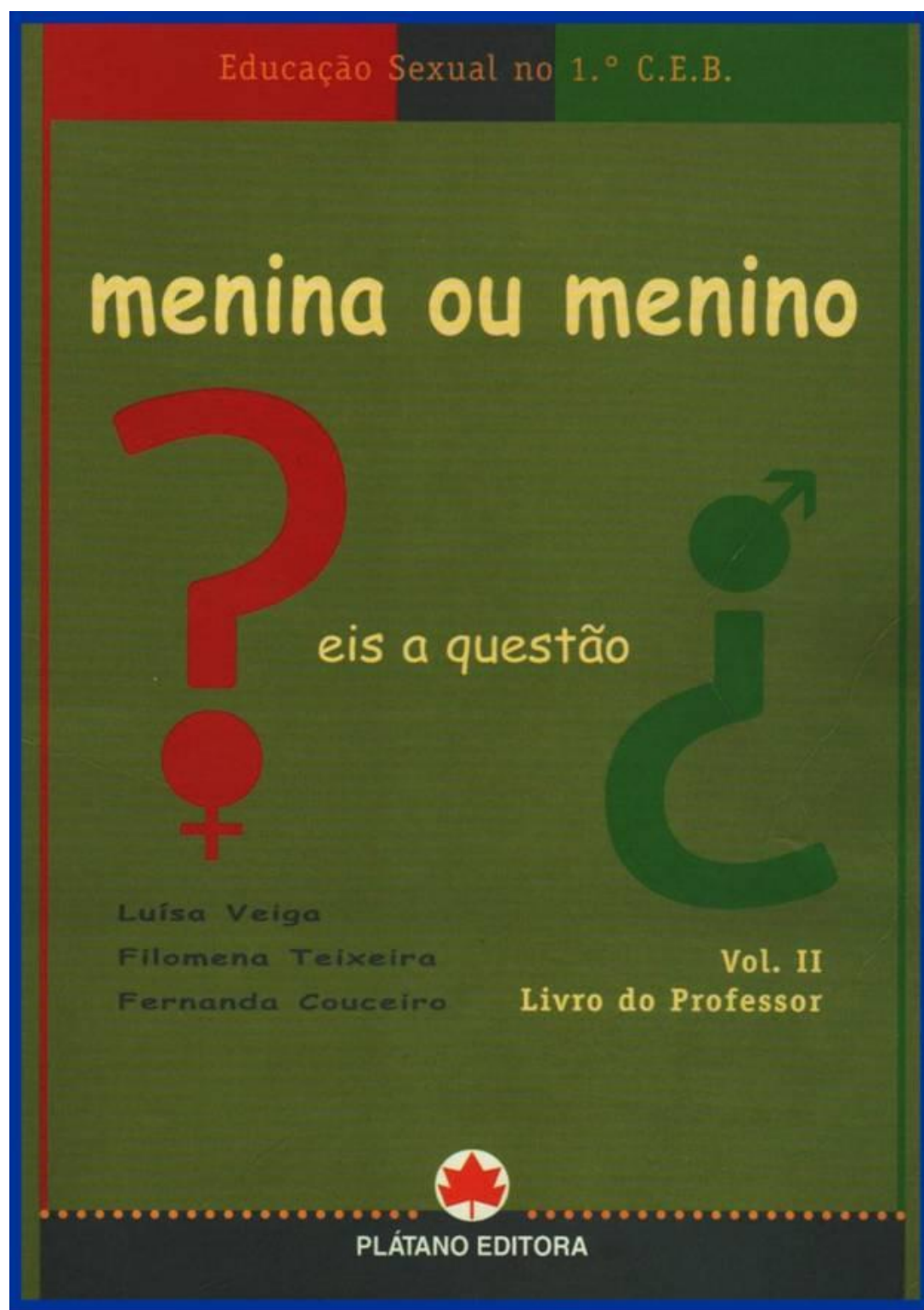
Além disso, nem sempre o poder público está suficientemente empenhado no controle e aplicação das leis que proíbem o trabalho infantil, nem busca eliminar as causas estruturais dos desequilíbrios econômicos e sociais que forçam crianças e adolescentes a trabalhar.

A população em geral é indiferente à situação e vê o trabalho infantil como a única chance de sobrevivência para os mais pobres. Muitos acreditam que colocar crianças e adolescentes de baixa renda para trabalhar é disciplinador, ajudando a evitar a ‘vadiagem’ e a criminalidade.

O Estatuto da Criança e do Adolescente proíbe totalmente o trabalho da criança menor de 14 anos e o permite aos adolescentes entre 14 e 16 anos, desde que na qualidade de aprendiz, e sem prejudicar a escolarização. O que se tem visto é que, à medida que a criança e o adolescente começam a trabalhar, abandonam a escola. São apontadas como principais causas, além da jornada prolongada, as distâncias entre o trabalho, moradia e escola e a má qualidade do ensino. [...]



A miséria sujeita as crianças a qualquer tipo de ação para obterem seu sustento. À esquerda, menino quebra cocos de babaçu, em Matinha (MA); no alto, garoto trabalha de engraxate no Rio de Janeiro; acima, à direita, crianças pedem esmolas nas ruas de São Paulo. Fotos de 2002.





Quem sou eu?



E eu?



Eu sou o João!

Eu sou a Joana!

- Qual é o João ?
- Qual é a Joana ?

■ Ambos gostamos muito de ir à escola, para aprender e brincar...



▲ Agora que conheces algumas das suas brincadeiras favoritas, já sabes:

- Qual é o João ?
- Qual é a Joana ?

os dois gostamos de ajudar...



▲ Será que, a partir destas imagens, és capaz de dizer:

- Qual é o João ?
- Qual é a Joana ?

■ Duas vezes por semana, vamos à piscina nadar...



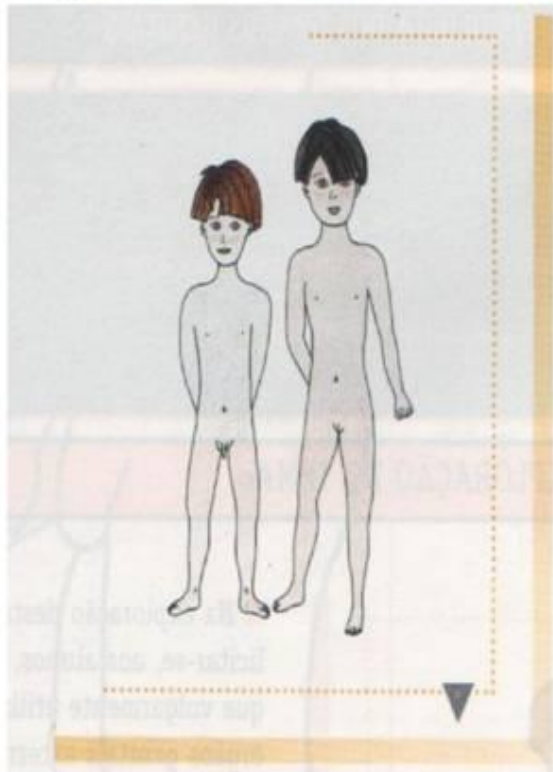
▲ Equipados assim para ir ao banho, consegues reconhecer:

- Qual é o João ?
- Qual é a Joana ?

▲ Vamos rever o que já sabes...

(tenta preencher o quadro até onde fores capaz)

		
cor dos olhos		
cor do cabelo		
tarefas domésticas em que participa		
brincadeiras favoritas		
sexo		
nome		



APÊNDICES

APÊNDICE 1

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE CIÊNCIAS NA AMAZÔNIA

ENTREVISTA COM OS ALUNOS

Caro aluno, este questionário foi desenvolvido com o objetivo de avaliar o seu conhecimento, e suas crenças sobre a temática da sexualidade. Para fazer esta pesquisa a sua opinião sincera é um fator indispensável. Certos de contar com sua valiosa colaboração, antecipadamente agradecemos.

Escola: _____

Data: _____ Turma _____ Ano _____

Idade: _____ anos

Sexo: Masculino _____ Feminino _____ Ano de Escolaridade: _____

Data: _____

1. o que você sabe sobre sexualidade?

A	(.....)	O relacionamento sexual existente entre seres humanos.
B	(.....)	O relacionamento sexual existente entre seres humanos de sexos diferentes.
C	(.....)	As características sexuais do físico apresentadas em homens e mulheres.
D	(.....)	As características sexuais do físico acompanhadas de manifestações afetivo-emocionais.
E	(.....)	O conceito de sexualidade abrange as vertentes biológica (corpo), psicológica (identidade de gênero, relações afetivas) e social (valores, comportamentos, normas e modelos).

2. Você sabe, quais são os motivos que levam aos jovens a engravidar cedo?

(.....)	Para receber uma pensão pelo filho
(.....)	Relações sexuais com pessoas conhecidas na Internet
(.....)	Ausência de informação sobre métodos contraceptivos
(.....)	Desejo de Engravidar e fugir de casa por maus tratos
(.....)	Gravidez por estupro do pai, padrasto ou outro membro da família.

3. Você concorda que homens e mulheres podem participar das mesmas atividades como: trabalhar, cozinhar, fazer faxina, brincar de boneca, brincar de carrinho? Sim (), Não ()

APÊNDICE 2

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE CIÊNCIAS NA AMAZÔNIA

ENTREVISTA COM OS PROFESSORES

Caro professor, este questionário foi desenvolvido com o objetivo de avaliar o seu conhecimento, e as metodologias utilizadas em sala de aula para trabalhar o tema Orientação Sexual como tema transversal na escola. Para fazer esta pesquisa a sua opinião sincera é um fator indispensável. Certos de contar com sua valiosa colaboração, antecipadamente agradecemos.

Nome:

Idade.....

Tempo de Magistério.....

Nome da Disciplina que Leciona..... Séries que Ministra Aulas_____

.....

Data:.....

1.- Você conhece o que é Orientação Sexual?

2.-O que significa para você transversalidade?

3.- Você trabalhou alguma vez a transversalidade utilizando o tema Orientação Sexual

(Sim (), Não (). Descreva:.....

4 .Qual foi a metodologia utiliza para desenvolver a temática?

APÊNDICE 3

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE CIÊNCIAS NA AMAZÔNIA

CONHECIMENTOS PREVIOS SOBRE SEXUALIDADE E RELAÇÕES DE GÊNERO

Data: _____ Turma _____ Ano _____

Nome do aluno: _____ Idade: _____ anos

Sexo: Masculino _____ Feminino _____ Ano: _____

Caro(a) aluno(a) este questionário foi desenvolvido com o objetivo de avaliar o seu conhecimento sobre a temática Identidade Sexual e Gênero. Para tal fim você deverá lêr e responder as afirmações a seguir, fazendo um X, se considera a afirmação verdadeira, ou falsa. Certos de contar com sua valiosa colaboração, antecipadamente agradecemos.

1	Os nomes corretos utilizados nos livros didáticos para identificar os órgãos genitais masculinos e femininos são: pênis e vagina.	V	(.....)	F	(.....)
2	O sexo diz respeito aos órgãos genitais dos meninos e das meninas.	V	(.....)	F	(.....)
3	Sexualidade é um aspecto central de ser humano durante a vida. Abrange o sexo, identidade e papéis do gênero, ela é expressada em: pensamentos, fantasias, desejos, opiniões, atitudes, valores, comportamentos.	V	(.....)	F	(.....)
4	O gênero diz respeito aos papes de masculino e feminino, os quais são escolhidos por cada individuo.	V	(.....)	F	(.....)
6	Para se prevenir de uma DST e da gravidez indesejada o homem e quem decide quando usar a camisinha.	V	(.....)	F	(.....)
7	Homens e mulheres tem a responsabilidade de utilizar camisinha na Relação Sexual.	V	(.....)	F	(.....)

APÊNDICE 4

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE CIÊNCIAS NA AMAZÔNIA

**CONHECIMENTOS PREVIOS SOBRE VIOLÊNCIA SEXUAL E PEDOFILIA NA
INTERNET**

Caro(a) aluno(a) este questionário foi desenvolvido com o objetivo de avaliar o seu conhecimento, sobre a temática Violência familiar e Violência sexual. Para tal finalidade você deverá ler e responder as afirmações a seguir, fazendo um X, se considera a afirmação verdadeira, ou falsa. Certos de contar com sua valiosa colaboração, antecipadamente agradecemos.

Data: _____ Turma _____ Ano _____

Nome do aluno: _____ Idade: _____ anos

Sexo: Masculino _____ Feminino _____

1	A violência doméstica e todo ato de agressão ou omissão praticado por pais, parentes ou responsáveis contra criança e ou adolescente	V	(.....)	F	(.....)
2	Existem cinco tipos de Violência doméstica (negligência, abandono, violência psicológica, violência física e Violência Sexual)	V	(.....)	F	(.....)
3	A violência física é causar dano por meio da força física, ou com algum tipo de arma o instrumento que possa causar lesões no corpo.	V	(.....)	F	(.....)
4	A violência psicológica é toda palavra ofensiva, como insultos, humilhações, discriminação.	V	(.....)	F	(.....)
5	A Negligencia e toda ação de abandono e descuido exercida pelo adulto, colocando em risco a vida de uma criança.	V	(.....)	F	(.....)
6	A violência sexual é toda ação na qual uma pessoa, em situação de poder, obriga uma outra pessoa á realização de práticas sexuais, contra a vontade, por meio da força física e da influência psicológica.	V	(.....)	F	(.....)
7	A pedofilia significa atração sexual de um indivíduo adulto dirigida primariamente para crianças e pré-púberes.	V	(.....)	F	(.....)
8	O pedófilo é a pessoa que sente atração por crianças e adolescentes, brinca com elas, se mostra afetuoso, algumas vezes oferece presentes em troca de favores sexuais.	V	(.....)	F	(.....)
9	Para estabelecer contato com os adolescentes ou crianças o pedófilo utiliza: a Internet, convites em festas, cartas, telefone, etc.	V	(.....)	F	(.....)

10	Os métodos de aproximação utilizados pelos pedófilos são: através de identidades falsas, utilizam o mesmo linguagem que as crianças,dão confiança a suas vitimas, realizam ameaças e chantagens.	V	(.....)	F	(.....)
11	Em caso da tentativa ou consumação de abuso sexual, uma criança ou adolescente deverá seguir os seguintes passos: a) Contar para seus pais ou professores imediatamente após de acontecido o fato, b) registrar um Boletim de ocorrência na delegacia, c) Denunciar no Conselho tutelar, d) procurar um medico no Hospital, e e) solicitar tratamento psicológico.	V	(.....)	F	(.....)
12	Em caso de uma criança ou adolescente ser vitima de violência deverá seguir os seguintes passos: a) Denunciar a diretora da sua escola, b) contar para sua vizinha ou amiga mais próxima, c) manter o segredo e nunca contar para ninguém.	V	(.....)	F	(.....)
13	O Estatuo da Criança e do Adolescente (ECA), contem as leis que normatizam os direitos das crianças e dos adolescentes.	V	(.....)	F	(.....)
14	O artigo 5 do ECA define que nenhuma criança ou adolescente será sujeito de qualquer forma de negligencia, discriminação, exploração, violência, crueldade e expressão, punido na forma de lei Qualquer atentado por ação ou omissão aos seus direitos	V	(.....)	F	(.....)
15	Os meios de abordagem mais utilizados pelos pedófilos na Internet são: Mensageiro instantâneo: Messenger, Chat: salas de bate papo, Blog: diário pessoal, Email:correio eletrônico, Redes de relacionamento: Orkut	V	(.....)	F	(.....)
16	A internet tem como riscos à exposição a conteúdos inapropriados: violência, pornografia, contato com pedófilos ou pessoas agressivas com quem possa se ter más experiências no futuro.	V	(.....)	F	(.....)

APÊNDICE 5

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE CIÊNCIAS NA AMAZÔNIA

INVENTÁRIO DE ATITUDES

As questões seguintes não são um teste ao que tu sabes. Nesse inventário, o nosso interesse radica naquilo em que acreditas em relação a algumas questões importantes. Assinala o número correspondente ao quanto tu concordas ou discordas com cada uma das afirmações que apresentamos a seguir.

Faz um círculo à volta de:

1. se discordas totalmente ,
2. se discordas um pouco
3. se concordas um pouco
4. se concordas totalmente
5. Indiferente

1.- Para mim o homem é mais forte que a mulher e por isso deverá exercer mais autoridade.

1 2 3 4 5

2.-Se eu fosse a ter sexo considero que é a mulher quem deverá estar protegida.

1 2 3 4 5

3.- As mulheres por ser mais sensíveis podem cuidar dos filhos melhor do que os homens.

1 2 3 4 5

4- Se eu tivesse relações sexuais escolheria sempre a mesma (o) parceira (o) e não me importaria se outros zombassem de mim por causas disso.

1 2 3 4 5

5.- Existem brincadeiras e atividades só para meninos e brincadeiras e atividade só para meninas.

1 2 3 4 5

6.- É uma boa opção se refugiar na casa dos vizinhos quando no lar tem muitas brigas.

1 2 3 4 5

7.- Considero que é importante saber que existe tratamento psicológico para pessoas que batem nos filhos e no cônjuge.

1 2 3 4 5

8.- Sei que é muito importante contar para minha mãe, para minha professora, ou a para a psicóloga se alguém tenta pegar no meu corpo.

1 2 3 4 5

- 9.- E melhor que meninas e meninos mantenham em segredo o fato de ter sido vitima de estupro em casa, por que poderia dar muita confusão.
1 2 3 4 5
- 10.-Considero que uma criança ou adolescente deverá aceitar de bom agrado se uma pessoa adulta tenta acariciar o seu corpo.
1 2 3 4 5
- 11.-Considero que quando uma criança ou adolescente é vitima de maus tratos não conseguirá ter motivação para estudar e planejar o seu futuro.
1 2 3 4 5
- 12.- Considero importante conhecer os métodos utilizados pelos pedófilos para estar preparado e me defender.
1 2 3 4 5
- 13.- Considero que conhecer pessoas pela internet é muito perigoso.
1 2 3 4 5
- 14.-A traves do Orkut envio todas minhas fotos para qualquer pessoa que tenha interesse em me conhecer.
1 2 3 4 5
- 15.- É muito emocionante marcar um encontro ao vivo através da internet com alguém desconhecido.
1 2 3 4 5
- 16.- Me sinto mais livre e com confiança de expressar o que sinto quando me comunico através do computador.
1 2 3 4 5

APÊNDICE 6

OS AMIGOS DESCONHECIDOS NO ORKUT

Era uma vez a história de uma linda menina que gostava de pesquisar na internet de manhã de tarde e de noitinha Um belo dia conheceu um amigo, que dizia ter sua idade, e que gostava de fazer novas amizades

A linda menina se ligava ao computador todos os dias, e contava para seu novo amigo os seus problemas, sonhos e emoções. Trocavam figurinhas, idéias, músicas e brincadeiras. Um dia o menino solicitou da linda menina que enviasse uma foto dela sem nada de roupinha.

Ela enviou muitas fotos uma e outra vez sem pensar o que iria acontecer. Foi então, numa tarde chuvosa, que o menino fez a proposta de a encontrar num belo lugar, que com certeza ela iria gostar

Assim, não contou para ninguém, com medo de não acontecer o seu sonho de conhecer o seu príncipe encantado. O encontro se deu e veja o que aconteceu: O amigo misterioso se aproximou, quando isso aconteceu, a linda menina notou que ele era muito mais velho do que dizia ser, ela ficou com medo e tentou fugir, mas era muito tarde, ele a pegou com força e fez muita maldade. A menina pediu ajuda, sendo socorrida e levada para casa. Após do acontecido contou tudo para os seus pais, os quais pediram ajuda na delegacia e no conselho tutelar.

A linda menina estava triste, um dia procurou sua professora que a escutou com muita atenção, foi então que a encaminhou com Dona psicóloga quem lhe ensinou o começo de uma linda história. Finalmente aprendeu que bons amigos são os que querem o melhor para a gente e não são os que conhecemos através da internet.

APÊNDICE 7

A FAMÍLIA DE JÃO E JOANINHA

Era-se uma vez dois irmãos, o menino se chamava João e a menina se chamava Joaquina ambos moravam numa comunidade vizinha. Os pais brigavam todos os dias. O pai falava mais alto, e todo se tremia !!!!! Mas um dia de briga.....

A Joaquina escutando o que acontecia tentou parar a briga e na tentativa de consolar a mãe , recebeu um forte grito e peia do pai Pobre Joaquina!!!!!!!!

João ficou muito bravo tentou segurar o pai, mas nesse instante atravessou o cão, o menino se descuidou e tropeçou no chão. Pobre João!!!!!!

Foi então que ambos decidiram fugir de casa, mais rapidamente pensaram para onde será que eles poderiam ir?, sem dinheiro e sem trabalho tudo ficaria muito apertado. Joaquina pensou: a gente poderia trabalhar mas se desse tudo mal?

Surgiu a grande idéia de contar tudo o que acontecia para sua professora Vera que na imaginação dos meninos parecia uma fada muito bela.

Acolhendo-os com amor procurou uma solução.os três pediram ajuda no conselho tutelar quem os encaminhou para nossa amiga psicóloga.

E como acabou finalmente a historia? O pai foi chamado sendo orientado a resolver o problema sem gritos nem peias , assim ele aprendeu que a família é uma só e para todo problema existe sempre uma solução, com muita paz e muito amor.

NOTAS DE RODAPE:

¹ Para Kuhn o termo paradigma é empregado para analisar a produção de conhecimento científico, argumentando que os cientistas durante o período de sua formação estão apropriando-se de padrões de resoluções de problemas de investigação, ou seja de paradigmas científicos aceitos (KUHN, 2006).

² O conceito de obstáculo epistemológico é definido por Bachelard como os retardos e perturbações que se incrustam no próprio ato de conhecer. Para maior aprofundamento pesquisar a seguinte fonte: Bachelard, G. A formação do espírito científico. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

³ Trata-se de um termo adquirido da psicologia cognitiva o qual busca sempre a relação de inseparabilidade e as inter -retroações entre qualquer fenômeno e seu contexto e deste com o contexto planetário. Para mais aprofundamento pesquisar (MORIN, 2001, p.86).

⁴ A religação implica um problema de reaprendizagem do pensamento quem por sua vez, supõe a entrada em ação de três princípios: o pensamento linear, a dialógica e o princípio hologramático. Para mais aprofundamento pesquisar (MORIN, 2001, p. 68).

⁵ O conceito de coping tem sido descrito como o conjunto das estratégias utilizadas pelas pessoas para adaptarem-se a circunstâncias adversas ou estressantes, para mais informação pesquisar em: Antoniazzi e Dell'Aglio Debora. O conceito de coping uma revisão teórica, 1998.

⁶ Na história francesa, “lettres de cachet” eram cartas assinadas pelo rei de França no século XVIII, as quais continham ordens diretamente do rei, muitas vezes para impor ações arbitrárias e julgamentos que não podiam ser objeto de recurso. Devendo ser confinados em um convento ou um hospital, assim mesmo forma utilizadas também pelos chefes de família como meio de correção, por exemplo, para proteger a honra da família a partir da conduta desordenada ou “criminal” dos filhos.

⁷ Cultura adultocêntrica e uma categoria utilizada para explicar que muitos recursos relacionados com a condução da vida social estão centrados nas pessoas adultas, pois elas são o paradigma de pessoa; por esse motivo estão em uma situação de dominação com relação a grupos mais vulneráveis como crianças, e jovens.

⁸ Termo utilizado por Bowen (1978); Williamson, (1982), para definir os processos de comunicação que são transmitidas pela família de uma geração a outra e se mantêm presentes ao longo da historia familiar.

⁹ Palestra proferida no Congresso Internacional Palestra intitulada Cumplicidade e violência no Congresso Internacional de Família e Violência. Florianópolis, 1999.

¹⁰ Concepção adotada no I Congresso Mundial contra a Exploração Sexual comercial de crianças, realizado em Agosto de 1996 em Estocolmo.

¹¹ Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência não governamental com sede no Rio de Janeiro que tem por objetivo trabalhar na prevenção primária, secundária e terciária da violência contra as crianças e adolescentes nas suas principais formas.

¹² Artigo que pode ser encontrado no site < <http://www.ncpam.com/2009/11/meninas-do-amazonas-e-os-pedofilos-no.html>>.

¹³ Documentário que pode ser visualizado em: <http://www.youtube.com/watch?v=4X36GyKvJc>

¹⁴ Projeto de prisão modelo para a reforma dos encarcerados descrito pelo filósofo Bentham em 1789, sendo idealizado por ele para entender o poder de controle disciplinador na vida do indivíduo, exercida pelas instituições educacionais, de assistência e de trabalho como parte de uma solução econômica para os problemas do encerramento e o esboço de uma sociedade racional.

¹⁵ No Iluminismo representado pela filosofia Rousseauiana a definição da natureza humana é um equilíbrio perfeito entre o que se quer e o que se tem.

¹⁶ Conceito introduzido por Eric Berne para definir uma relação caracterizada pela dependência e passividade patológica de um sujeito a outro impedindo-lhe de agir com liberdade.